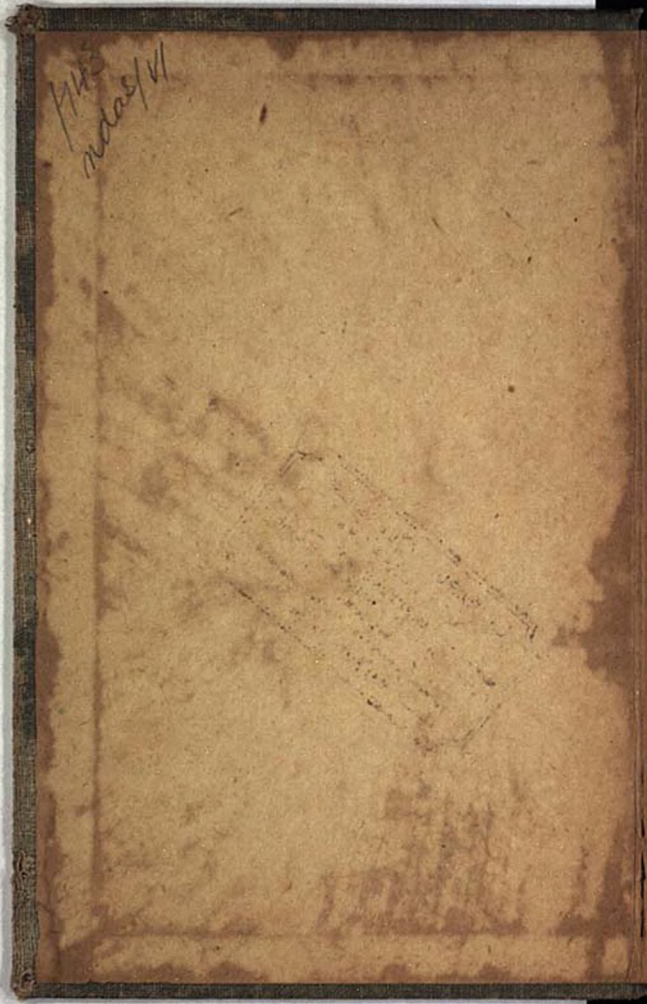
MACEDO

OS QUATRO PONTOS CARDEAES

LIVRARIA GARNIER
RIO DE JANEIRO

332



LIVRARIA "CLASSICA"
DE J. J. DA CAMARA
TELEPHONE 344
Caixa postal, 109 — End. tel. "CLASSICA"
BUAS
Guilherme Moreira 1-6 e Theodoreto Souto, 11
MANAOS — BRAZIL

OS

QUATRO PONTOS CARDEAES

—

MYSTERIOSA

OBRAS QUE SE ACHÃO A VENDA NA MESMA CASA :

J. M. de Macedo

Um noivo á duas noivas, romance. 3 v. in-8°, br. 6$, enc. 8$000
— A Namoradeira, romance. 3 v. br. 6$000, enc..... 8$000
— Nina, romance, 2 v. br. 4$000, enc..... 5$000
— As Mulheres de Mantilha, romance historico, 2 v. br. 4$000, enc..... 5$000
— A Luneta Magica, romance. 2 v. in-8 br. 4$000, enc. 5$000
— As Victimas Algozes, quadros da escravidão. 2 v. br. 5$000
— A Moreninha. 1 v. com estampas, enc..... 3$000
— A Nebulosa. 1 v. enc..... 3$500
— Culto do Dever. 1 v. enc. ..... 5$000
— Memorias de um Sobrinho de meu Tio. 2 v. enc.. 5$000
— Moço Loiro. 2 v. enc..... 3$000
— Os Dous Amores. 2. v. enc..... 5$000
— Romances da Semana. 1 v. enc..... 5$000
— Rosa. 2. v. enc..... 5$000
— Vicentina. 3ª edição. 2 v. br..... 5$000
— Theatro completo. 3 v. enc..... 9$000
Luxo e Vaidade, Primo da California, Amor e Patria, comedias, 1 v. in-8 br. ..... 2$000
Lesbella, comedia. 1 v. in-8 br ..... 1$500
Fantasma Branco, comedia. 1 v. in-8 br..... 1$500
Novo Othello, comedia. 1 v. in-8 br. 500
O Primo da California, comedia. 1 v. in-8 br.... 1$000

Bernardo Guimarães

O Garimpeiro, romance. 1 v. in-8 br. 2$000, enc. 3$000
O Ermitão do Muquem, ou historia da fundação da romaria do Muquem, na provincia de Goyaz; romance de costumes nacionaes. 1 v. enc..... 3$000
Lendas e Romances: Uma Historia de Quilombolas, a Garganta do Inferno, a Dansa dos Ossos. 1 v. br. 2$000, enc..... 3$000
Poesias. Cantos da solidão. 1 v. enc..... 6$000

Machado de Assis

Contos Fluminenses, contendo: Miss Dollar, Luiz Soares, A mulher de preto, O segredo de Augusta, Confissões de uma moça, Frei Simão, Linha recta e linha curva. 1. v. enc..... 3$000
Chrysalidas. Poesias. 1 v. in-8 br. 2$000..... 2$000
Phalenas. Poesias. 1 v. in-8 ..... 3$000
Ressurreição, romance, 1 v. in-8 br 2$000, enc... 3$000

Rozendo Moniz

Favos e Travos, romance. 1 vol. in-8 br. 2$000, enc.. 3$000

OS

QUATRO PONTOS CARDEAES

MYSTERIOSA

ROMANCES

POR

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

HL 898

RIO DE JANEIRO
B. L. GARNIER
LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO
69, Rua do Ouvidor, 69

Hélio Lipes

HL
869.9332
M141g

OS
QUATRO PONTOS CARDEAES

I

Na cidade do Rio de Janeiro quasi todos conhecem ou pelo menos suppõem conhecer á Estanisláo Vieira.

Homem activo e laborioso, ainda não pareceo sentir que transpoz já a linha do meio seculo. É de estatura regular, cheio de corpo, e pudéra ser elegante, se algum dia tivesse pensado em sêl-o; de cabellos pretos, olhos grandes, vivos e em constante e agitada inspecção; de rosto oval e pallido, boca rasgada, labios secos, rir facil, mas fugaz e como irreflectido; de barba falhada, mas toda crescida, e dispensando por tanto barbeiro.

ieb

Veste-se mal: paletot de alpaca sempre, collete nem sempre, calça branca nunca. Suas mãos, alias bem feitas, jamais darão no mundo testemunho da existencia de *Jouvin*; seos pés ignorão duas cousas: — que haja calçado da fabrica de *Millies*, e que em falta de graxa e de escovas em casa, se encontrem *engraxes* á cada canto da cidade.

Mas Estanislão para vestir e calçar compra sempre o peior, e não ha caso em que ficasse devendo o melhor.

É grande cabalista em eleições e pretende a gloria de não ter mudado uma só vez de partido; porque sempre vota e trabalha de accordo com o governo, e porisso se ufana de legitimo *conservador*.

Sendo quasi sempre candidato á eleitor, não despende todavia um real nas eleições; sabe porem enfileirar desenas de votantes, pondo em tributo a *caixa do partido*, dando das sommas despendidas as contas sem recibos, que são aceitas *bona fide*.

Acabadas as eleições, é indifferente á politica e só lê periodicos quando lh'os emprestão. Regeitou uma vez ser juiz de paz, e mais de dez vezes se tem negado á ser inspector de

quarteirão. De seos serviços eleitoraes só tem querido, pedido e conseguido uma unica recompensa: *é não entrar na lista dos jurados.*

Estanislão Vieira não vive da teta do Estado; mas tambem não admitte que o fação perder o seo tempo, servindo ao Estado e á sociedade de amor em graça.

Gratis é palavra que em sua opinião quer diser — absurdo. O seo patriotismo somente se manifesta quando trabalha em eleições com a condição de não ser *jurado*, ou quando de anno em anno compra alguma apolice da divida publica.

Vive de agencias e de cobranças; no thesouro e nas secretarias de Estado é solicito e escrupuloso procurador de seos *numerosos amigos;* encarrega-se de compras de quaesquer objectos, e satisfaz com exemplar fidelidade todas as encommendas, com que o atarefão os seos conhecidos dos municipios do interior; mas a *sua commissão* é impriscindivel.

Não ha vida nem proceder que escape á murmuração dos maldisentes de officio e aos sarcasmos dos inimigos gratuitos ou não.

Por gosto de espisinhar, ou por desforra de alguma negativa á favores pedidos, houve um

dia quem se lembrasse de chamar Estanisláo — *Alma fechada;* a alcunha pegou, e *Alma fechada* quasi que vive e anda pelo mundo sem nome de baptismo.

Estanisláo nem de leve se incommodou com a alcunha e continuou inabalavel na sua pratica de agente fiel e solicito de quantos o quizerão occupar, sob a condição de pagarem-lhe o tempo e o trabalho, e alem disso persistio na regra absoluta e nunca desmentida de não emprestar dinheiro á pessoa alguma.

Alma fechada não admittia, senão um unico e excepcional devedor, o *Estado;* pois que costumava de anno em anno comprar duas ou tres apolices com o fructo de suas economias.

E isso mesmo, depois de dolorosa experiencia; porque, na crise bancaria de 1864, *Alma fechada* perdera o melhor do seo peculio na quebra do seo banqueiro de illimitada confiança.

Desde então Estanisláo, que estivera á ponto de endoudecer, tomou odio á todos os bancos, e *consagrou-se* exclusivamente ás apolices.

Afóra essa usura do seo tempo e do seo trabalho, e do cuidado excessivo de não expor o seo dinheiro, usura e cuidado que peccavão por exageração de mesquinhesa e de egoismo,

mas que não offendião direitos alheios, *Alma fechada* mostrava-se consequente no systema de seo proceder para com os outros homens, e era estimado pelo conhecimento geral de sua vida que se julgava modesta, grave, e até mesmo religiosa.

Consequente em seo proceder para com os outros homens Estanisláo Vieira nunca fôra, nem quisera ser *devedor*. Nada comprava *fiado;* era o perpetuo comprador á dinheiro *á vista*. Nunca assignara uma *letra:* nunca pesára á quem quer que fosse.

Pai de familia era exemplo de fidelidade conjugal e de zelo na educação dos filhos. Ninguem jamais o encontrára á olhar cubiçoso para mulher alguma; as francezas do Alcasar, as mil e uma provocadoras andejas da rua do Ouvidor e expositoras de si mesmas em tantas outras ruas povoadas pelo vicio de seio nú não vivião, nunca tinhão tido nem passageira attracção de curiosidade para seos olhos alias tam vivos e desinquietos. Seos filhos havião crescido á sombra do amor maternal, e mais tarde era *Alma fechada* que os conduzira diariamente ao collegio. e que os trocera do collegio para casa.

A visinhança de Estanisláo respeitava o decóro, e o tranquillo e feliz, embora um pouco reservado, viver do seo lar domestico.

Estanisláo e sua familia cumprião á risca os preceitos da igreja; ouvião missa em todos os domingos e dias santificados, e confessavão-se em todas as quaresmas.

Não frequentavão nem theatros, nem bailes; visitavão porem as igrejas, á noute de quinta-feira maior, em todos os annos.

Não davão esmola aos indigentes e pobres pedintes que lhes batião á porta; mas suspeitava-se que *Alma-fechada*, religioso como se mostrava, era *coração-aberto* em tristes e humildes casebres, onde a miseria se escondia envergonhada e faminta...

E por tanto á despeito da sua alcunha repulsiva Estanisláo gozava fóros de homem honrado e nobre, e talvez caridoso.

Honrado e nobre com certeza na opinião de quantos o conhecião.

Caridoso talvez, conforme as conjecturas de alguns.

E Estanisláo, o *Alma-fechada* que em vae-vem constante é visto e conhecido e apontado na cidade do Rio de Janeiro desde as nove horas da

manhã até ás duas da tarde de todos os dias, é assim geralmente julgado e apreciado.

Os mais severos disem delle:

— É egoista, mas homem de bem.

Esta apreciação tem o defeito de parecer um pouco contradictoria; nós porém vivemos no mundo das contradicções.

micas ; o peccado é a gula : elle não pode prescindir de meza farta e variada, e sabe comer e gosta de comer até com os olhos que passeão pelas iguarias, e com o nariz á gozar-lhes o cheiro. A felicidade é uma espoza fiel e amante, que vende saude e que lhe dá mais ou menos um filho por anno.

Estanisláo é casado á vinte annos e sua mulher, que agora conta trinta e nove, já o tem presenteado com quinze filhos, e ainda o ameaça com a sua fecundidade. É certo que dos quinze restão somente sete amores daquelle mutuo amor ; mas ainda assim *Alma-fechada* abre-se contente para criar e educar embora modestamente os filhos, e isso custa dinheiro que alias elle não chora, pois que, seja dito em seo abono, somente lamenta os seos oito anjinhos que lhe morrerão.

Como apesar da gula, e dos filhos, e tambem dos prejuisos que soffrera com a quebra do seo banqueiro em 1864, *Alma-fechada* poude ganhar e economisar bastante para ter comprado de cincoenta á sessenta apolices, segundo os calculos dos abelhudos, é o que comprehenderemos facilmente, vendo-o em mangas de camisa.

Alem de dona Mathilde sua mulher, e dos seos sete filhos, Estanisláo conta ainda como aggregada em sua familia dona Brites, sua irmã, doze annos mais moça que elle.

Dona Brites é uma senhora alta, magra, malfeita, e de rosto muito parecido com o do irmão. A natureza fôra com ella madrasta cruel, fasendo-a nascer coxa e sufficientemente surda para ter certo ar apatetado e triste.

A madrinha de dona Brites tomou conta della logo depois do baptisado, e como tinha sido educada no convento da Ajuda, confiou ás freiras a afilhada; apenas vio-a com oito annos de edade.

Correrão os tempos; a boa madrinha enviuvou sem filhos, e trouce para sua companhia a afilhada, que então já tocara ao seo quarto lustro, e começava á avançar para o quinto, e não cuidando em casal-a por egoismo de velha, ao menos, morrendo d'ahi a quatro annos, deixou-lhe a sua terça, e nella designadamente duas casas de sobrado e alguns escravos de escolha que indicou.

Alma-fechada lembrou-se então de que era irmão unico de Brites, e *acudio á voz do sangue;* fallou pela irmã nas partilhas dos bens deixados

pela velha madrinha, e recolheo a terça legada que constou das duas propriedades, e de dezoito escravos no valor de sessenta e nove contos de réis.

É claro, e clarissimo que dona Brites foi morar com Estanislão que naturalmente encarregado de gerir os seos negocios, leva o melindre, e o escrupulo ao ponto de dar-lhe contas mensaes, e de gritar-lhe ao ouvido, desfasendo-se em explicações, quando a faz assignar documentos e recibos que declara indispensaveis para salvaguardar sua probidade.

Dona Brites ri tolamente de todas essas cautelas e parece viver feliz, sendo como é objecto dos mais estremecidos cuidados do irmão, da cunhada, e dos sobrinhos.

Educada pelas freiras da Ajuda, dona Brites sabe ler e escrever; mas lê exclusivamente livros de religião, e lendas de santos. Tem medo dos homens, e por habitos da clausura nunca ousa mostrar-se á janella. Sahe sómente para ir a igreja; mas vae e volta sem levantar jámais a ponta do seo véo, e sem ver outro homem que não seja o padre celebrante.

Insigne doceira e habil em delicados trabalhos de agulha, concorre com o seo labor diario para uma parte das despesas da casa, e em-

prega o resto do seo tempo, quando não reza, dever de que não prescinde, em ajudar a cunhada á cuidar dos filhos.

Estanisláo adora a irmã, vive porém triste e desconsolado por não poder casal-a, ou proporcionar-lhe mais ditosa posição; elle o confessa em segredo aos amigos. Além de coxa e surda dona Brites é quasi idiota, e sujeita á ataques de epilepsia, que fazem o tormento de sua familia.

Ainda assim tinhão já ousado apparecer ao *Alma fechada*, alguns pretendentes á mão de dona Brites; elle porém fôra tam nobre e honrado que repellira com aspereza proposições de avultada remuneração *no negocio do casamento*.

E ainda mais, prudente e sabio, tinha em sua mulher e em sua filha mais velha, a bella Deolinda, um cordão sanitario, que punha a piedosa dona Brites á salvo de quaesquer relações com o exterior.

Não havia receio de que chegasse á dona Brites recado ou carta de pretendente algum. De dia era absolutamente impossivel, de noute a bella Deolinda rezava e dormia com dona Brites no mesmo quarto.

Estanislão dizia á irmã:

— Brites !... toma conta de Deolinda !... fase-a santa como és !...

Dona Brites em resposta passava a mão pela face da sobrinha, que era aliás sua sentinella nocturna.

Era uma historia de todos os dias em algumas casas e familias. Era um caso perversamente egoista; mas infelizmente observado na pratica de alguns parentes.

Ha irmãos e cunhados que calculão com o desfructo e com a herança dos bens da filha de seos paes, ou da irmã de sua mulher, e que por ambição criminosa e de lesa-natureza, cercão e espião a victima para condemnal-a ao celibato que ha de aproveitar-lhes, que com a seducção de traiçoeiros carinhos, com a exploração de affeições, que os sobrinhos conquistão da tia, arrancão desta doações, que são furtos dissimulados, e conseguidos, e realisados com hypocrisia perversa !...

E ha sempre tantas explicações, tantas escusas, com que esses parentes, fataes protectores, santificão o seo atropello das leis da naturesa, e dos deveres mais nobres, que á ouvil-as, e á acreditar nos protestos de dedicação dos reíal-

sados egoistas, as victimas ainda se devem confessar obrigadas aos seos dissimulados algozes.

Alma fechada é um desses irmãos que assim procedem. O celibato de Brites lhe assegura a herança de seos bens e portanto defende-a contra todas as hypotheses de casamento, como se ella fosse o fructo prohibido no paraiso de sua casa.

É certo que feia, coxa, surda e de ar atoleimado, dona Brites difficilmente acharia noivo que não fosse exclusivo caçador do seo dote; mas nem por isso era impossivel que ella conseguisse ganhar a amisade de seo marido e fosse feliz com elle.

Além disso Estanislão calumniava a irmã em suas lamentações confidenciaes; porque dona Brites nem era *quasi idiota*, nem tivera nunca um só ataque de epilepsia.

Mas *Alma fechada* morava com sua familia em um dos sobrados pertencentes á irmã, e não pagava pois aluguel de casa como d'antes.

Era elle quem alugava o outro sobrado e os escravos da irmã, e portanto corrião-lhe pelas mãos as sommas resultantes.

Dona Brites fasia doces e obras de agulha que se vendião em proveito da familia.

Por consequencia *Alma fechada* tinha na ilharga coxa, surda e atoleimada uma mina de ouro; que elle guardava ciumento e desconfiado como um avarento o seo cofre.

Tudo isto quer dizer que Estanisláo visto em mangas de camisa não é tão *homem de bem* como parece quando se mostra de *paletot de alpaca*.

III

A mina de ouro de *Alma feizada* é, pois, coxa, surda e atoleimada; mas em compensação elle possue um thesouro que, pelo menos no seo conceito, é bonito, e admiravel. É Deolinda.

Desoito annos já feitos: cabellos castanhos e bastos, fronte pouco alta, olhos pretos e vivos como os de seo pae, mas sem a desinquietação do olhar que é nelle constante, nariz pequeno e de feliz proporção, labios um pouco grossos e curvos, dentes iguaes e perfeitos, porem não pequenos, uma pequena verruga com finos e longos cabellos no lado esquerdo do queixo, faces coradas, rosto quasi redondo, pescoço fino, corpo magro, delgado, mas gracioso; braços menos bem torneados, mãos brancas, assetinadas, porem demasiado allongadas, pés delgados e compridos, eis Deolinda.

Não era feia, nem bonita; tinha porem á seo favor o mais vivo matiz da joventude, o fulgor da primavera, e no andar e nos modos graça, attracção, e o quer que seja de voluptuoso ainda mesmo sem malicia, se é que não era já maliciosa.

Relativamente ao moral, Deolinda resentia-se do caracter, dos sentimentos e das lições theoricas e praticas do pae. Economica, laboriosa, acreditava somente na vida real, presumia-se de ajuizada, calculava com um noivo que *tivesse com que tratal-a;* mas, coitadinha, namorava e gostava muito de que a namorassem... mas em segredo.

Distracção de moça...

Faltavão á sua educação verdadeiras e severas noções de virtude. *Alma fechada* suppunha ter lh'as dado todas, porque levava a filha á missa e á confissão; mas o culto externo, embora dever inprescindivel, é o menos: o mais, o essencial, para Deos e para a creatura humana, é a religião da alma, o purissimo culto do coração, a comprehenção e a pratica das noções do dever.

Deolinda era como seo pae, espiritualista á rezar, e materialista á viver.

Bem entendido, Deolinda era a inexperiencia com postiços de sciencia experiente do mundo.

E por ordem dos paes fingia-se muito devota para enganar e vigiar a tia, calculando tambem com a herança da celibataria.

E fingia-se, sem ordem de pessoa alguma, recatadissima, e de sentimento enregelado para enganar os paes, alimentando todavia namoros que a lisongeavão, e a entretinhão.

E quem ensinava á fingir e á enganar não tinha o direito de queixar-se por ser enganado com fingimento.

A logica é inflexivel.

Como porem a filha do egoismo e da hypocrisia enganava o egoismo e a hypocrisia?...

Nada mais simples: o sobrado em que moravão Estanisláo e sua familia tinha um sotão, uma especie de mirante com uma janella para cada um dos quatro pontos cardeaes da geographia.

Norte, sul, éste, e óeste!...

Deolinda á noute rezava e dormia no mesmo quarto onde dona Brites rezava e dormia; mas no sol fóra o sotão era o seo gabinete de leitura, a sua sala de toilette aliás bem

modesta, o seo refugio nas horas de calor, o seo throno de Estado independente, emfim o seo mirante dos quatro pontos cardeaes de um mappa geographico-amoroso, ou geographico-namoradiço.

Deolinda era a rainha absoluta do sotão.

IV

O sotão sendo como é o mais alto pavimento da casa, torna-se em certos casos baixo e compromettedor como a porta da rua.

Alma fechada não se lembrou desta observação filha da experiencia. Viera-lhe muitas vezes a idéa do producto mensal que daria o sotão alugado á alguma senhora viuva e sem filhos; nunca porem ousou resolver-se á expôr dona Brites á relações faceis com pessoa estranha á familia.

E assim preoccupado com os perigos que podiu correr a virtude da irmã, esqueço-se dos riscos em que deixava a innocencia da filha.

Deolinda alcançara do pae ter por seo o sotão, ou mirante, e nelle passava algumas horas do dia, sob o pretexto de escapar á perseguição dos irmãos pequenos.

Ella tinha no mirante sua mesa de estudo e portanto de escripta, um toucador muito simples, um lindo binoculo, presente de seo padrinho, e abaixo das janellas sobre assentos de tijollo no telhado do pavimento inferior, um pequeno caixão com violetas, e vasos de barro com craveiros e amores-perfeitos que erão regados e cultivados zelosamente pela propria dona.

As vidraças das janellas erão defendidas por cortinas de cassa branca que indicavão bastante a modestia e o recato da menina Deolinda, quando por acaso ou Estanisláo ou Mathilde subia ao sotão para vel-a.

N'este anno corrente de 1871, em um dos primeiros dias do mez de maio, Deolinda estava no sotão.

Trasia ella vestido de *percale*, bonito padrão, e de corpinho afogado, que lhe desenhava bem o tronco e os cabellos divididos em duas longas tranças terminadas com laços de fitas côr de rosa; por unico indicio de pobre faceirice, punhos bordados, mas singelos, rematando as mangas compridas do vestido.

Deolinda resentia-se não pouco da mesquinhesa de seos toilettes; mas *Alma fechada* en-

tendia que tendo a filha um vestido de seda preta para ir a igreja, e outro de finissimo mol-mol com rendas e bordados para casos extraordinarios, bastavão-lhe, alem desses, alguns de percale e de morim, e dous ou tres de chita em cassa por luxo; todavia não se oppunha á que a *menina* se enfeitasse á propria custa, trabalhando, como a tia.

Erão porem nove horas da manhã. Deolinda achava-se no sotão; as vidraças estavão levantadas, mas as cortinas cahidas.

Estanisláo acabava de sahir. D. Mathilde dirigia a casa; D. Brites fazia renda em seo bastedor.

Deolinda em pé diante da janella do *occidente* tinha a mão esquerda contendo a cortina que correra por metade, olhava attenta para as grades de um quartinho das agoas furtadas de uma casa terrea; mas no fim de alguns minutos cerrou a cortina e voltou de mão modo.

Morava na casa terrea e costumava adorar a menina Deolinda das grades das agoas furtadas, um empregado publico, que aquellas horas tinha já sahido para a sua repartição. Por falta de relogio a filha de Estanisláo perdera nessa manhã *o bom dia* do modesto servidor do Estado.

Mas... eil-a na janella do *sul*, e na mesma posição... sorrio-se e comprimentou com movimento de cabeça, correspondendo a terna saudação mimica de um jovem, que a contemplava de um sotão fronteiro... Era um estudante que do meio do seo quarto de costume a namorava sem atraiçoar-se, nem comprometer a apaixonada. Deolinda commovida levou entre seos dedos dous *amores-perfeitos* até a altura de seos labios; o estudante pedio-os com eloquentes acenos; ella disse que sim. Fallavão-se ambos com abecedario mimico executado pelos dedos, e porfim o jovem mostrou um livro, atirou dez beijos e foi-se talvez para não dar ponto na aula.

Deolinda cerrou a cortina do *sul*, dirigio-se para a janella do *nascente*. Correo meio palmo da cortina e poz-se á espiar para o quintal que havia no fundo de uma *venda;* quasi logo appareceo um machacaz de calças de brim que devia ser branco, de collete de pano azul, sem gravata nem jaqueta, e com enormes sapatões de couro sem graxa, denunciando a enormidade de seos pés. Era o dono da casa de secos e molhados, que, grotesca, mas ardente, requestava a moça á seo modo, e principalmente roçando a ponta do dedo in-

dicador com a ponta do pollegar, como á diser que tinha dinheiro, e apertando uma sobre a outra as duas mãos á annunciar, offerecer e pedir casamento. A filha de *Alma fechada* respondia apenas com um gesto que parecia diser *ndo sei*, e quando mais urgida, apontava com o dedo para baixo, significando que seo pae era o arbitro de seo destino; mas evidentemente acendia-se mais, olhando para o taberneiro machacaz, do que, acendera-se, considerando o delicado joven estudante.

Mas de subito ella fingio medo, e afastou-se do *oriente*.

Estava mais corada que de ordinario e como que perturbada em sua consciencia; dir-se-ia que precisava respirar ar mais livre, pois que correo toda a cortina do lado do *norte*, e pensativa, melancolica e enlevada em sonhos e phantasias, debruçou-se á janella com a face pousada em uma das mãos...

No fundo de um sobrado da rua que ali cortava um angulo recto aquella onde morava *Alma fechada*, havia uma varanda descoberta que ficava abaixo e á poucas braças do mirante dos quatro pontos cardeaes.

Nessa varanda estava sentado em cadeira

de balanço um homem de quarenta á cincoenta annos, que escondia a calva em um barrete de veludo carmesim, e que de gravata ao pescoço, calçando botinas á Mèllies de recente uso, e envolvido em rico robe-de-chambre forrado de seda, lia ou parecia ler o *Jornal do Commercio*.

Mas desde que Deolinda se mostrára á scismar á janella, o elegante quinquagenario perdeo a consciencia do que lia, e, distraido e preoccupado, amarrotava o *Jornal* entre as mãos, e a alma na contemplação da menina.

Deolinda era ao *norte* o contrario do que se mostrára ao *sul* e ao *oriente*; commovida, porem grave; sensivel, mas recatada e modesta; terna porem timida e pudica, ás vezes — muitas vezes — olhava para o velho de ricas apparencias, e logo estremecendo, retirava delle os olhos.

O elegante quinquagenario animava-se, hesitava, confundia-se, e deixava-se prender nas redes da menina interessante, melancolica, e provavelmente apaixonada, que desde algum tempo em todas as manhãs se abandonava á sua contemplação...

O velho — os homens de cincoenta annos o

são, ainda que não queirão sel-o — levantou-se da cadeira, passeou pela varanda, olhando sempre, e recolhendo á miudo suaves e amorosas flammas de fugitivo olhar, e emfim querendo indicar terno sentimento, cruzou as mãos no peito, e em pé fitou as vistas em Deolinda, abalado e tremulo; ella, porem, ao percebel-o assim, pareceo enlear-se, e toda alvoroço de pudor e commoção indisivel, levou o lenço aos olhos, como para acudir á duas lagrimas traiçoeiras ou imprudentes, e fugio... E correo a cortina.

E tendo corrido a cortina da janella do *norte*, Deolinda sentou-se para descansar.

E provavelmente disse entre si o que asseverão ter Solano Lopes dito em certa occasião ao ministro norte-americano : — Il faut finir pour commencer. »

V

Deolinda estava profundamente convencida de que não era namoradeira, e de que no seo modo de proceder no mirante só havia prudente calculo de futuro.

Ella tinha em casa um quadro lugubre que a aterrava: era a vida da tia celibataria.

Seo pae dizia-lhe sempre e dizia, mostrando-a aos amigos:

— Eu sou pobre; mas Deolinda hade com certesa casar, porque já tem o seo dote na formosura e na gentileza.

Por consequencia elle não pretendia dotal-a, e tambem não procurava attrahir homem algum que pudesse ser seo noivo.

Ás vezes passando-lhe a mão pela face, costumava dizer:

— Já és moça, mas espera; *casamento e mortalha no céo se talha.*

Deolinda não sahia á passeios, nem se mostrava em sociedades; raramente Estanisláo a levava á passar um ou dous dias com a familia de seo padrinho, e somente nessas occasiões ella pudera ir tres ou quatro vezes ao theatro; mas sempre com o seo indefectivel toilette branco.

Quando completára desoito, annos a menina fallára expansiva á sua mãe, queixando-se da indifferença com que o pae se descuidava do seo futuro, e Mathilde lhe respondera sorrindo:

— Ajuda-te, que Deos te ajudará.

Deolinda tomou ao serio a resposta, e desde alguns mezes se *estava ajudando* com a mais viva solicitude.

Á janella do sobrado, ou quando ia a igreja, não podia haver quem mais modesta e simples se mostrasse.

A opinião que ella gozava, o conceito em que era tida na visinhança podião symbolisar-se com um ponto de admiração.

Mas, como se acaba de observar, Deolinda, no mirante procurava segurar-se á quatro amarras, e graças ás cortinas das janellas namorava á quatro ao mesmo tempo sem que algum dos quatro a suspeitasse de deslealdade.

Ella não amava á nenhum delles; morria porém por casar...

Não tinha escolhido os namorados: aceitara-os pela situação favoravel em que ficavão defronte dos seos quatro pontos cardeaes.

Recebia os requebros do empregado publico, porque não tinha outro requestador no *occidente*; para o entretenimento do namoro preferia a ledice e as ousadias do estudante; para seos planos de futuro e sonhos de elegancia olhava muito o homem de barrete de velludo e robe de chambre forrado de seda; mas, capricho inexplicavel de mulher! se realmente lhe batia o coração por algum dos quatro, era pelo machacaz de collete de panno azul!...

Deolinda descansou alguns minutos e logo depois tornou á ir debruçar-se á janella do *norte* e abandonou-se á contemplação do elegante senhor que ainda estava na varanda.

O velho, que evidentemente era homem de educação e de pratica de boa sociedade, parecia vivamente impressionado das graças e gentileza da sua visinha; mas sabia guardar certo decóro na manifestação muda de seos sentimentos, e como que se continha duvidoso de

haver merecido attenção, ou affecto suave e felicitador.

Deolinda se houvera com elle habilmente, fingindo até então atraiçoar-se em ternos e fugazes lanços de olhos seguidos de perturbação, de melancolias, e de mil envites apparentemente estranhos á reflexão, interrompidos pela confusão, e castigados pelo pejo em revolta, que a fazia fugir temerosa.

Mas nesse dia ella começara á tornar-se menos, um pouco menos alvoroçada e esquiva; apparecendo pela segunda vez ao pólo do *norte*, e vendo que o elegante de velludo estremecera de abalo, e se sorrira jubiloso, sorrio-se tambem, mas de leve, docemente, e abaixando os olhos como enleiada...

E ficou presa á janella, e elle á varanda, e ambos á dizerem-se mil cousas com os olhos...

Hora de rendimento confesso... ardente expansão de um lado... do outro obrigação de sublevações de pejo... de tormentoso encanto... et cœtera...

Mas nesses casos o mundo não vae além dos dous... a abstração porém não é sempre isenta de perigos...

Foi o que aconteceo nesse dia.

Dona Mathilde tinha subido ao mirante, e déra com a filha em trabalho de telegraphia electrica á janella do mirante.

Em vez de chamar e de reprehender Deolinda, ou de retirar-se *sem ter visto* cousa alguma, quiz ver até onde ia o telegrapho, e recuando alguns passos, foi pôr-se atraz da porta da entrada do sotão para observar a filha e opportunamente esconder-se.

Deolinda sem duvida aprasia-se de variar em namaro; por quanto pouco depois, tendo o homem de barrete de velludo indicado com expressivo geito que desejava escrever-lhe, ella, simulando sobresaltos de virtude, de recato, acenou com a cabeça negativamente, e retirou-se, correndo a cortina.

Dona Mathilde escondeo-se atrás da porta.

A filha de *Alma fechada*, que possuia o coração mais illimitadamente aberto, ainda olhou atraves da cortina para a varanda que alias podia apenas ver mal; vio porem o que desejava, pois sorrio-se e murmurou:

— Está cahido.

E immediatamente se dirigio para a janella do *oriente*, cuja cortina dessa vez se franzio pelo menos dous palmos.

Mas debalde esperou cinco... dez minutos...

O machacaz estava certamente despachando freguezes...

Deolinda era paciente; voltou á observar átraves da cortina da janella do *norte*, e de novo se sorrio, dizendo:

— Cahidissimo...

E tornou á postar-se do lado do *nascente*...

A menina queria ver sahir o sol...

E emfim rompeo o sol de calças que devião ser brancas, de collete de panno azul e em mangas de camiza.

Dessa vez o sol vinha comendo azeitonas, e por espirituoso roquinte de ternura, offereceo um azeitona á Deolinda que rio-se da graça e acenou que não aceitava.

Mas o apaixonado machacaz era cortez e até delicado como o seo physico, e fazendo ponto á janella, começou a atirar azeitonas, que forão cahindo no telhado até que emfim uma veio cahir dentro do mirante.

O machacaz escancarou a boca em riso de triumpho.

Deolinda cerrou a cortina da janella, e suspirou desconsolada...

Não ha gostos perfeitos...

Não ha bonito sem senão...

Deolinda acabava de sentir o que havia de repulsivo na brutalidade daquelle negociante de seccos e molhados; mas ao mesmo tempo imaginava o *supra summum* de um noivo nesse immenso machacaz com a elegancia do homem de barrete de velludo, e com a graça, e as amaveis trevessuras do estudante do sotão do *poente*.

Afastando-se da janella do *norte*, Deolinda viu no assoalho a azeitona que cahira dentro do mirante, e esmagou-a com o salto da sua botina.

— É pena !... balbuciou.

E accrescentou logo:

— Mas... os animaes educão-se.

Dona Mathilde já tinha visto sufficientemente, e gritou do meio da escada:

— Deolinda !... ficaz hoje todo o dia lá em cima ?...

— Não, mamae, desço já; eu estava acabando de estudar a minha geographia.

VI

Dona Mathilde não deixou perceber á filha a descoberta que tinha feito; mas o dia seguinte foi de contrariedade para Deolinda.

Logo ao almoço, que de costume era entre as sete e as oito horas da manhã na casa de Estanisláo, disse este:

— Hoje hei de sahir mais tarde... tenho a desembrulhar uma verdadeira embrulhada de contas e documentos que nem o diabo entende!...

E, voltando-se para a filha, accrescentou:

— Deolinda! empresta-me o teo sotão por esta manhã; preciso estar livre das creanças.

Não havia que objectar.

Deolinda submetteo-se em silencio e disfarçando o seo desgosto á não telegraphar nesse dia, senão á tarde.

Ora á tarde quasi sempre tinha de menos o barrete de velludo e o estudante.

Paciencia!

Acabado o almoço Estanisláo foi buscar dous livros de contas e um grande maço de papeis, e disse á Mathilde:

— Bem podes ajudar-me um pouco; traze agulha e linha grossa para coser as contas e recibos que eu te for dando ..

D'ahi á pouco estavão os dous no mirante.

Mathilde era Estanisláo de saia e toucado: Parecia-se com elle como a mão direita com a mão esquerda, — bem entendido, nos sentimentos e nos costumes, porque em relação ao physico era muito mais bonita que elle, e até mesmo um pouco mais que a filha.

Em um unico ponto discordava do marido, porque desejava casar a filha, e dar-lhe dote, embora pequeno.

Estanisláo não fazia opposição á idéa do casamento; quanto porem ao dote exclamava sempre:

— É escandaloso que tivessemos e educassemos uma filha, rapariga tão *chic* e que ainda emcima pagassemos á dinheiro a felicidade do *senhor moço* que a tomasse por esposa!...

E se Mathilde teimava, elle dizia :

— Eu me casei comtigo, e tu não me trouxeste dote.

Este argumento agradava sempre á Mathilde pela eloquencia da lisonja.

Entretanto a mãe de Deolinda nunca se convencia de todo, e ou porque a descoberta dos dous namoros da filha devesse abrir os olhos ao pae, ou porque ella não tivesse segredos para o marido, confiou á este tudo quanto observára no mirante.

A confidencia fôra de proposito feita á noute e depois de recolhida a familia para poupar Deolinda ás furias rompentes do genio de *Alma fechada*, que era tão violento nos primeiros impetos da colera, como hypocrita e dissimulado depois.

Estanisláo comprehendeo facilmente que não lhe convinha fazer escarcéos; mas quiz ver com os seos olhos os dous namorados da filha, e poz-se de accordo com Mathilde sobre o modo porque procederião.

Era em resultado desse accordo que ambos, sob o pretexto das contas embrulhadas, tinhão na manhã seguinte tomado o mirante á Deolinda.

Não perderão tempo.

Mathilde foi correr como uma pollegada da cortina da janella do *norte*, e espiou; o homem de barrete de velludo estava na varanda e logo fitou os olhos na janella, e sorrindo, saudou com um movimento de cabeça.

Estanisláo acudindo á um signal da mulher, tomou-lhe o posto, em quanto ella segurava a cortina, deixando apenas espaço aberto sufficiente para o marido ver sem que fosse visto.

O barrete de velludo animado pelas tornas complacencias da vespera, comedia-se menos, pedindo por gestos que a menina se mostrasse, e mostrando com disfarce cauteloso uma carta que sem duvida escrevera...

Alma fechada recuou dous passos, arregaçando as mangas da camiza, e fechando os punhos.

— Prudencia! disse Mathilde.

— Que pouca vergonha! murmurou o pae enraivecido.

E logo ajuntou:

— Mas eu conheço aquelle barbas de mono!...

Mathilde já estava com o mesmo cuidado, olhando pela vidraça do *nascente*.

O machacaz não tardou, e com os mesmos sa-

patões sem graxa, com a mesma calça e com o collete da vespera.

Estanisláo no posto de Mathilde e com um olho só no cantinho mal franzido da cortina...

E o mancebo primeiro em attitude e modos, como se quizesse fazer oração, e em seguida á propor e á pedir casamento com a mimica de suas duas mãos que poderião dar mãos á dous ou tres carapinas.

Alma fechada recuou pela segunda vez, e vermelho, como fogo em brazas, disse:

— O Manoel da venda!!!

— Portanto é preciso pensar nisto, observou Mathilde

— Não ha que pensar; Deolinda está se pervertendo... é uma assanhada...

— Peior!...

— E quem sabe...

— Lálão!...

Entre parenthesis: Lálão era o diminuitivo brando e amoroso, com que Mathilde tratava o marido.

Alma fechada conteve-se; mas apprehensivo e afflicto foi á mesa de estudo de Deolinda com a intenção de examinar-lhe os papeis.

Nada mais facil! as duas gavetas da mesa estavão abertas..

Um livro de versos *Marilia de Dirceu;* a geographia de Gauthier traduzida em portuguez; alguns desenhos de flores muito mal feitas; dous numeros do *Jornal das Familias* de M. Garnier; alguns moldes de vestido e nada mais.

A innocencia em duas gavetas.

Mathilde respirou consolada.

— Lálão! bem vês que ella não é tão má, como te parece...; disse.

— Sou capaz de jurar que ella traz escondidas no seio, ou em baixo de alguma taboa deste assoalho, ou dentro das botinas com que anda, as cartas do *barbas de mono* e do *Manoel da venda!*...

E repetio com raiva:

— Do Manoel da venda!!!

Afastando-se da mesa, *Alma fechada* disse á mulher:

— Cerre... examina isso tudo por ahi.

E authomaticamente chegou-se á janella do *occidente*, cuja cortina hia correr com accelerado movimento, quando de subito conteve-se, e diabolicamente inspirado franzio apenas o angulo superior da cortina, e poz os olhos na vidraça.

O empregado publico estava ás grades da sua pobre agoa-furtada, e vendo luzir o olhar brilhante de *Alma fechada*, fez-lhe a honra de o suppor Deolinda, e levando ambos as mãos ao peito esquerdo, arranjou um suspiro colossal para ser percebido de longe, e todo requebros e momices procurou indicar a vehemencia da sua paixão.

Estanisláo passou da côr de fogo em braza para a côr de gomma do polvilho e com ar atoleimado, como o de dona Brites, foi á janella do *sul* espiar por pequena dobra que fez na cortina.

O estudante estava á espera, e mal vislumbrou a dobra da cortina, recuou quanto bastava para dentro do seo sotão, tirou do seio um objecto que *Alma fechada* não poude distinguir — erão dous *amores-perfeitos* já murchos — beijou-o, e com os dedos primeiro atirou tres, quatro, ou mais beijos, e depois ainda com os dedos poz em acção o alphabeto mimico.

Estanisláo deixou a janella do *sul* envergonhado, espantado, confundido, parou diante da esposa, e balbuciou como estupefacto:

— Mas.. não são dous, Mathilde!.. são quatro!!!...

— Lálão!... que dizes?...
— São quatro?...
— Em?...
— São quatro!!!

O marido e a mulher ficarão por momentos á olhar um para a outra, e uma para o outro admirados, e como sorprehendidos; depois, — era o unico recurso, — ambos se puzerão á rir.

VII

Quem primeiro acabou de rir foi *Alma fechada*.

— Mas a questão é seria!... disse elle.

— É, respondeo Mathilde.

— Chego á crer que se o mirante tivesse mais janellas...

— Devéras?... suppões?...

— Não supponho; sei com certeza. O d'aqui não conheço...

E Estanisláo apontou para o *sul*.

— É um boneco vestido á moda, um joven bonito e cóm apparencias de tafúl... algum *petit-maitre* alambicado que não tem onde cahir morto; mas doutor pelo menos em correspondencia de telegraphia de dedos!... ora... isto é indecoroso... não achas?...

— Lálão!... Lálão!... tens razão; mas pensa bem nisto...

— O d'ali...

E apontou para o *occidente*.

— O d'ali... esse conheço eu!... é o *manqueja* do thesouro; lá quasi todos manquejão por pachorra; elle porem é o typo; *manqueja* preguiçoso, e *manqueja* por falta de patrones. Perpetuo em terceira ordem... perpetuo *manqueja*!!!

E dando um murro na mesa, disse com raiva.

— Diabo!!! Deolinda nem sabe escolher!...

— Lálão!... ella não tem culpa...

— Diabo!... poz-se á quatro!.. mas excepto um, o de barrete de velludo, que tem boas apparencias, e não me é estranho, o de quem hoje mesmo heide ficar senhor da folha corrida, temos mais tres, dos quaes o primeiro é o Manoel da venda, á quem não quereria por comprador de verduras, o segundo é o *manqueja*, que não vale dez reis de mel coado e o terceiro um *miminole* mové dedos em telegrephia grotesca, que certamente é como os primos e como os pombos que servem somente para sujar as cazas!

— E d'ahi?...

— É indispensavel obrigar por todos os meios a filha á ter juizo.

— Exactamente como eu penso, Lálão !...

— Ainda bem !

— E primeiro meio : absoluta prohibição de subir ao mirante...

— Meo Deos !... que erro perigoso !... ella desceria ate á porta da rua !...

— Ah !... receias...

— Não receio... imagino, e prefiro por isso outro meio mais racional e mais seguro...

— Por exemplo ?...

— É positivo que Deolinda não ama...

— Ao contrario : ama quadruplicadamente... provas em flagrante delicto...

— Por isso mesmo. Se amasse, teria um, e não quatro namorados...

— Ainda peior !... namora a quatro sem amar a nenhum !... é indecente !...

— Convenho ; mas a conclusão é que ella deseja, o que todas as moças desejão...

— Diabo !... explica-te bem...

— Deseja casar-se... é todo o futuro da mulher... e por tanto...

— Namora a quatro !... e até ao *manqueja* do thesouro, e ao Manoel da venda !... palavra

de honra! eu não me casava com ella nem que me cerrassem pelo meio.

— Estás desarrasoando...

— Supponhamos! e que me diz o teo juizo?...

— Diz que é necessario procurar quanto antes noivo para Deolinda...

— Se ella já tem quatro!...

— Exactamente para não tel-os assim. Desde que ella se convencer de que desejas casal-a... desde que lhe offereceres um noivo...

— Mas então... se eu lhe procurasse marido?...

— Deolinda não quer outra cousa; já m'o confessou.

— Que empenho de casar!... ella vive tam feliz comnosco!...

— Não achas natural que nossa filha prefira viver como eu á viver como Brites?...

— Mathilde, casar moça pobre é empresa muito difficil!

— Láláo, deixa-te disso... nós podemos dar um dote-sinho á Deolinda...

— Queres arruinar-me?... nem pensas que prejuisos tenho tido ultimamente!...

— Láláo, falla assim á outros...

— E os seis irmãos de Deolinda?...

— Certamente que não os desherdaremos por ella; nunca te proporia semelhante injustiça; mas... que désses dez apolices á menina...

— Dez apolices!...

— Então eu não sei quantas ainda ficavão?...

— O que não sabes é o que custa a comprar uma apolice!

— Achas melhor desesperar Deolinda, e leval-a á fazer alguma doudice, e á casar com algum troca-tintas?... tens aqui no mirante o pano de amostra.

— Realmente o caso me atrapalha!...

— Eu já previa este caso á muito tempo! disse-t'o tantas vezes...

— Se ao menos o padrinho concorresse com metade do dote...

Estanisláo reflectia...

— Talvez; o compadre parece estimar muito a afilhada, observou Mathilde.

— A outra metade era possivel arranjar-se facilmente...

— Ah!... estás te resolvendo?...

— Estou; porque a outra metade poderia correr por conta de Brites...

— Láláo!.. ainda?...

— Pois nós aturamos pouco?... e não é ella tia de Deolinda?...

— Eu não digo que não; mas...

— Mas...

— Em todo caso será indispensavel salvar as apparencias. . o decóro.

— Como?...

— Nós havemos de entrar com a nossa parte para o dote...

— E é isso que chamas decóro?...

— Lálão!...

— Por fim de contas nós não esbanjamos as migalhas que possuimos e por nossa morte...

— Não fallemos em morte, quando fallavamos em casamento.

— Mas onde descobrirei eu um noivo do gosto da filha douda que temos?...

— Acabamos de vêr que ella é facil de contentar.

— Eu porém não caio em dal-a á homem pobre...

— De accordo, é porisso que deves encarregar-te da escolha...

— Que diabo!... eu nem sei como um pae se arranja em taes funduras!...

— É simples. . ao menos me parece simples...

— Ah!... como é essa simplicidade?...

— Escolhe, e depois sob qualquer pretexto introduz o escolhido em casa, e nol-o apresenta.

— Só?...

— O mais fica por minha conta, e por conta de Deolinda...

— Sim, ella é mestra...

— Não; a mestra é a natureza...

— E por consequencia ahi vem o chá e os doces... e o mais, vestidos e tetéas... o luxo em casa... imposturas de tratamento...

— E logo em seguida o enxoval da noiva..., disse Mathilde rindo.

— E querias que ainda em cima eu cahisse com o dote!!! que perspectiva! e ainda temos tres filhas!...

Mathilde fez um momo, e disse um segredo ao ouvido do seo Lálão.

— Misericordia!... exclamou este, levando ás mãos á cabeça.

E perguntou desconsolado, mas em tom carinhoso:

— Pois não acabas nunca?..

Mathilde respondeo com meiguice e malicioso embaraço.

— Se o culpado és tu!...

Ladislão abraçou a mulher, e logo depois consultando o relogio, disse:

— Quasi dez horas!... e ainda tenho que deslindar dez negocios!... vou sahir...

— E o noivo?...

— Esse trambolho de mais!... dos quatro, dois não me servem: o *manqueja* é lesma; o menino engommadinho do sotão tem geito de pelintra; o Manoel da venda me daria bom signal por andar em mangas de camisa, se não fosse esse o costume da maior parte dos vendelhões ordinarios; o barrete vermelho é o unico que apresenta exteriores de apatacado. Mas é prudente examinar se ali ha mais cascas do que miolo... e eu conheço... já vi... conheço por força o *barbas de mono*...

— Mas além desses...

— Ha o infinito... um mar cheio de peixe; os badejos porém são difficeis de se apanhar, e se algum dos quatro me servisse, era meio caminho andado.

— Pois bem, Láláo, cuida nisto.

Alma fechada tomou outra vez os livros e os papeis e disse:

— No entanto Deolinda fica despedida do mirante...

— De modo nenhum: nós viemos aqui desembrulhar a embrulhada de contas, e não vimos cousa alguma...

— Porque?...

— Porque Deolinda é um anjinho que apenas namora ás escondidas de todos, e contrariada e opprimida seria um demonio á namorar ás escancaras...

— Mas... é indecencia!... á namorar quatro ao mesmo tempo!..

— Admira antes a sua habilidade! sahio ao pae em subtileza: aqui do mirante namora e emmaranha á quatro e nenhum dos quatro desconfia que tem tres rivaes.

— E achas bonito?...

— Não; acho porem maravilhoso. É feio; mas dá seguranças de genio ardiloso, prudente, e sagaz..

— E se não se corrigir?... o costume é o diabo!... e se depois de casada... olha, Mathilde, um dia cahe a casa... tantas vezes vae o póte a fonte que emfim uma vez se quebra... não ha marralheiro que não ache quem o engane... tantos laços arma o esperto que por fim cahe na meiada do tolo... por muito se ir é

certo o cahir... não ha veo que não se rompa, ñem mascara que não se desfaça...

Mathilde interrompeo a torrente dos proverbios do seo Lálão, disendo-lhe:

— E d'ahi?... Primeiro que tudo Deolinda casada não será Deolinda solteira, e por isso mesmo convem casal-a antes de dar á costa nos escolhos dos teos anexins, e em segundo lugar, se ella casando não mudasse, em vez dos pais seria o marido á correr os riscos da avaria da fasenda... em todas as hypotheses nós portanto sempre temos á ganhar...

Estanisláo tornou á abrir o relogio.

— Dez horas!... disse; seja tudo como pensas e queres... tenho que faser...

E foi sahindo com os dous livros e os papeis do simulado exame.

— Lálão! cuida em Deolinda, e cuidarás em mim!...

— Anda lá!... respondeo *Alma fechada* á Mathilde; cuidarei... cuidarei... ao menos porem seja o decimo-sexto proximo futuro um oitavo que não me dê despesas de enterro, como os oito que engatinharão para o ceo, e tambem que não saia mulher, poupando-me assim ás ameaças do dote, quando ficasse casadeira.

Mathilde seguio o seo Láláo, dando-lhe brandas palmadas no hombro.

E descerão ambos a escada do mirante no mais perfeito accordo, como sempre se observa quando o marido acaba por ceder á vontade da mulher.

VIII

Deolinda tinha passado cerca de duas horas massada pela privação do mirante na manhã daquelle dia, e naturalmente apprehensiva e desconfiada por ter culpas no cartorio.

Quando Ladisláo e Mathilde descerão, erão já dez horas dadas, e tempo em que ella começava sua tarefa diaria, trabalhando ou com a mãe ou com a tia, e não podendo pois cuidar em ir estudar a sua geographia nos quatro pontos cardeaes, tratou de descobrir se havia algum fundamento para as suas apprehenções.

O rosto de Mathilde indicava serenidade de espirito, e até certa ledice.

Deolinda ainda desconfiou mais por isso mesmo; era uma menina filha de seo pai e reflectio que a mãe não trasia cara de quem aca-

bava de sahir de duas horas de exame e arranjo de contas de deve e hade haver.

Entretanto fingio-se ella tambem perfeitamente tranquilla e alegre, e observando Mathilde com disfarçada manha, provocou-a, encetando conversação.

— Mamae, vossa mercê gosta de faser contas de livros e de recibos?...

— Quem faz essas contas é teo pae; eu apenas reuno e vou cosendo os papeis soltos, conforme elle me indica.

— Antes isso; porque o trabalho das contas deve ser muito aborrecido!

— Não ha trabalho aborrecido para a senhora que está nelle ajudando á seo marido.

— Ah!... então é o encanto do casamento, mamãe?...

— Conforme; porque ha casamentos bons e máos...

— É pois como loteria, em que ha bilhetes premiados, e outros que sahem brancos?...

— É.

— Ora... mamãe... eu confesso que tinha vontade de experimentar a minha fortuna nessa loteria...

— Eu o creio...

— Eu tiraria a sorte grande, como mamãe tirou!

— É tam difficil, menina! entretanto... é a mulher que faz o marido, preparando-o antes de casar, e completando-o depois de casada...

— Como é que se prepára, mamãe?...

— Sendo a moça em solteira honesta, recatada, laboriosa, temente á Deos...

— Eu sou tudo isso!... disse Deolinda com os olhos fitos no rosto de sua mãe.

Mathilde não fez o mais leve movimento e continuou á fallar:

— De modo que o noivo acredite ser e seja o seo primeiro e unico amado...

Deolinda desenfiou a agulha.

— Ah!... sim...sim... primeiro e unico amado, balbuciou ella.

— Comprehendes-me?...

— Muito bem; mas... quando se está á espera do primeiro, e elle não chega, fica-se sem o unico...

— E por tanto...

— Quero dizer, que a lição de mamãe é optima e que eu saberia aproveital-a se tivesse noivo, em quem preparasse marido...

— Sim; mas em quanto elle se demóra, a

donzella se mantem nas condições de poder em consciencia chamal-o seo primeiro e unico amado.

Deolinda tornou á desenfiar a agulha. Á despeito de toda a sua manha, muito occupada em observar a mãe que aliás não levantava o rosto da costura, desgovernava a mão que continha a agulha.

— Oh! certamente... certamente... disse elle.

— Agora vou dizer-te como a noiva completa o marido depois de casada.

— Não, mamãe, não; dispenso sciencia que não tenho esperança de pôr em pratica...

— Porque não tens esperança?...

— Ora... quase desenove annos... e papae ainda não cuida em mim...

— Ingrata!...

— E diz sempre que é muito pobre... que não tenho dote... que o meo dote é a formosura que elle imagina, exagera, ou finge enxergar em mim... oh!... assim é para desesperar...

— E á que vem o dote?...

— Ah, mamãe!... o dote?... olhe: a belleza nos dá amor; o dote!... nos dá valor.

— Tu te amesquinhas!

— Não sou eu; são elles: não sou feia de espantar... dizem até.. vossa mercê e papae dizem que sou bonita... e até hoje ainda ninguem me pedio em casamento: porque?...

— Dise...

— Porque papae espanta... e todavia papae é rico... eu sei que elle é rico...

— Tu sabes muito!...

— Mamãe começa á ralhar comigo...

— Não; mas admira-me esse teo desejo ardente de casamento...

— Ah, mamãe!... tia Brites me faz medo!...

— És ainda muito menina...

— Mais mez, menos mez tenho a edade em que mamãe se casou.

— Eu esperei sem impaciencia...

— Mas papae espanta...

— Não tive dote e achei marido...

— E eu não acho... eis a differença...

— Por consequencia...

— Ora, mamãe!... de cousa nenhuma a consequencia é nada...

— Ah!

— Aos desenove annos e ainda sem unico!... tia Brites começou assim ..

— E sem primeiro?. . perguntou Mathilde, fitando a demasiada-expansiva filha.

Deolinda respondeo sem hesitar.

— Estou á espera do primeiro... é papae que deve apresentar-m'o...

— Segue-se que não amas á homem algum... que ainda não distinguiste... não sentiste pendor... preferencia...

— Eu? .. coitada de mim!...

Mathilde teve medo da hypocrisia da filha.

— Não seria crime, se fosse inclinação honesta .. só o namoro vicioso... e, peior que isso, multiplo... e por tanto indecente é que se reprova e se condemna... o pendor do coração... a preferencia na affeição é innocente...

— Mamãe me aconselha que eu penda... que eu procure preferir... innocentemente?...

A rapariga era o diabo, e queria casar.

— Não, respondeo Mathilde. é melhor que teo pae se incumba da escolha...

— Para mim é mais commodo e mais esperançoso, estou certa que papae escolherá zeloso o arbitro do meo futuro...

— E aceitarias o escolhido por teo pae e por mim... sem objecção... sem protestos...

— É provavel...

— Provavel ?...

— Francamente, mamãe; desejo casar-me, e não tenho predilecção determinada; mas em todo caso não me obrigo absolutamente á aceitar o noivo que me derem...

— Ah !... estás atraiçoando-te... contas com algum...

— Não conto... juro-o... mas, mamãe, não acha que sempre é bom ver primeiro o homem de quem se hade ser perpetua companheira ?...

— Tens razão,... se te agradar ?...

— Cega escrava de papae e de mamãe.

Mathilde estava dentro de si assombrada : a filha não fazia questão de nenhum dos quatro namorados do mirante.

O que ella queria, era casar.

A rapariga era o diabo : evidentemente tornava-se indispensavel casal-a quanto antes.

Mathilde julgou de bom conselho dar-lhe esperanças robustas e fortemente animadoras.

— Pede-nos perdão, disse, tu julgas mal de teos paes...

— Como ?...

— Ainda á pouco no mirante occupamos-nos muito de ti...

— Ah!...

— Teo pae se empenha em casar-te .. e has de ter não rico e deslumbrante dote, mas o que nas nossas circumstancias é admissivel...

— Mamãe!.. exclamou Deolinda.

E desenfiou a agulha...

— É a terceira vez que desenfias a agulha!... disse a mãe com intencional significação.

Deolinda comprehendeo que sua mãe tinha sido mais matreira observadora que ella.

— É a ultima vez! respondeo enfiando a linha; mamãe verá que não torno a desenfiar...

— Mas Deolinda!... o casamento mais feliz não vale a vida tranquilla, suave, sem cuidados da menina solteira que é adorada por seos paes!...

— E depois?...

— Depois...

— Mamãe, o casamento é o unico futuro da mulher... o casamento é que é *o seo unico*... mamãe, o casamento é o estado social e santo que exclusivamente pode felicitar a mulher...

— Não!... disse D Brites, entrando; em todos os estados e ainda mais no celibato se pode ser agraduvel ao Senhor.

— Era isso mesmo que eu estava disendo e ensinando á esta insensata peccadora!...

E, disendo-o, Mathilde fez signal de intelligencia á filha.

Brites de touca na cabeça e de rozario de grossas contas á pender-lhe sobre o peito, magra, pallida, vestida com humilde simplicidade, e avançando á coxear, protestára contra a exclamação que em voz alta e electrisada escapára ao enthusiasmo da joven donzella que estava douda por casar.

Dona Brites hia sem duvida discorrer sobre os merecimentos e santidade do celibato, quando a sala foi invadida por quatro dos filhos de Estanisláo e de Mathilde, quatro que ainda não estavão no collegio, e dos quaes um de tres annos chorava, e os outros saltavão e gritavão em ciume e luta por amor das broas, e outros doces, que a amorosa tia com elles repartira.

Não houve mais ordem, nem silencio, nem socego.

Mathilde ameaçava...

Deolinda ralhava...

Brites apadrinhava, e hia conciliando os quatro amotinadores, dando-lhes mais broas e mais doces...

E os meninos á rir, á gritar, á chorar...

E era sempre assim na casa a celibataria

dona Brites com as creanças que erão os seos anjos e a sua suave consolação na vida.

— Que santa creatura!... disse Mathilde, vendo os filhos á saltar em torno de Brites.

— Ah, mamãe!... murmurou Deolinda em voz baixa, eu não quéro ser santa!...

IX

Mathilde tinha tido em sua conversação como a filha o louvavel proposito de apagar-lhe o ardor do namoramento, dando-lhe bons conselhos, e chamando-a á rasão e á prudentes reservas, sem confundil-a com a esprobração do seo indecoroso procedimento no mirante, e contou que dessa arte conseguiria melhor, do que com reprehenções severas, o arrependimento da inconsiderada joven.

Mas ou involuntaria ou intencionalmente a zelosa mãe deixou perceber, por duas vezes ao menos, allusões aos namoros da filha.

Foi um erro.

Deolinda atilada como era, comprehendeo que seos paes havião descoberto o seo estudo de geographia, e que, receiosos das consequencias pos-

sivois, tinhão-se emfim resolvido á casal-a, ou á embail-a com esperanças de casamento.

Pensando assim, e porque ainda não confiava bastante nas promessas e seguranças que ouvira á sua mãe, relativamente ás favoraveis disposições de seo pae, determinou o contrario do que Mathilde esperára, isto é, em vez de arrependida abandonar os estudos geographicos dos *quatro pontos cardeaes*, assentou de proseguir nelles com o mesmo fervor para desse modo apressar o empenho tomado de se lhe procurar noivo, ou para frustrar qualquer idea de logração que por ventura houvesse.

E com o designio de tornar bem clara a sua norma de proceder entendeo tambem que lhe convinha indicar que duvidava das promessas feitas.

Declinado o seo plano, Deolinda esperou socegada pela tarde para desforrar-se da manhã perdida.

Estanisláo voltou para casa ás duas horas da tarde, e Mathilde que o foi receber á escada, ao ver-lhe a cara com que vinha, disse-lhe.

— Láláo!... as cousas hoje te correrão mal ahi por fóra...

— Não... é antes aqui por dentro que...

— Concerta a cara, Láláo!... depois conversaremos.

Mas *Alma fechada* não sabia disfarçar quando estava colerico.

Mathilde não consentio que o marido entrasse na sala de jantar, e levou-o pela de visitas para o seo quarto.

— Que ha? perguntou logo.

Estanisláo foi fallando, emquanto mudava a roupa.

— Que ella é douda já sabiamos...

— Quem?...

— Deolinda.

— Qual douda! é estouvada e quer casar.

— Pois escolhe que é vergonha ver!...

— Então?...

— Em quatro vê lá: o *Manqueja* é o que já te disse...

— Máo sugeito?

— Máo não; mas pobre como Job. Queres peior?...

— Ah!...

— O Manoel da venda compra os generos á vista e anda em mangas de camisa em casa, e até pela visinhança, blasona de indinheirado; mas não comprou ainda uma só apolice, não

é proprietario, e ninguem lhe conhece devedor, que não seja de azeite e vinagre, e de carne e toucinho á retalho nos livros da venda; se ao menos fosse casa de atacados... qual!... á mim não me engana... é pinga, e quer vêr se nos apanha a rapariga pelo dote...

— Eu tambem não me inclinaria para elle.

O nênê engommadinho do sotão é famoso vadio sem officio, nem beneficio!... Vive ás sopas de de uma velha tia, que apenas tem de seo um conto de reis annual de monte pio que lhe fizera o marido, e duas escravas que vendem cannas e balas, e de noute amendoim torrado ás portas dos theatros...

— E elle?...

— Taful sem eira nem beira!... ganha ás vezes seos cobres, como copista de musica, e tambem de manuscritos; porque tem boa letra. Engana a tia, e á muitos, dizendo que é estudante; mas a sua principal occupação é representar em um theatrinho particular, onde já fez papeis de dama, e agora os faz de galan...

— De galan!... ai, Lálão!... não só no theatrinho, mas tambem no sotão!...

— Em?... e que tal a escolha?...

— É porque ella não sabe...

— Boa desculpa!.., tens uma filha sabia que compra nabos em sacco!!!

— E o *barrete de velludo*?...

Estanisláo mudou de tom:

— É uma consolação em prospecto: bem te disse eu que o conhecia!... tenho-o encontrado na praça, comprando e vendendo acções de companhias. É provinciano, inculca-se e parece capitalista... trata-se á grande... mostra-se nas melhores rodas... londrea com espavento... mas por ora só delle sei estas apparencias. Procedo á averiguações...

— Mas... este ao menos...

— Veremos... estou com alguma animação... todavia... quero estar seguro do navio em que me embarco...

— Assim pois o *barrete de velludo*...

— Chama-se Lucindo Franco Claro da Luz...

— Até o nome é bonito!... e de pessoa?...

— Agradavel, embora tenha mais de quarenta annos. É calvo; mas usa de cabelleira...

— Pouco importa que seja calvo...

— Mas importa muito esperar as averiguações...

— Ainda bem que Deolinda acertou em um!...

— Quem sabe?...

— Ora! era impossivel que errasse em quatro.

— Eu creio que ella é capaz de errar em quarenta. Ah, Mathilde, que tres!!!

— Não fallemos mais nisso.

— Eu insisto em despedil-a do mirante.

— Não, não; é preciso deixal-a olhar para o barrete de velludo, Lucindo Franco Claro da Luz... não esqueço mais...

— E os outros?...

— Ficão á meu cuidado; abrirei os olhos á Deolinda...

— Oh!... principalmente o nhônhô engommado que fasia papeis de dama, e agora os faz de galan no theatrinho!...

— Socéga, e mostra-te alegre...

— Não posso; creio que direi as ultimas á Deolinda!

— Que imprudencia!... não faças tal!... eu respondo por Deolinda. Não me tires a força moral .. deixa a menina comigo.

Alma fechada ainda estava exacerbado e iracundo.

Mathilde conhecia-lhe o fraco.

— Socéga, Lálão!... assim não poderás jantar...

— Por certo... jantarei mal...

— E hoje, que temos sopa de cabeça de carneiro...

— Da que eu mais gosto !...

— Feijoada primorosa... gallinha de molho pardo... lombo de porco... empada de camarões... peixe de forno. .

Alma fechada expandio-se.

— Mathilde! manda pôr a meza; estou rebentando de fome...

— E jantarás socegado?...

— Que remedio !... é preciso viver.

X

Á tarde, Estanisláo tinha sahido como sempre á negocio urgente, e Deolinda se dirigia para o mirante; mas sua mãe a reteve, e chamou-a á sala de visitas.

Brites estava bordando ao seo bastidor e nem reparou que a mãe a evitava, sahindo com a filha.

— Menina, disse Mathilde á Deolinda, hoje de manhã, quando eu e teo pae estivemos no mirante, chegamos por accaso á janellas...

— E virão as minhas flôres?...

— Vimos; mas tambem observamos os visinhos que temos e se avistão pelas quatro janellas...

— Ah! não os vi ainda... heide vêl-os...

— Não t'o prohibo; não ha mal em vêl-os, como porém és menina inexperiente, e elles

podem ser, como tantos outros, homens petulantes e audazes...

— Ah!.. mamãe me assusta...

— Não, quero apenas prevenir-te, disendo-te o que elles são...

— Quase que não me importa sabel-o...

— Ainda assim; nós vimos de uma janella o Manoel da venda no quintal... nem penso nelle... é o Manoel da venda...

— Esse conheço eu... que besuntão!...

— Da outra janella descubrimos um pobre homem... um empregado publico sem futuro, um coitado que ás veses jejua, se não tem quem lhe pague o almoço,..

— Faz pena!...

— Da outra... nota bem, Deolinda, as meninas ás vezes se deixão illudir pelas apparencias, da outra reconhecemos um moço que se veste bem e que se faz passar por estudante, sendo apenas rapaz vadio, e extravagante, cujo unico officio é representar em um theatrinho particular, onde já fez papeis de dama, e agora os faz de galan...

— Mamãe! perderei minhas flôres... não tornarei á chegar ás janellas do mirante...

— Porque?... eu apenas te digo aquillo, de que julguei dever prevenir-te...

— Mas... da quarta janella, mamãe?...

— Não sei... não vimos della pessoa alguma ruim ou inconveniente... não vimos pessoa alguma...

— Ah!... mas ainda assim... não sei se devo voltar ao mirante...

— Porque não?... hasde privar-te delle por causa dos máos visinhos?...

Tendo dado o seu recado, Mathilde sahiu da sala, e Deolinda muito naturalmente subiu para o mirante.

Como por boa entendedora poucas palavras lhe bastassem, ficára ella no convicção de que seus paes lhe permettião estudar sua geographia no pólo do norte sem duvida, porque o homem de barrete de velludo era dos quatro o que parecia rico.

Mas Deolinda, que aliás desejava casar com quem mais dinheiro tivesse para dar-lhe bonitos vestidos e joias de valor, nessa tarde, por espirito de opposição ou por capricho, namorou com pressurosa predilecção o nhônhô engommado que, embora não fosse estudante, como lhe fizera crer, era tam galante e mimoso que já representára papeis de dama, e estava representando os de galan em um theatrinho particular.

XI

Uma semana foi passando.

Politica interna na vida domestica: luta de Mathilde com Deolinda por causa do mirante e dos quatro pontos cardeaes. Ultimatum da filha que declarou não mudar de costume ou de distracções antes de ter certesa de casamento e noivo apresentado. Fraquesa dupla da mãe, que não soube tirar a chave do mirante e que por outro lado illudiu o seu Laláo, assegurando-lhe que a menina hia assentando a cabeça.

Relações exteriores: Alma fechada não chegava ao termo positivo e absoluto das suas averiguações; mas crescião diariamente as notas de apparencias da riqueza de Lucindo Franco Claro da Luz.

Entretanto *Alma fechada* encommodava-se

com a resposta constante e unica que de todos os seus informantes recebia.

— *Parece;* dizia um.

— *Parece;* respondia outro.

— *Parece;* era ainda a resposta dos mais.

E nenhum lhe dizia:

— *Ah!... é rico!...*

Ao menos, porem, não havia noticia de credores de Lucindo Franco Claro da Luz, que aliás sabia gastar.

Alma fechada pelo sim pelo não fez-se encontradiço com Lucindo, trocou palavras com elle, e simulou não comprehender o motivo porque lhe mereceu agrados e expansões de amabilidade.

Mas no ultimo dia da semana Mathilde viu o seu Laláo entrar em casa, fusilando com os olhos, e trasendo no rosto accendimento de alegria.

Os dous esposos recolherão-se logo para conversar.

— Ainda uma *apparencia* nova; mas esta é de deslumbrar...

— E tu que és difficil de crer!... mas que é, Laláo?...

— O homem... o dos quatro nomes lusentes e sinceros — Lucindo e Luz Claro Franco tem em

prospecto e já no conselho de estado os estatutos de uma companhia de mineração não sei bem... em que districto da provincia de Goyaz, com certos previlegios que garantem resultados extraordinarios!... fundo da companhia dez mil contos em acções de dusentos mil reis... o empresario é elle só!!!

— Misericordia!!! tem dez mil contos?...

— Não; tu não entendes da materia; mas não é qualquer bigorrilhas que pode atirar na praça acções de uma companhia de semelhante ordem!...

— E então?...

— Dizem alguns que o homem tem socios encobertos, capitalistas de grande fortuna; mas basta isso... se elle tem meios taes...

— Portanto...

— Prosigo ainda nas ultimas averiguações.

— Lalão, queres levar com ellas dez annos?...

— Quero levar o tempo necessario; entretanto conviria muito attrahir desde já o Lucindo da Luz á nossa casa.

— Certamente...

— Tu deves industriar Deolinda para captival-o, e pôr-lhe em fogo o coração...

— Não é preciso; ella já sabe...

— Nós... ora nós... está visto...

— Sem duvida... já se vê...

— E se elle pedir a menina em casamento...

— É logo... em quinze dias...

— Menos essa: é logo dizer-lhe que sim, e declaral-o noivo; mas o *recebo a vós* será em quinze dias ao menos, se eu já então houver chegado ao fim das averiguações, ou se a companhia de mineração tiver feito fortuna na praça, como se espera...

— E no caso contrario?...

— Contemporisa-se, demora-se o casamento... ficando-nos sempre o recurso de despedir o noivo, se não fôr o que *parece*.

— Tu és desconfiado de mais!...

— Não fazes idéa de quanto farropilha anda por ahi com fumaças de capitalista!...

— Em todo caso convem chamar para perto de Daolinda aquelle elegante barrete de velludo.

— Mas o meio?... um meio decente, e em que elle não suspeite pontinha de interesse?...

— Principia segunda feira, pedindo-lhe acções da sua companhia...

— Não; nessa não caio; quero limitar-me ás apolices...

— Pensaremos hoje... eu pensarei tambem...

— Sim, pensaremos no meio; agora é preciso viver: que temos para jantar?...

— Bijupirá, Laláo!

— Ah!... o dia é feliz!...

XII

Ladislão atirou-se ao bijupirá variado em diversos pratos com appetite tão devorador, que ficou como a *boa constrictor* depois de engulir um boi.

Alem disso era sabbado, e elle não tinha negocios a tratar á tarde.

Tomou duas vezes café para ajudar a digestão.

Estava emfim na sala a conversar com Mathilde, e ambos a excogitar manejo simples e decoroso para dar entrada na casa ao esperançoso barrete de velludo, quando batérão palmas na escada.

Alma fechada correu á tomar a jaqueta do mez, que felizmente ainda estava na primeira quinzena.

Uma escrava entrou na sala e apresentou o bilhete do visitante.

Estanisláo conteve um grito de alegria e leu á Mathilde: « Lucindo Franco Claro da Luz. »

Era a sôpa que cahia no mel.

Mathilde precipitou-se para fóra da sala e foi dar a noticia á Deolinda que estava no mirante.

A mãe apanhou a filha em estudo de alphabeto á dedos com o nhônhô engommado.

— Desastrada!... exclamou sem mostrar-se; louca!...

Deolinda voltou-se confundida e corada.

Mathilde disse-lhe:

— O homem de barrete de velludo acaba de annunciar-se...

— Ah! eu já sabia, mamãe... era por isso que estava me distrahindo do vexame...

No entanto Estanisláo recebera com a mais viva affabilidade á Lucindo da Luz.

Depois dos cumprimentos de obrigação e de interesse que ambos tinhão em mente, o elegante Lucindo da Luz disse:

— Vim incommodal-o, porque sei que se encarrega de negocios; ando atarefadissimo

e não posso occupar-me de transacções de menor importancia...

— Ah! certamente... eu sei...

— Anda ahi na camara um projecto de lei declarando livres os nascidos de escravas...

— É um attentado!...

— Mas se passar...

— É impossivel!... o ventre é como os braços e a alma dos escravos propriedade do senhor... o tal projecto é horrivel...

— Mas é licito ao menos recear que passe a idéa...

— Suppondo que assim seja...

— Tenho entre os meus escravos do sexo feminino mais de quarenta em idade de ter filhos...

— Eis ahi!... querem roubar-lhe os fructos das coitadinhas!...

— Veio-me o pensamento de mandal-os vir da provincia para vendel-os na côrte...

— Aqui já estão á rasto de barato...

— Imaginei que V. S. poderia talvez encarregar-se desta transacção que sei bem quanto é incommoda e desagradavel...

— Desagradavel, não; é como outra qualquer;

mas... actualmente o valor dos escravos baixou... quasi que não ha compradores...

E os dous discutirão longamente a questão, Lucindo da Luz affectando impressionar-se pouco do prejuizo, Ladislão exagerando a importancia delle, e maldisendo dos reformadores sociaes.

Por ultimo o proprietario provinciano disse, sorrindo:

— Bem... muito bem; peço-lhe perdão do tempo que vim tomar-lhe... V. S. me convence; devo conservar as minhas escravas, conservalas-hei; se seus filhos teem de ser livres, carregarei com o onus de fazel-os crear caridosamente; é talvez um dever de consciencia, porque, sendo fazendeiro, confesso que sou abolicionista...

Estanislão revolveu-se na cadeira atrapalhado de idéas; mas embora desconcertadamente deu taes voltas em torno e por meio da questão, que no fim de breves minutos, declarou-se inimigo da liberdade dos nascimentos; porem inimigo tambem da escravidão.

No momento mais absurdo das considerações de Ladislão, Mathilde e Deolinda, sem terem sido chamadas, e como que casualmente, entrárão na sála; mas tendo com cerimoniosos modos cum-

primentando o elegante senhor, logo recuarão para retirar-se.

Ladisláo chamou-as, e apresentou sua esposa e sua filha á Lucindo da Luz.

Cortesias e phrases obsequiosas de parte a parte...

As duas senhoras obrigadas á sentar-se...

Dez minutos de conversação banal...

Offerecimento de amisade por parte da familia...

Aceitação jubilosa ostentada com effusões de reconhecimento por Lucindo da Luz...

Promessas mutuas de enlaçamento de relações...

Despedida immediata...

Mãos amigas á apertarem-se de leve e respeitosamente...

Nota bene: Lucindo da Luz apenas tocou na mão de Mathilde; mas apertou com amorosa significação a de Deolinda.

E foi-se com ar de perfeita elegancia.

O homem de barrete de velludo estava pois com entrada na casa e já apresentado á familia.

Deolinda fingindo confusão e pejo esgueirou-se para dentro; não foi para o mirante, porque já era quasi noute.

— Como o diabo as arma!... disse *Alma fechada.*

— Não foi o diabo que as armou, respondeu Mathilde, foi o favor do céo que mandou o homem cá.

— *Parece;* mas ainda quero proceder as ultimas averiguações.

— Como?...

— Mathilde!... o pobre quando recebe esmola de mais, desconfia da caridade!...

XIII

Quinze dias em resumo.

Lucindo da Luz não poude resistir aos agrados de Mathilde e ainda menos aos encantos de Deolinda, e já toma chá todas as noutes em casa de Estanisláo.

Por vezes tem estado a sós com Deolinda; as confidencias de cinco minutos inflammárão-lhe a amorosa paixão, e todaviu não conseguira nellas mais do que beijar a mão da sensivel, porem modesta e recatada menina.

No fim de oito dias ou de oito noutes, Lucindo da Luz, vendo-se de todo vencido, e, tendo obtido prévia licença da sua amada, pedio-a em casamento á Ladisláo.

Mathilde foi logo chamada e jubilosa repettio-o que o marido já tinha dito, isto é, que a proposição era muito honrosa para a familia;

mas que ainda assim era a filha quem tinha de responder livre e definitivamente ao pedido de sua mão.

Entrou immediatamente em scena Deolinda que, toda pudor e acanhamento, com os olhos no collo e quasi sem voz, disse:

— Sim!... se papae e mamãe quizerem...

O papae e a mamãe quizerão...

Abraços em consequencia...

Passados os primeiros minutos de commoção e de alegria, *Alma fechada* tomou gravemente a palavra, e demonstrou a conveniencia de se guardar segredo sobre o ajuste de casamento, até ás vesperas da realisação deste.

Lucindo da Luz applaudio esse discreto conselho; Mathilde igualmente julgou-o muito acertado.

Deolinda não podia fallar; estava doce e pudicamente enleiada...

O namorado foi considerado noivo... em segredo.

No fim da quinzena e já alguns dias depois de ajustado o casamento de Deolinda, *Alma fechada* pela decima vez disse a Mathilde:

— Creio que demos no vinte!... que genro!...

ainda não me fallou em dote!... creio que nem pensa nelle!...

— E porque demoras o enlace feliz?... olha que ha sempre perigo nestes adiamentos...

— Ainda não cheguei ao fim das averiguações... na praça continua-se á fallar na grande empreza... mas já ouvi á um pôl-a em duvida...

— Que importa? isso não lhe tira a riquesa.

— Mas eu quero ver a riquesa mathematicamente provada.

— E até quando esperarás?...

— Esperaremos um mez; em um mez terei conhecido perfeitamente o homem...

— Como?...

— Devem chegar-me informações da provincia d'onde elle diz ser natural, e onde tem suas propriedades e *sua fazenda*.

— Ah!... esperemos um mez, Laláo.

Deolinda se adiantára pela quinzena sem modificar os seus costumes e a sua pratica de geographa no mirante.

Vendo de perto Lucindo da Luz, não se desgostára da sua pessoa, embora o tivesse preferido com uns dez annos de menos.

O seu pretendente era de elevada estatura,

ainda com zelados restos de bellesa varonil; usava de cabelleira que illudiria a todos, se elle não o confessasse, e trazia o bigode e a barba toda crescida, cuja côr negra dava mais realce á brancura do rosto; trajava com apuro de elegancia, e era perfeitamente delicado no trato.

Deolinda não amou, mas foi pouco a pouco achando Lucindo da Luz muito acceitavel para marido em falta de outro melhor, e, procedendo em consequencia, correspondeu ternamente, e até com indicios de paixão que mal disfarçava, a côrte amorosa que estava recebendo.

Todavia, como elle não tinha dez annos de menos, e ainda não era seu noivo, continuou a divertir-se no mirante, namorando não só ao seu barrete de velludo, mas tambem aos tres outros pontos cardeaes do seu mappa geographico.

O pobre *manqueja*, moço ainda, pois que apenas tinha trinta e cinco annos, agradavel de aspecto, homem serio, e realmente amoroso de Deolinda, modesto, timido, e sem esperança de commover o *Alma fechada*, vivia em ancias e afflicções exactamente por suppôr-se amado.

Deolinda aprazia-se muito da paixão, da tristeza, das amarguras do pobre *manqueja;*

mas nem porisso esquecia o Manoel da venda, e menos o nhônhô engommado do sotão.

E assim levava horas á variar, namorando a quatro e enganando sempre a tres emquanto se occupava com um, graças ás cortinas das janellas.

Justiça porém seja feita; desde a noite em que Lucindo da Luz a pedio em casamento, Deolinda, indo sempre ao mirante de manhã e á tarde, não correu mais senão a cortina da janella que olhava para o pólo do norte, e apenas subtil e invisivelmente espiava cautelosa, e ria-se, vendo tres padecentes á desejal-a e á esperal-a debalde.

Alvoroço, espanto, e desconsolação ao sul, á léste e ao oeste.

XIV

Não ha segredo possivel em casamento ajustado, principalmente quando o noivo frequenta a casa da noiva.

É cazo de violetas á denunciarem-se pelo aroma que espalhão.

A cara do noivo basta para espalhar a noticia.

Alem disso a visinhança adevinha...

Os escravos da casa da noiva dizem na venda aos caixeiros, na rua ás portas das velhas curiosas que os questionão verdades e falsidades da vida e dos segredos dos senhores.

Os noivos, da sua parte, já não fazem cabedal de prudencia, e teem sempre flôres que mandar e cartinhas á escrever um ao outro, e no modo mais seguro e destimido de despachar os porta-

dores dizem-lhes tudo, ainda mesmo sem lhes dizer couza alguma.

Antes do fim da quinzena, de que demos o resumo, o casamento de Lucindo da Luz e Deolinda era de todos sabido.

O pobre *manqueja* recebeu a terrivel nova antes de almoçar e, nesse dia, alem de deixar-se em jejum, deu ponto no thesouro nacional, primeira vez depois de doze annos de empregado publico.

O Manoel da venda, que ouviu o triste annuncio depois de ter jantado, teve uma indigestão ameaçadora de sinistros resultados, que felizmente forão atalhados.

O joven taful do sotão foi dos tres interessados o que menos se impressionou: sua tia deu-lhe a noticia do casamento da filha do *Alma fechada* no momento em que elle sahia á noitinha para ir desempenhar o papel de Coucy na tragedia *Fayel* que ia representar-se no theatrinho, e todo possuido da sua tarefa artistico-dramatica, apenas experimentou leve golpe de ciume, que aliás lhe serviu ás mil maravilhas, pois fez nessa noite prodigios na parte de Coucy.

O joven taful, cujo nome é Claudio Ribeiro,

não deve ser censurado pela sua apparente insensibilidade: o costume faz lei; Deolinda era a sua quadragesima namorada que hia casar-se sem lhe dar satisfações. Essa constante má fortuna ensinara-lhe á ter paciencia, e á não sucumbir ao infortunio.

Claudio Ribeiro submetteu-se resignado á nova desgraça que lhe sobreviera.

O pobre *manqueja* tomou luto no coração, e em nobre e generoso silencio escondeu á todos as torturas em que intimamente se despedaçava.

O Manoel da venda foi o unico que esbravejou furioso.

Quem quiz ouvil-o, soube que Deolinda era ou fôra sua namorada ao ponto de consentir que elle lhe atirasse azeitonas para dentro do mirante.

E, mais do que isso, o Manoel da venda jurou que havia tirar a folha corrida de Lucindo da Luz para comparal-o comsigo.

Disse horrores do *Alma fechada*, e exasperou-se por não poder mostrar o nome de Estanisláo como seo devedor de azeite e vinagre nos livros do borrão da venda.

A noticia do casamento de Deolinda com Lu-

cindo da Luz tornou-se tão sem véos e sem reservas que até chegou aos ouvidos de dona Brites.

Religiosa, mais do outro que deste mundo, e toda amor ascetico, dona Brites era com tudo isso, e apezar de tudo isso, mulher, e nunca ouvia annuncio e historia de casamento que não lhe batesse de certo modo o coração.

Nesse certo modo ella sempre se accusava do peccado, e era positiva que aos instinctivos batimentos do coração seguião-se jejuns, penitencias, e longas orações que acabavão por tranquillisar a santa mulher surda, côxa, e quasi idiota, como o assegurava o bom irmão *Alma fechada*.

Mas a nova do casamento de Deolinda, que ouvira ao acaso, e ao fazer doces, causou abalo tal á dona Brites, que ella temeu-se de estar em peccado mortal, e sem explicar o motivo dos seus escrupulos de consciencia, declarou formalmente ao *Alma fechada*, que precisava e queria confessar-se logo no dia seguinte.

Alma fechada não fez questão, e levou dona Brites á matriz da freguezia, cujo vigario recebeu-a no confissionario com caridade evange-

lica e espirito religioso, sem exagerações de severidade fanatica.

Dona Brites voltou da igreja perfeitamente feliz e serena com a profunda convicção de que não incorrera em peccado mortal.

XV

O Manoel da venda passára dos furores do primeiro dia á concentração da dôr; não fallou mais, nem quiz ouvir fallar do casamento de Deolinda; mas devia estar padecendo bastante; porque, pessoalmente para espairecer e mitigar as penas, sahia, contra o seu costume, todas as manhãs, e ficava na rua ou em longos passeios horas inteiras.

O eclypse total do sol do mirante desanimava de todo os tres namorados infelizes.

Lucindo da Luz era quem natural e justificadamente hia em progresso de bôa fortuna: no primeiro domingo depois do pedido de Deolinda em casamento mereceu ser convidado para jantar com a familia da sua noiva e, d'ahi em diante, sem mais precisar de convite, jantava pelo menos duas vezes por semana em casa de Estanisláo.

Homem de boa companhia, Lucindo da Luz tinha a arte de repartir com todos os membros da familia obsequiosas attenções sem jamais esquecer o objecto de seus ternos cuidados.

Assim a propria dona Brites tambem teve de reconhecer e de experimentar sua delicada cortezia, sendo encarecida pela excellencia dos doces que fazia, e muito elogiada pelos seus sentimentos religiosos.

Conversando á mesa do jantar com dona Brites, Lucindo da Luz ou fingia-se ou manifestava-se escrupuloso catholico, e tinha de mais a habilidade de sem gritar fazer-se ouvir e entender pela tia de sua noiva.

E ainda para melhor, quando fallava á dona Brites em assumpto religioso, o fazia de modo e com tal insinuação de idéas que parecia ter advinhado o systema de vida que Estanisláo impunha á irmã, e as esperanças futuras que para a familia devião provir do celibato perpetuo da pobre senhora.

Mathilde já tinha dito ao seu Laláo:

— Elle começou a tratar da sua propria causa, conversando com a tia da noiva:

E *Alma fechada* respondera:

— *Parece;* mas com o demonio!... elle se

inculca desinteressado... ainda não me fallou em dote!...

Nesse suave navegar em mar de rosas, quem primeiro se alvoroçou, desconfiando da viagem prolongada sem se ancorar em *porto seguro*, foi Deolinda.

Cerca de vinte dias depois da concessão do seu *sim* de noiva, e da approvação de seus paes, Deolinda, que doze vezes já tinha questionado sua mãe, ainda uma vez perguntou-lhe:

— Quando é o dia mamãe?...

A pergunta chegára repetida ao numero treze que é sinistro.

Mathilde respondeu como até então:

— Que pressa!... pouco tardará... teu pae está arranjando as cousas.

Deolinda calou-se e nem quiz fazer notar que ainda nem o seu enxoval se estava arranjando.

Chegada a noute e apanhada a occasião propicia, a noiva dirigio á Lucinda da Luz a terna pergunta:

— Quando é o dia?... papae já marcou?...

— Oh! não; e isso me afflige muito...

— Porque não insta?...

— Arreceio-me de desgostar seu pae...

— Mas a instancia seria tão natural... supponho-o...

— É a consolação da sua doce companhia que me dá coragem para esperar...

E Lucindo da Luz beijou com fervor a mão de sua noiva.

— Ah! respondeu ella; isto é muito lisongeiro para mim!...

E Mathilde, chegando, cortou o fio da meiga conversação.

Deolinda levou o resto da noute a reflectir, e acabou por desconfiar tanto das intenções dos paes, quanto logo duvidou do amor do noivo.

O caso era para desesperar e todavia a boa da menina poz-se á rir; é verdade que o seu riso tinha alguma cousa de ameaçador.

Na manhã seguinte correrão-se uma por uma as cortinas dos quatro pontos cardeaes; mas a ultima foi a do norte, porque Lucindo da Luz tinha mostrado que *sabia esperar*.

Deolinda não foi inteiramente feliz, porque não vio o nhônhô do sotão, e porque o Manoel da venda manifestou ciumes á sua *guisa*, voltando-lhe brutalmente as costas.

Mas diante ou defronte do *manqueja* Deolinda mostrou-se abatida e profundamente triste, e

correspondendo á mimica queixosa e indicadora da verdadeira magoa do fiel apaixonado, indicou com expressivos signaes que seu pae queria obrigal-a á casar, que ella estava padecendo, mas que o seu amor era cada vez mais firme e dedicado...

Como ficou o coração do pobre *manqueja*?...

Ainda bem que a diabolica rapariga fez um movimento de susto e cerrou a cortina.

No outro dia o polo do norte foi ainda o ultimo que vio correr a cortina, tendo *esperado* mais tempo do que na vespera; poisque alem de colher o tributo do *manqueja*, Deolinda gastou meia hora a fazer o Manoel da venda já apaziguado, comprehender a historia mimica do casamento imposto, e do amor indestructivel.

Ainda nessa manhã ella não vio; á tarde porem apanhou Claudio Ribeiro ao sul, e nem precisou desculpar-se com a historia gesticulada até o fim, porque o taful a interrompeu, atirando-lhe beijos, doudejando aos saltos em transportes de jubilo, e assegurando em gestos e attitudes theatraes a apotheose de amor.

Deolinda pondo assim em alarma os tres namorados, esperou as consequencias da manobra, contando com antagonismo em choque desagradavel,

reanimando esperanças amortecidas, e provocando apprehensões dos pais, para forçal-os a apressar seu casamento.

O calculo era evidentemente tresloucado; mas Deolinda não era louca?...

XVI

Alma fechada desde trez dias andava carrancudo e irascivel. Só Mathilde sabia a causa do seu *máo humor*.

— Que mais ha, Laláo?... perguntou ella.

— Terceira carta anonyma... a mesma letra, e a mesma redação asnatica, e sempre o mesmo aviso de que Lucindo Franco Claro da Luz é cavalheiro de industria!...

— E a prova?...

— Aconselha que peçamos a contraria á elle: o conselho é prudente... embora dado em algaravía...

— Eu suspeito do Manoel da venda, que é muito estupido...

— Não; já pensei assim, mudei porem de parecer; isto é de homem sensato, que se dis-

farça, escrevendo como boçal. Eu suspeito do *manquejo*.

— E o galan?...

— Ora! escreveria, pondo na carta tiradas de comedias...

— E que temos com os aleives e as intrigas?...

— Que temos?... mas se não forem aleives?... olha: a empreza de Goyaz creio que gorou...

— E elle?...

— É sempre o mesmo: seguro, rutilante, e basofiando na praça...

— Então?... não se engana assim o mundo.

— Que tola!... é mesmo assim que se engana o mundo.

— Portanto,..

— Em oito dias ao mais tardar, chega o vapor do norte... espero averiguações... as ultimas...

Mathilde não teve que dizer.

O credito de Lucindo da Luz achava-se pois embaciado por suspeitas na casa da noiva; mas os paes desta disfarçavão suas nascentes apprehensões.

O auctor das cartas anonymas era com effeito o Manoel da venda, que as escrevia como a sua estupendissima ignorancia lh'o permittia,

espatifando a grammatica, assassinando a lingua, e pondo em trapos a orthographia.

Entretanto o Manoel da venda, que assim tão sem cerimonia garatujava cartas anonymas a Estanisláo, desacreditando o noivo de Deolinda, desejava ardentemente escrever á esta, poisque não podia fallar-lhe, para manifestar a pureza dos seus sentimentos e prevenil-a do máo casamento que a ameaçava.

A pureza dos sentimentos do Manoel da venda consistia essencialmente no empenho de apanhar-lhe o dote e de aguardar a herança da filha do *Alma fechada*, que era mais rico do que se dizia, conforme os calculos do vendilhão, que é o senhor dos segredos da vida alheia da sua visinhança.

A ameaça de máo casamento não era absolumente pleivosa...

Em suas sahidas da venda Manoel não tratara de espairecer e de mitigar as magoas; andara á caça de informações sobre Lucindo da Luz, e á procural-as, pedil-as e provocal-as com vontade inimiga, e, sem as decorosas reservas que Estanisláo devia respeitar, adiantou-se mais que este, e descobrio duvidas, receios do desconhecido, cautelas que indicavão incertesas, e exa-

gerando tudo isso, declarou por decreto do ciume que Lucindo da Luz era cavalheiro de industria e velhaco.

Mas o Manoel da venda queria escrever carta de amor e de prevenção contra Lucindo da Luz á Deolinda, e não se animava a fazel-o em sua algaravia despresivel; tinha medo de daguerreotypar-se ainda mais rude e selvaticamente do que se mostrava, namorando em mangas de camisa, e á atirar azeitonas á namorada!...

Era um Manoel da venda que conservava a consciencia da sua absoluta incapacidade para escrever cartas de amor.

Honra lhe seja feita!... era ainda um Manoel da venda incompleto em vaidades de sandeo que ganha dinheiro.

Achando-se em taes apuros a gralha resolveo ser pavão, e brilhar com eloquencia alheia.

Manoel da venda lembrou-se de recorrêr ao sobrinho de uma de suas freguezas da pobre carne secca e do feijão diario; o tal sobrinho tinha letra bonita, fallava bem, reputava-se litterato, e sobre tudo isso era seu devedor insoluvel de trinta mil reis, que uma vez lhe apanhára de emprestimo por trez dias.

Manoel postou-se á porta da venda ás horas

em que o joven costumava recolher-se para jantar, e apenas o lobrigou, chamou-o, foi encerrar-se com elle no seu quarto, e confiando-lhe o segredo do seu amor, fez-lhe o mais inesperado pedido.

O joven era sem mais nem menos Claudio Ribeiro, a quem escapou uma exclamação de surpresa, ouvindo o nome de Deolinda; mas contendo-se logo, e até achando certo que de romanesco e dramatico ou comico nesse episodio dos namoros da menina do mirante, conveio sem hesitação em escrever, não só uma, como cem cartas amorosas, que Manoel quizesse mandar á sua bella.

Claudio Ribeiro já por mais de uma vez tinha escripto á Deolinda que por tanto lhe conhecia a letra; assim pois prestando-se á servir de secretario ao seu amigo Manoel da venda, ficava senhor dos segredos deste, compromettia-o não pouco no conceito da namorada, e tambem vingava-se desta, confundindo-a com o mais positivo testemunho da sua infidelidade e inconstancia de namoradiça.

A primeira carta foi escripta immediatamente; o secretario encheu pagina e meia de explosões de paixão, de insinuações malignas contra Lu-

cindo da Luz, e de rogativas de preferencia para noivo, e tudo isso de mistura com apostrophes e entre-meios de poesia.

Claudio Ribeiro abusou cruelmente da confiança e da ignorancia do Manoel da venda, a quem deixou enthusiasmado pela sublimidade da carta, que na noute desse mesmo dia chegou ás mãos de Deolinda.

O malicioso secretario contava regalar-se com a perturbação e com os vexames da namoradeira; mas na manhã seguinte embasbacou a principio, vendo Deolinda apparecer-lhe á janella do mirante, mostrar-lhe a carta, e desatar á rir, applaudindo a façanha.

Claudio Ribeiro adorou aquella Deolinda.

XVII

Parece que na casa de Estanisláo andavão todos com a pedra no sapato.

Alma fechada cheio de apprehenções e de receios esperava com anciedade cartas da provincia de... que devião trazer-lhe alegre certeza ou triste desengano.

Mathilde, perplexa e duvidosa, mostrava-se melancolica e pensativa.

Deolinda temendo sempre que o pae não a quizesse casar para não dar-lhe dote, já tambem desconfiava do noivo que sabia esperar com paciencia que se aprazasse o dia das nupcias.

E para que não houvesse excepção entre os membros da familia, até dona Brites, a infeliz senhora côxa, surda e quasi idiota, se indiciava preocupada e ás vezes absorta.

E todos tinhão razão, até dona Brites.

A piedosa senhora dormia no mesmo quarto com Deolinda, e pelo costume do convento, acordando sempre muito cedo, pelo menos duas horas antes da sobrinha, consagrava esse tempo ao seu livro de orações.

Havia duas semanas que, em uma manhã, dona Brites, abrindo o seu livro de orações, encontrou nelle um oitavo de folha de papel paquete escrito com bellissima letra e tinta vermelha.

Não podia haver peccado em ler o que estava mettido no seu livro.

Ella leu o seguinte:

« Um anjo me appareceu, e eu reconheci no anjo o rosto e a figura de Brites.

« Emquanto eu contemplava o anjo, uma voz poderosa, e que vinha de cima, fallou á meus ouvidos, dizendo:

« Eu te escolhi entre todos para que tambem o anjo te escolhesse no mundo em nome do senhor.

« E logo depois o anjo desappareceu.

« Mas a voz que vinha de cima, tornou dizendo:

« Na bôca que propala o meu segredo, fica imposto o sello da minha maldição. »

Dona Brites releu as linhas escritas, fortemente impressionada pelo estylo biblico, e pelo inesperado e inexplicavel achado daquelle papel no seu livro.

Quem o teria posto alli?... que querião dizer semelhantes palavras?... haveria no caso alguma tentação do demonio?

Dona Brites lembrou-se de reccorrer á confissão; mas, simples como era, aterrou-se, lembrando e lendo outra vez a ameaça do sello da maldição.

A pobre senhora jejuou, resou, fez penitencias e guardou segredo.

Trez dias depois outro papel no livro das orações.

Dona Brites leu:

« A voz que vem de cima fallou á meus ouvidos, dizendo:

« Vai a quem te mando, e sem que te mostres, dize-lhe:

« Quem observa a lei do senhor, segue o caminho do céo:

« Ora o santo matrimonio é lei do senhor e abençoado pela igreja:

« Mas a malicia e a avareza dos parentes escondem e embaração a lei do senhor, para que

a mulher simples e opprimida não a cumpra.

« Vae, e dize-lhe isto que te ordeno:

« E na bôca que propalar o meu segredo ficará imposto o sello da minha maldição. »

Dona Brites ainda mais pasmada ficou.

Dessa vez porem não pensou em confissão; porque a doctrina que acabava de ler parecia-lhe de perfeita harmonia com a que ultimamente ouvira confessando-se ao vigario da freguezia, o qual lhe assegurara que, pensar sem malicia e sem ideas libidinosas em casamento, não era nem podia ser peccado em quem se achasse em condições naturaes de receber o sacramento do matrimonio.

Mas ainda assim dona Brites passou o dia inquieta e como atordoada...

Á noute trancou a porta por dentro...

E de manhã terceiro bilhete biblico dentro do livro.

Outra vez á noute trancou a porta, e tirou a chave, que guardou debaixo do travesseiro.

E de manhã ainda bilhete biblico!...

Dona Brites pedio perdão á sobrinha por havel-a na vespera suspeitado de uma zombaria.

Resolveu velar toda a noute que hia passar, e assim o fez.

E o bilhete em estylo biblico amanheceu no livro de orações ! ! !

Era na verdade para confundir ou transportar uma senhora religiosa, ascetica, a quem não lembrava ao menos que havia escravas na casa e que uma dellas era encarregada do serviço do quarto.

Mas dona Brites tratava todas as escravas com exemplar caridade, e ao mesmo tempo impunha-lhes o mais escrupuloso respeito. Era sem duvida por isso que não se lembrava dellas.

Os bilhetes hião no entanto se succedendo diariamente e sempre no mesmo sentido.

E, é preciso dizel-o, á principio somente enchião de assombro, depois provocárão reflexões e dentro em pouco levárão dona Brites á convicção de que era victima de calculo egoista de seus parentes, que a condemnavão ao celibato para herdar sua fortuna.

É inutil dizer com que força e ardor sôa a badalada de casamento no coração de uma solteirona de trinta e oito annos de idade.

Mas da parte de quem, donde, e como vinhão parar no seu livro de orações aquelles bilhetes?...

Quem sabe quantas phantasias, quantas creações imaginarias, quantas idéas extraordinarias

tinhão já passado pela alma da simples, religiosa, e fanatica senhora?...

Finalmente, na manhã de um domingo, dona Brites achou ainda e leu este bilhete:

« A voz que vem de cima fallou á meus ouvidos dizendo:

« Eu serei o escudo do teu braço, e a minha luz acenderá a tua gloria na terra;

« Porque tu obedeceste a minha ordem, e tomaste a viseira da malicia para ir castigar a malicia, despedaçando as malhas da sua rede...

« Agora vae e mostra-te, para que a mulher simples e opprimida te veja, e te distinga entre todos:

« Porque tú és o meu escolhido para ser escolhido por ella.

« E hoje irás esperal-a á porta da minha casa.

« E quando ella entrar a porta da minha casa, tu lhe offerecerás o aspersorio da minha agua santa;

« E ella te reconhecerá pelo meu escolhido que será entre todos o seu escolhido;

« E assim se cumprirá a minha lei, e rolará no pó da confusão a malicia da avareza;

« Mas na bôca que propalar o meu segredo, ficará imposto o sello da minha reprovação. »

A pobre dona Brites, acabando de ler este bilhete, achou-se, sem saber porque, tão corada como tremula...

Ella sentia curiosidade, enleio, pejo e medo...

Era aos trinta e oito annos de idade, como uma menina de quinze annos, a quem tivessem annunciado a apresentação de seu noivo...

E eis ahi complicando o caso dous peccados veniaes...

Dona Brites pela primeira vez derramou algumas lagrimas, lamentando ser côxa, e pela primeira vez ficou uma hora diante do espelho, alisando os cabellos, e empenhando-se em dar alguma graça ao seu desgraçado toilette invariavel e perpetuo.

E diante do espelho, desgostosa do mais antigo vestido preto, perguntou a si mesma porque, tendo alguma fortuna, não se vestia melhor.

Terceiro peccado venial.

Mas era tempo... esperavão-a, nunca a haviño esperado para ir á missa...

A familia sahio, Mathilde com Deolinda, e ella pelo braço do irmão...

Dez minutos de caminho e chegárão á igreja...

Oh!... Lucindo da Luz estava serio, estatico,

embevecido, como inspirado, em pé junto do hysope...

Dona Brites desviou delle os olhos... hesitando... tremendo...

— Anda, Brites!. . disse-lhe o *Alma fechada*.

Dona Brites avançou quasi arrastada...

E Lucindo da Luz, esquecendo Mathilde e Deolinda que hião a diante, deu um passo e offereceu o aspersorio a dona Brites!...

A piedosa e credula senhora olhou... pareceu-lhe ver Lucindo da Luz cercado de flammas, e aceitando abalada o aspersorio, balbuciou:

— Amen! amen! amen!...

XVIII

Nem por isso tivérão termo os bilhetes em estylo biblico que dona Brites diariamente encontrava no seu livro de orações.

Lucindo da Luz continuando á ser pela familia recebido como presumptivo marido e já noivo de Deolinda, escrevia sempre e mysteriosamente á dona Brites como se fôra emissario inspirado para salval-a e felicital-a.

Os bilhetes tornárão-se longas cartas em que elle, sem falha de estylo, annunciou á credula senhora que uma voz mysteriosa e que vinha de cima o esclarecera sobre os planos egoistas do *Alma fechada*, e lhe ordenara que se introduzisse no seio da familia, fingindo-se noivo de Deolinda, mas com o fim unico de ser noivo e marido predestinado da victima da avareza dos maus parentes.

Lucindo da Luz já chamava dona Brites em suas cartas biblicas *minha noiva por ordem do Senhor* e ajuntava á cada carta uma oração de sublime mysticismo.

Era esse o mais seguro e facil systema para mystificar e dominar absolutamente dona Brites que já estava prevenida contra os parentes, que nunca lhe havião fallado em casamento, e ao contrario sempre lisonjeavão a santidade do seu celibato, com o qual tinhão tudo á ganhar material, ou pecuniariamente.

Dona Brites começava a reflectir na vida que até então vivera; lembrou-se de ter sido levada por suggestões de Estanislão a fazer doação de uma escrava a cada um dos seus sete sobrinhos, e de que ainda á poucos dias elle lhe pedira para concorrer com uma parte do dote de Deolinda.

Assim o irmão, alem de haver disposto as cousas de modo a ser herdeiro da sua fortuna, já a hia fazendo desherdar-se em vida.

E além disso porque Ladislão, em vez de propor-lhe que dotasse a sobrinha, não lhe propunha que se casasse, sendo-lhe isso talvez facil com o dote que tinha?...

Emfim não era melhor ser dona de casa do que aggregada de quem quer que fosse?...

É evidente que as cartas de Lucindo da Luz aguçavão o espirito de dona Brites, e abrião á sua intelligencia horisontes desconhecidos.

Accresce ainda que Lucindo da Luz lançava-lhe á furto suaves e ternas vistas e que ella reconhecia estar sentindo por elle certo pendor que a fazia corar...

Era por estes motivos que dona Brites vivia desde duas semanas preoccupada e absorta.

Mas de repente rugio a tempestade na casa e cahio raio sobre raio.

Alma fechada que voltava de seus negocios da manhã sempre ás duas horas da tarde, um dia rompeu da escada ás onze horas, e chamando Mathilde, trancou-se com ella na sala da frente.

— Tu me fazes medo, Laláo!

— O Lucindo da Luz é um escuro da noute!... exclamou *Alma fechada*.

— Que estás dizendo?...

— A famosa empreza gorou, o privilegio foi negado redondamente; mas isso é o menos...

— Sim; isso não o empobrece...

— O mais, Mathilde, o mais é que se descobrio e verificou, que Lucindo da Luz é simples agente dissimulado de uma roda de jogadores de acções de companhias e de libras, e que elle com-

pra ou vende acções e libras em alta escala para provocar a alta ou a baixa, conforme as especulações da roda que o tem assalariado.

— Portanto...

— Cahio de catrapoz!...

— E as informações já chegárão da provincia?...

— Não preciso mais dellas; o paquete porém estava entrando...

— Oh! vae, Laláo!...

— Vou; mas a cousa é certa... o barbas de mono é peior que o Manoel da venda...

— Que será de Deolinda!...

Alma fechada não respondeu, porque já descia a escada precipitadamente.

Mathilde ficou á esperal-o contrariada e afflicta; mas dissimulando diante da filha que a observava inquieta.

Quando *Alma fechada* entrou para jantar, trazia no rosto indifinivel expressão de colera e de alegria... mistura indizivel de sentimentos incombinaveis.

Mathilde correu á ouvil-o.

— Bem teimava eu em esperar pelas ultimas averiguações... é cavalleiro de industria!...

— Ah, Laláo!...

— Herdou do pae uma duzia de contos, e veio landrear com elles aqui; derreteu-os em memos de um anno, e voltou para a provincia, basofiando de grande influencia, e de feliz interessado em emprezas gigantescas, apanhou o pouco dinheiro que restava á mãe viuva, e o que poude obter de um irmão credulo e tolo, e abalou de novo para o Rio de Janeiro; que dizes á isca?...

— Que demonio!...

— O patife!... exclamou *Alma fechada* com furor; tentava roubar-nos e por na rua o nome da menina!...

Mathilde torcia as mãos com raiva.

— Que desgraça!... disse.

— Podia ser maior, tornou o pae de Deolinda, passando da colera á alegria, ou pelo menos á grata consolação; podia ser maior... escapamos de bôa!...

E accrescentou:

— Se eu tivesse adiantado o casamento e cahido com o dote!!!

— Mas agora...

— Deixa o melquetrefe comigo.

— E Deolinda?

— Fica por tua conta e olho vivo nella.

Alma fechada jantou admiravelmente, e á

tarde, para prevenir a noute, foi fazer uma visita a Lucindo da Luz.

Despedida formal e em regra.

A visita durou menos de cinco minutos. *Alma fechada* não perdia o seu tempo.

Mathilde teve tambem sua entrevista com a filha, e lhe expôz o triste, mas indispensavel desmancho do seu casamento.

Deolinda protestou, chorou, jurou que era tudo falso e que por bem ou por mal havia de casar-se com Lucindo da Luz.

A mãe passou dos conselhos e das consolações á intimação positiva e á ameaças de severidade.

A filha foi pouco á pouco se aquietando, receiosa de perder o mirante, ainda chorou, e queixou-se de que seu pae não queria casal-a para não dar-lhe dote.

Mathilde abraçou-a, e deu-lhe palavra de que em poucas semanas lhe arranjaria casamento.

— Mas com uma condição, disse.

— Qual?...

— Hasde esquecer completamente o velho falsario que nos quiz enganar.

Deolinda encolheu os hombros, indicando indifferença, e respondeu:

— Pois sim, mamãe; esqueço-o...

Mathilde exultou.

E na manhã do outro dia Deolinda, com os cabellos soltos, com os signaes preparados de dôr e de consternação, correu a cortina e mostrou-se á janella do norte...

Mas cançou de esperar: o barrete de velludo não appareceu na varanda.

Um pouco ferida em sua vaidade de moça, porem sempre leviana e insensivel, Deolinda alisou os cabellos que puzera em desordenado abandono, fel-os cahir com estudo e graça sobre suas espaduas, e successivamente correu as cortinas dos outros *pontos cardeaes*, e ostentando jubiloso transporte annunciou por meio da telegraphia mimica, que se rompera o ajuste do casamento forçado e que se achava em disponibilidade.

Convem registrar dois pontos importantes.

Primeiro: Deolinda ganhara cento por cento, fazendo-se ver pelos tres pontos cardeaes com os seus finos, longos, e ondeantes cabellos castanhos, soltos e cahidos pelas espaduas.

Segundo: Deolinda, rindo zombeteira e inconsiderada, preveniu a Claudio Ribeiro de que

o deixava para ir divertir-se apparecendo ao Manoel da venda.

Houve alegria, parabens, e prazer nos tres pontos cardeaes.

Mas ainda ha terceiro facto para registrar.

Nessa mesma manhã dona Brites tinha achado no seu livro de orações uma carta sempre em estylo biblico.

E dona Brites alvoroçou-se, chorou, e guardou segredo.

XIX

Toda a visinhança de Estanislão ficou em poucas horas sciente do casamento desfeito e dos motivos que havião determinado o rompimento.

Admirou-se o tino do *Alma fechada*, e louvou-se a virtude de Deolinda, salvas algumas dentadas da malidicencia.

Mas a desgraça de Lucindo da Luz animou as esperanças dos dous namorados, que calculárão com os desgostos da familia de Deolinda, e quizerão aproveitar a monção.

Um delles foi o *Manqueja*.

Diga-se finalmente o seu nome de baptismo: chama-se Felicissimo...

Seu nome era o contraste da sua fortuna.

Empregado publico, modelo, assiduo, intelligente, dedicado, honestissimo, por falta de protector, e por incapacidade de adulação e de char-

latanismo, experimentara vinte preterições, e vivia esquecido em perpetua terceira ordem desde muitos annos; porque nunca soubera adiantar-se e subir, e porque quando requeria e lhe negavão accesso, invariavelmente explicava o infortunio, dizendo: « cheguei tarde! » Felicissimo era chamado por alcunha posta pelos collegas, o *Manqueja*.

Mas o *Manqueja*, probidade sem jaça, typo de escrupuloso e habil empregado publico, tinha um senão imperdoavel: era pobre; vivia só dos seus vencimentos.

E apezar de pobre como era, perdidamente apaixonado por Deolinda e julgando-se por ella com igual fervor correspondido, venceu suas justas apprehenções, suffocou seus temores e vexames, e tendo prevenido a namorada, foi pedil-a em casamento a *Alma fechada*.

Era um homem de bem, tinha em toda sua vida modestissima, porem digna, garantia segura do futuro de honra e de decoro da familia.

O pobre *Manqueja* recebeu *não* redondo do *Alma fechada* que protestou desabrido e indignado contra a insinuação de ter sido a proposição autorisada por Deolinda.

Felicissimo sahiu da casa de Estanisláo vermelho de vergonha, atrapalhado de perturbação e em desespero de amor.

Será *Manqueja* per omnia secula seculorum; pois que só comprehende as cousas feitas pela linha recta.

O desastre do *Manqueja* realisou-se tres dias depois do desmancho do casamento de Deolinda com Lucindo da Luz.

E no mesmo dia em que Felicissimo naufragara, o Manoel da venda, envergando uma casaca verde com botões amarellos que ha dez annos possuia, abalançou-se a tentar o que o outro não conseguira.

Mas o Manoel da venda era ao menos *discutivel*, e soube levar de cór o balanço da sua casa: no balanço depositava elle o testemunho do seu merecimento: á parte as dividas que podião calcular-se perdidas ou duvidosas, podia ostentar dez contos de reis em deposito no thesouro, e outro tanto de valor independente de quaesquer obrigações no capital empregado no productivo abastecimento da venda, que só em vinhos e aguardente se triplicava e quadruplicava em proporção dos temperos artificiaes.

Alma fechada presentia no Manoel da venda

menos amor por Deolinda do que calculo com a fama das suas apolices; ouvio porem attento o pedido que elle lhe vinha fazer, e a exposição franca e circumstanciada da situação financeira do candidato á noivo, e ao mesmo tempo foi reflectindo nas exigencias de ambição, e nas tentativas de emprestimos de quantias avultadas, nos empenhos para endoço de letras, e portanto nas lutas domesticas que o esperavão, se tomasse por genro homem tão interesseiro, avaro e brutal.

É tambem natural ou pelo menos verosimil que o pae desejasse para a filha noivo que não fosse tão achamboado.

Por essas razões, e ainda porque com Manoel a questão do dote de Deolinda seria discutida de modo positivo e provocaria em casa lamentações e clamores da menina que estava douda por casar, *Alma fechada* despedio o pretendente, declarando-lhe, que tendo ha poucos dias desfeito um ajuste de casamento que reconhecera não convir á sua filha, julgava que era pouco decoroso para esta aceitar inmediatamente outro noivo.

Manoel não entendeu a negativa suave que em consideração aos seus dez contos em deposito no thesouro nacional recebera de Estanislão, e respondeu que estava prompto a esperar quatro ou

seis mezes; mas logo embatucou, ouvindo o pae da menina dizer-lhe em tom secco:

— Queira perdoar... pensei que me havia explicado bem... ainda que o senhor Manoel esperasse quatro ou seis annos, não casava com Deolinda; porque tenho outras idéas sobre ella.

Manoel deixou ouvir antes um ronco do que um gemido de dôr, de um salto foi tomar o chapéo, e sahio sem se despedir, voltando-se porem, quando já estava na porta, exclamou:

— Que o diabo o carregue!... bem o chamão por ahi o — *Alma fechada*!...

E descendo a escada, foi esconder sua indignação e sua vergonha no fundo da venda.

Estanisláo tinha soltado um rugido, e em seguida esbravejou raivoso diante de Mathilde que acudira á sala.

Estanisláo acabava de ser ferido no ponto mais delicado da sua sensibilidade; preferia antes receber uma bofetada, do que ser chamado *Alma fechada*.

Durante uma hora a casa andou em poeira, e Deolinda que ousára apresentar-se, apenas escapou á mais dura reprimenda, fazendo côro com o pae contra o Manoel da venda, jurando que o seu unico erro fôra fazer delle durante

alguns dias objecto de suas zombarias, e que ainda que todos quizessem, ella nunca se sujeitaria á ser esposa de semelhante alarve.

Por ultimo, vendo que Mathilde chorava, *Alma fechada* poz o chapéo na cabeça e sahio, bradando:

— Agora, sim, hei-de pôr em ordem esta casa!...

. . . . . .

No outro dia, quando de manhã Deolinda se dirigia para o mirante, achou a porta trancada.

E ao voltar-se contrariada e colerica, esbarrou com Mathilde que, pondo o dedo na bôca, recommendando silencio, disse-lhe baixinho:

— Foi teu pae... não te inflammes... e espera.

XX

Era muito tarde para o recurso ás medidas de rigor.

Estanisláo preoccupando-se exclusivamente de ganhar e ajuntar dinheiro, e só acreditando no poder e no encanto da riqueza, e Mathilde por convicção ou pela influencia do marido pensando nesse ponto absolutamente como elle, tinhão-se descuidado de mais do coração da filha, e deixando-lhe em casa talvez por compensação da penuria de distracções e pela privação de theatros, de bailes, de festas, liberdade excessiva e não zelada.

Deolinda gozara longos mezes, tempos que ella bem marcara, a independencia do seu mirante de quatro janellas que ella chamava *os quatro pontos cardiaes do mappa do seu mundo*, e excepção feita do oriente, do occidente, e do sul,

onde o *Manqueja*, o Manoel da venda, e o falso estudante Claudio Ribeiro, tinhão sido permanentes, já ao norte mudara ella quatro vezes de namorados, exactamente porque elles haviño mudado de casa.

Ainda mesmo depois de descobertos os seus namoros pelos paes, tinhão estes incorrido no indesculpavel erro de deixar a filha senhora absoluta do mirante.

Sabião elles que Deolinda suspeitava que a não querião casar para não dar-lhe dote, e que se arreceiava da vida celibataria, triste e mesquinha de sua tia.

Alma fechada logo depois de romper o casamento ajustado entre Lucindo da Luz e a filha, acabava de repellir dous pretendentes á mão della.

O duplo caso era para aggravar aquellas suspeitas de Deolinda.

E em tão melindrosas circumstancias Estanisláo furioso por ter sido chamado *Alma fechada* pelo Manoel da venda, trancava e tomava a Deolinda o mirante, que era a valvula de segurança, por onde ella derramava, desprendia em namoros expectantes e confortativos as lavas,

e os ardentes assanhos da sensibilidade volcanica...

Sem o mirante que era a valvula de segurança, havia perigo de explosão...

Mathilde tinha dito á filha:

— Espera...

Mas sem o mirante, e mal educada, e suspeitosa como estava, poderia Deolinda saber esperar?...

XXI

Deolinda esperou absfando a ira, um pouco medrosa do pae, mas de animo revolto, durante o primeiro dia.

Sua mãe, disse-lhe:

— Laláo está enfurecido e não me attende hoje; ámanhã porem me attenderá.

Deolinda esperou o segundo dia, desabafando a colera em ironias pungentes, e em amargas allusões á avareza do pae.

Sua mãe disse-lhe:

— O rigor de Laláo vae passar: posso afirmar-te que elle já poz os olhos em alguem para teu marido... é um noivo de encantar... ficarás douda por elle...

Deolinda *esperou desesperada* no terceiro dia, e obstinadamente expansiva em sua ira e em

seu afflictivo resentimento, lamentou-se e chorou á meza do jantar.

Alma fechada, comendo sempre, ou antes devorando em furor o assado de que acabava de servir-se, bradou:

— Chora! rechora! e torna a chorar!... mirante mais nunca, ouviste?... o casamento, só d'aqui á um anno... isto é, se tiveres juizo!...

— Laláo!... disse Mathilde; que imprudencia!...

— Pois bem; só d'aqui á dous annos!...

Deolinda cruzou o talher no prato, e balcuciou tremendo:

— Que excellente jantar!... faz vontade de viver aqui toda a vida!...

— Menina!... exclamou a mãe, reprehendendo o desrespeito e a ouzadia da filha.

— Pois fica sabendo, só d'aqui á tres annos, ainda que eu estoure!...

— Laláo!... Laláo!...

E *Alma fechada* em viva iritação de animo puchou para si o assado, e repetio a dóse.

Mathilde procurava tranquillisar o marido e a filha.

Deolinda passou a tarde em consternação e

em erupções de despeito e de ameaças de escandalo publico...

A mãe ralhava e tremia...

Dona Brites olhava espantada e fazia seus entes de razão...

E...

Entendão lá as couzas deste mundo!...

No quarto dia, Deolinda mostrou-se melancolica, mas submissa e resignada.

E no quinto dia, Deolinda foi tam suave e tam meiga com os paes, que parecia mesmo peccadora arrependida...

E no sexto dia ella... rio-se!...

— Em?.. disse *Alma fechada* á Mathilde, vês, como ella se vae endireitando?... é preciso que a casa cheire á homem!...

— Ah, Laláo, eu penso que endireitaria a casa melhor do que tu; não gosto da resignação, e menos ainda da alegria de Deolinda...

— Em?... que imaginas?..,

— Abre a porta do mirante, Laláo!

— Menos essa!...

— Abre-a, Laláo!

— Para que?... para que Deolinda vá namorar o perverso, o bruto, o selvagem, o infame

que me ultrajou com aquella malvada alcunha?...

E *Alma fechada* cerrou os punhos com ameaçadora raiva.

Mathilde calou-se.

E todavia no coração de Mathilde estavão palpitando os instinctos ou as adevinhações do anjo, ou da inspiração sublime da maternidade.

Mãe é um nome que significa *anjo, que lê e não treslê;* anjo que de ordinario não vê; mas que quasi sempre prevê...

XXI

Alma fechada tinha comprehendido bem e perfeitamente o *Manoel da venda*; mas não comprehendera bastante o Lucindo da Luz.

O *Manoel da venda* amava Deolinda como amarin a outra qualquer moça filha de paes ricos; tendo-a visto apparecer-lhe no mirante, e deixar-se á janella quando elle passeava pelo quintal, pensou que bem poderia dar-se o caso de arranjar na casa do vizinho casamento de conveniencia, pois que em sua modestia deu logo por seguro que estava sendo requestado.

Antes porem de mostrar-se rendido á Deolinda, e ainda mesmo antes de observal-a tanto quanto era preciso para julgal-a bonita ou feia, occupou-se muito seriamente de sondar a fortuna do *Alma fechada*, e no fim de alguns dias de subtil diligencia e de esmerilhadas informações,

chegou á convicção de que o seu visinho possuia em vez de cincoenta á sessenta apolices pelo menos o dobro, e embora tivesse sete filhos, era homem para triplicar ou quadruplicar aquella riqueza, alem de que a herança de dona Brites devia, na opinião de todos, caber ao irmão e aos filhos deste.

Por consequencia o Manoel da venda apaixonou-se por Deolinda.

Lucindo da Luz começou namorando Deolinda por passa-tempo; tendo porem conhecimento de quem era e do que possuia o *Alma fechada*, e achando-se ameaçado de proximo e desastroso termo das suas imposturas na praça, reputou-se capaz de mystificar e dominar o maniaco comprador de apolices desde que se tornasse seu genro.

Introduzido na casa, recebido no seio da familia de Estanisláo, como noivo de Deolinda, Lucindo da Luz, pondo-se ao facto dos negocios de seu futuro sogro, e sciente do *quantum* da terça que dona Brites herdara da madrinha, mudou de amores e de plano, e continuando a fazer a corte á sua credula noiva para que não lhe fechassem a porta, poz-se a namorar e seduzir a celibataria côxa, surda e feia, explo-

rando seus sentimentos religiosos, e despertando impulsos naturaes adormecidos e esmagados, fazendo-a para isso achar no livro de orações os bilhetes em estylo biblico que tanto effeito produzirão.

O *Alma fechada* pois não comprehendera bastante aquelle a quem chamava o *barbas de mono*, e mal pensava que este prepára e adiantava estratagema, com que lhe arrancaria as duas propriedades de casas e os escravos de dona Brites.

E as cousas estavão ainda em peiores condições do que *Alma fechada* imaginava.

Tinha elle trancado duas portas: a da rua á Lucindo da Luz, e a do mirante á Deolinda; mas dona Brites continuava á encontrar no livro de orações os bilhetes seductores, e Deolinda recebia diariamente cartas do Manoel da venda e de Claudio Ribeiro que escrevia em duplicata, continuando á ser secretario do rival.

E, o que é mais, dona Brites já amava Lucindo da Luz, já ardia por casar, pelo menos tanto, como a sobrinha, e estava profundamente convencida de que, em tudo isso, obedecia ás ordens da *voz que vinha de cima*.

E Deolinda que era facil em receber cartas de

amor, mas que até então nunca se prestara a escrevel-as, estava respondendo com o mais vivo fervor á quantas recebia do Manoel da venda e de Claudio Ribeiro.

O *Alma fechada*, sem que o soubesse, tinha imminentes dous golpes, um sobre a honra, e outro sobre a bolsa.

Coincidencia notavel, Lucindo da Luz propunha-se á raptar dona Brites, e o Manoel da venda á raptar Deolinda!

Lucindo da Luz fazia prodigios de estylo biblico e de eloquencia incitadora da natureza de dona Brites, porque contava pregar grande mono ao *Alma fechada*, tomando-lhe as casas e os escravos da irmã, e chamando-o á juizo para prestar contas dos rendimentos dos immoveis e dos semoventes.

Manoel queria tomar á força a noiva que lhe fora negada, em parte por vingança, e em parte porque contava fazer por fim pazes com seu sogro e ageitar o dote.

Claudio Ribeiro achava na intriga sabor de comedia, e começava á adorar de véras Deolinda pelo seu caracter dramatico.

E, dos quatro pontos cardeaes de Deolinda, o que não concebera idéas criminosas para o trium-

pho do seu amor, o que amava Deolinda só por ella mesma, e á quem ella nem mais lembrava, e á quem o *Alma fechada* mais que a todos tinha em desprezo, era o *Manqueja*...

Era o homem de bem!...

XXIII

Duas semanas sem novidade.

Dona Brites á fazer doces, e rendas, e á rezar.

Deolinda á trabalhar e á rir.

A bemaventurança na casa.

— Dá a chave do mirante a Deolinda! disse ainda Mathilde ao marido.

— Queres que eu mude o paraizo em purgatorio?...

— Lalão!... Lalão!... faze o que eu digo...

— Que temes?...

— Que por teza demais a corda rebente.

— Não tenho medo. Estou vendo como a menina tomou juizo.

— Pois bem: não lhe dês a chave do mirante; falla-lhe porém em casamento...

— Para outra vez pol-a em fogo?...

— Então... nunca havemos de casal-a?...

— Que diabo!... estou á procura do noivo, já toquei nisso ao padrinho...

— E elle?...

— Fez-me perguntas sobre o dote...

— E tú?...

— Isto é indigno!... um pae entregar sua filha á um diabo e dar ainda em cima dinheiro!...

— Mas se é assim...

— Não deve ser assim!...

— Mas é; Laláo!... Laláo!...

— Ah, Mathilde!... queres que eu não jante hoje?...

Mathilde calou-se, ouvindo aquella ameaça de tempestuosa tarde.

XXIV

No mesmo dia em que houvera esse curto dialogo entre *Alma fechada* e Mathilde, apenas acabou o jantar, Deolinda seguio o pae até a sala da frente e lá a sós com elle, disse-lhe:

— Papae, eu me submitti á sua vontade; estou privada do meu mirante e não me queixo; heide cumprir em tudo e por tudo o que papae me ordenar.

— Ainda bem!... és boa menina.

— Mas...

— Mas o que?...

— Eu desejo saber positivamente se papae pretende casar-me ou não...

— E esta!...

— A pergunta é seria, papae!...

— Tens sido leviana e douda...

— Já tomei juizo...

— Seis mezes de prova e resolverei depois; conta comigo.

— Ah!... pois bem!... seja feita a vontade de papae.

E Deolinda retirou-se resignada, suave e placida, como um anjo de obediencia filial.

Alma fechada um pouco sensibilisado hia chamar Mathilde para apressar o café, quando entrou na sala dona Brites.

— Oh, lá!... tu aqui?...

— Sim; venho fazer-te uma pergunta exigida pela consciencia.

— Venha a pergunta.

Dona Brites em pé e com certo ar solemne, mas um pouco vexada, perguntou;

— Meu irmão, se eu tivesse a idéa de casar-me, que dirias?...

Alma fechada estremeceu e gritou:

— Diria, que estavas douda!...

— E que farias, se eu insistisse!...

— Levar-te-ia para o hospicio de Pedro II... não! não!... tu és sempre minha irmã...

— Ah!... graças á Deus!...

— Mas requereria ao juizo competente um exame de sanidade, e a nomeação de um curador!...

Dona Brites voltou-se, e sahio da sala coxeando, e resando em voz baixa.

— Brites! Brites!... vem cá!... Brites! que diabo de idéa é essa?...

Alma fechada gritou debalde.

Dona Brites foi coxeando recolher-se confundida, ou convencida, em seu quarto.

Mathilde correu aos gritos do marido.

— Que é isto?....

— E' o diabo, com a mania de casamento acaba de entrar-nos em casa!...

— Como?...

— Até Brites quer casar!!!

— Misericordia!... isso nunca!...

— Isso nunca!!!

E mulher e marido ficarão á discorrer em confidencia sobre os perigos da situação, á combinar os meios preventivos do infortunio annunciado, ou justamente apprehensivo, e a procurar a ponta do fio da meada inextricavel.

Alma fechada e Mathilde não dormirão um só momento na noute desse dia sinistro.

XXV

Mas na manhã do dia sinistro dona Brites, já de antemão preparada, solicitada, e habilmente seduzida em outros bilhetes de estilo biblico gradativamente levados ao fim premeditado, encontrou no seu livro de orações o escripto seguinte:

« E a voz que vem de cima me fallou ao ouvido e me disse:

« Ella consultará seus parentes, sem declinar o nome do escolhido do senhor para ser de entre todos o escolhido della mesma:

« E ferida pela reprovação e pela ameaça dos irmãos de seu sangue, esconderá o rosto no véo da confusão e da vergonha;

« E se reconhecerá victima da avareza e do egoismo dos irmãos de seu sangue;

« E desenganada daquelles que a sacrificão,

se entregará com inteira fé ao escolhido para ser o seu escolhido:

« E na noute do outro dia ella terá a sua noute de regeneração e de gloria que eu lhe preparei e lhe destino.

« E quando o sino da minha igreja annunciar duas horas depois da hora que separa os dias, terá soado a hora que eu marquei para termo do seu captiveiro;

« E ella sahirá de seu quarto, descerá a escada do purgatorio, e a porta se abrirá para que ella entre no paraizo da terra.

« Ella arranhará com suas unhas a porta, annunciando que por minha ordem é ahi chegada;

« E tu abrirás a porta com a chave que eu te dei, e a ella receberás, e leval-a-has ao meu altar.

« E ambos sereis felizes abençoados por mim.

« E na boca que propalar o meu segredo será imposto o sello da minha reprovação. »

Dona Brites conscienciosa e ainda hesitante, consultara o irmão sobre a idéa do seu casamento sem declinar o nome do escolhido...

E tudo se realisára como estava escripto: o irmão de seu sangue a ferira com a reprovação

e com a ameaça e ella teve de esconder o rosto no véo da confusão e da vergonha...

Tudo como estava escripto!!!

Dona Brites não poude resistir ás evidentes manifestações da vontade superior...

A obediencia tornava-se dever, e a obediencia dava-lhe, além do cumprimento do dever, marido e paraizo na terra...

Era como chover no molhado.

Dona Brites resolveu-se definitivamente a ir ás duas horas da noute seguinte descer a escada, embora manquejando, e á arranhar com as unhas a porta da rua.

Porque emfim tudo isso estava escripto e se devia cumprir.

E tambem na manhã do mesmo dia sinistro Deolinda tinha recebido não uma, porem duas cartas escriptas com a mesma letra.

A primeira dizia assim:

« Encantadora noiva!

« Na proxima noute serão quebrados os grilhões do teu captiveiro, e ficarás sendo a rainha do mais terno e dedicado escravo!...

« Na pyra do hymeneo sagraremos o nosso amor, e os anjos derramarão flores sobre os noivos!

« Na casa de teu padrinho serás depositada e em tres dias o nosso casamento se celebrará com honra e gloria de nós ambos e a vida nos correrá depois em dias cor de roza.

« *Ai de quem recuar... victoria ou morte...*

« Estamos de acordo.

« Ao toque das duas horas da madrugada, desce a escada, e chegando á porta da rua espera que eu dê o signal, soprando com força pela fechadura; dá então tres pancadinhas na porta que immediatamente se abrirá, e então...

« *Larga a vela aos tufões, e o resto á sorte.* »

« Amanhã!... ah!... amanhã!... até amanhã!!!

« Do teu Adonis — MANOEL. »

A segunda carta era um bilhete contendo apenas cinco ou seis linhas.

« Bella Deolinda. — O meu amor não é tão egoista que ouze prejudicar a tua felicidade. Pobre como sou, não devo sacrificar-te. Sê embora esposa do afortunado Manoel que é rico e pode tratar-te; conta porem com a firmeza e com as flammas da minha ardente paixão.

« C. R. »

Deolinda já estava decidida á bater as azas,

fugindo do ninho paterno; não achava difficil de executar o passo: a porta que da sala de jantar abria para o corredor da escada era apenas fechada á taramela, e a da rua, cuja chave seu pae guardava á noute, seria aberta por outra chave que o Manoel da venda mandára forjar, tendo feito tirar o molde pela escrava que, assalariada por elle protegia o seu empenho, atraiçoando a familia dos senhores.

Mas nem Deolinda, nem o Manoel da venda pensavão que outra escrava podia estar do mesmo modo servindo á Lucindo da Luz.

É escusado fazer agora reflexões sobre o indigno proceder da filha, e menos ainda demonstrar a sua falta de juizo.

Entretanto Deolinda passou o dia melancolica e suspirando muitas vezes...

Nada porém de illusões...

A moça douda e impudica que sacrificava o nome e o amor de seus paes e sua propria honra aos desejos freneticos de casar-se, não podia sentir alvoroços de pudor e de virtude.

Deolinda estava triste e suspirava, porque era o Manoel da venda e não o seu secretario quem tinha de raptal-a e ser depois seu marido.

Capricho de mulher!...

Manoel se desacreditava por estupido e ridiculo como com as cartas insensatas, disparatadas e de romantismo caricato que o travesso e engraçado Claudio Ribeiro escrevia por elle e o fazia remetter.

E por isso mesmo Deolinda se enamorára realmente do secretario, amava-o já, e o preferia ao Manoel da venda...

Mas...

A douda queria casar.

XXVI

Acabava de soar o toque de uma hora depois da meia noute.

Manoel ceára bem e bebera tres copos de mais, tendo por companheiro á mesa Claudio Ribeiro.

Manoel era forte e animoso; mas por cautela e á conselho do secretario tomára a este, como guarda-costas de reserva.

Claudio Ribeiro só appareceria em caso extremo, e devia ficar de espreita na esquina, ou á porta da venda que exactamente era na esquina.

Um carro de aluguel esperava á muito curta distancia.

Manoel mentira á Deolinda; não tinha a idéa de depositál-a na casa do padrinho, onde porem queria leval-a, nem ao proprio Claudio Ribeiro confiára.

Os tres copos de mais tinhão dado tom ao tentador do rapto.

Elle não se embriagára, mas ficára *alegre* e valentão.

Claudio Ribeiro declarára que não podia beber mais de um copo de vinho.

Meia hora antes das duas da madrugada sahirão ambos para a rua, forão ver o carro, e conversarão...

O tempo custava á passar...

Tres quarte antes das duas...

Manoel deixou Claudio Ribeiro no seu posto, e voltou á esquina...

A casa do *Alma fechada* ficava á vinte ou trinta passos...

Mas que contratempo!...

Appareceu um embuçado á passear indo, e vindo em frente da casa, em que Manoel tinha os olhos!...

Manoel olhou... reparou . desconfiou ..

O quintal da venda tinha portão quasi em frente do sobrado do *Alma fechada*.

Manoel esgueirou-se, entrou na venda, foi ao quintal, abrio de manso o portão e poz-se á espiar...

Claudio Ribeiro o seguio, e ficou juncto de

Manoel á conter-lhe as furias da impaciencia, do ciume e do vinho...

O sobrado demorava á igual distancia de dous lampeões de gaz, e por tanto um pouco afastado de ambos e um ponto menos esclarecido.

Mas ainda assim via-se menos mal...

E o embuçado ia e vinha... e parava á olhar para a casa do *Alma fechada*.

E Manoel e Claudio Ribeiro no portão...

Duas horas á soar por momentos...

Que intriga!...

Outro quadro.

Deolinda estava em trances...

Deitara-se ás dez horas da noite deixando a tia á rezar...

Á meia noute dona Brites ainda rezava...

— Ah, tia Brites!... basta de orações... apague a luz... vamos dormir e sonhar com os anjos...

Dona Brites apagou a luz e deitou-se sem se ter despido...

A uma hora da noute a religiosa senhora ainda não dormia...

E ella que era cahir na cama e logo dormir á roncar!...

Deolinda teve medo de que a sua projectada

fuga da casa paterna já estivesse descoberta, ou suspeitada...

Fingiu-se adormecida, e ressonou...

E a tia á velar...

E a sobrinha á ressonar...

Duas horas da madrugada emfim...

E Deolinda ressonou mais forte, bem forte para ser ouvida pela tia... .

Dona Brites levantou-se de manso, chegou-se ao leito da sobrinha, convenceu-se de que ella dormia, e, embora coxeando, sahio pé por pé do quarto...

Deolinda enleiada e surpreza, ergueo-se tambem e seguio a tia..,

Calculando com a fuga a adoudada moça tambem se deitara vestida, sem que dona Brites o percebesse...

A escuridão era completa ; mas o ouvido tem seu modo de ver...

Deolinda ouvia os passos leves e cuidadosos da tia, e dona Brites, surda como era, não ouvia os da sobrinha...

Dona Brites venceu a sala de jantar, e chegandoá porta do corredor abrio de manso a taramela...

Deolinda atraz...

A tia desceu a escada com tanta segurança, como se tivesse luz...

A sobrinha começou á adevinhar a mais feliz coincidencia e teve vontade de rir...

Mas foi seguindo...

Dona Brites, tateando no corredor do pavimento terreo, chegou emfim a porta da rua; e poz-se a arranhar a porta de modo a parecer um rato a roer.

Deolinda parou á quatro passos, e esperou á tremer...

Uma chave voltou-se na fechadura, e a porta entre-abrio-se...

Uma voz disse em tom mysterioso:

— E á ella receberás, e leval-a-ás ao meu altar!...

Deolinda reconheceu a voz de Lucindo da Luz, e abafou um grito de espanto e de raiva...

Mas dona Brites sahira apressada...

Ella tambem avançou... lançou-se fora da porta; estremeceu porem e quasi desmaiou ouvindo ruido e signaes de conflicto...

Ligação dos dous quadros.

O Manoel de Souza e Claudio Ribeiro estavão ao portão...

Ao toque das duas horas o embuçado perfilou-se á porta da casa do *Alma fechada*.

Manoel quiz logo atirar-se ao embuçado; mas Claudio Ribeiro o prendeu agarrando-o pela cintura...

Logo depois... no fim de alguns minutos a porta aberta, uma mulher na rua, e nos braços do embuçado que a levava em triumpho.

Claudio Ribeiro suppondo que a mulher era Deolinda, sentio-se como indignado; mas immediatamente desatou á rir...

O Manoel da venda arrancando-se então facilmente das mãos do secretario, lançou-se furioso atrás do embuçado e principiou por dar-lhe um murro nas costas...

Consequencia: dona Brites deposta á um lado, e os dous engalfinhados...

E murros mutuos á valer!...

No entanto Deolinda avançara para a rua, e quasi desmaiara ao perceber o conflicto...

Claudio Ribeiro que sahira do portão reconheceu o seu erro, reconhecendo Deolinda...

E rapido, como um raio, correu a ella, e disse-lhe com ternura, tomando-lhe a mão:

— Vem! vem!... eu te salvo, formosa Deoliuda!... vem!... serás minha esposa!...

A douda reanimou-se de subito, e deixou-se levar pelo doudo.

Claudio Ribeiro levou apressadamente Deolinda, e entrando com ella no carro, ordenou ao cocheiro que partisse.

O cocheiro que tinha visto o mancebo em perfeito accordo, e como de combinação com Manoel da venda, limitou-se a perguntar:

— Para onde?...

Claudio Ribeiro respondeu sem hesitar:

— Para Andarahy...

O carro partiu.

E já o carro seguia, quando Manoel, victorioso na luta, atirou com Lucindo da Luz á fio comprido na calçada, e poz-lhe um joelho esmagador no peito e os enormes dedos na garganta.

Dona Brites atirou-se de joelhos diante do furioso vencedor, e clamou:

— Não o mate!... tenha compaixão!.. não o mate!...

Manoel lançou um olhar de tigre sobre a supposta Deolinda; mas ao vêl-a, ao encaral-a face á face, largou a sua victima, deu um salto para o meio da rua, e exclamou:

— Com mil diabos!... não era!...

E foi-se á correr para o lado da casa do

Alma fechada, da qual se distanciára um pouco no furor da briga.

A porta do corredor estava aberta; mas de Deolinda nem a sombra.

Esperou alguns momentos; mas lembrou-se logo de ir ter com o seu amigo e secretario...

E nem Claudio Ribeiro, nem carro!...

Achou porem no lugar onde estivera o carro um lencinho bordado exhalando o mesmo perfume que trazião as cartas de Deolinda.

O Manoel da venda acabava de reconhecer pelo olfato a realidade do seu infortunio.

E proferindo em voz alta juras indecentes e atrozes, foi depois entrar pelo portão do quintal, e afogou a paixão e a raiva em copos de vinho.

CONCLUSÃO

Não ha erro, nem peccado, nem delicto que fiquem impunes.

A avareza do *Alma fechada*, e o abandono, a falta da severa educação que os paes de Deolinda devião ter dado á filha, receberão tremendo castigo na mancha, na consternação, e nos tristes desenganos da familia, quando ao amanhecer tornou-se patente a fuga ou o rapto das duas senhoras.

Os indiscriptiveis e delirantes accessos de furiado irmão desherdado convidarião á rir e á zombar, se a dôr do pae e a afflicção da mãe não obrigassem o respeito.

Ao menos porem, seis dias depois, dona Brites estava casada com Lucindo da Luz, e Deolinda com Claudio Ribeiro.

E ainda assim castigo no caso!

Lucindo da Luz, o logrador interesseiro, ficou em grande parte logrado, senão o ficar totalmente.

Chamando á contas o cunhado, este apresentou: primeiro, os actos de doação feita por dona Brites de um escravo á cada um de seus sete filhos; segundo, um contracto pelo qual dona Brites se obrigava por um conto de reis annual sem vencimento de juros á seu irmão para que este a alimentasse e se encarregasse do seu tramento no seio de sua familia, correndo ainda por conta da irmã a casa em que habitavão; terceiro, dez creditos de conto de reis cada um assignados por dona Brites com a declaração de se destinarem essas quantias á obras de caridade e de devoção; quarto, seis letras de oito centos mil, á um conto e duzentos mil reis, com juros de um e meio por cento capitalisados de quatro em quatro mezes, e acceitas pela mesma senhora dona Brites; quinto, contas cuidadosamente documentadas de despezas com diversos concertos e melhoramentos das duas casas de sobrado e com o tratamento dos escravos doentes, que erão propriedades de dona Brites.

Em summa a irmã do *Alma fechada* e esposa

de Lucinda da Luz quasi, ou de todo, não tinha um real de seu!!!

Dona Brites jurou e jura ao marido que nunca teve idéa dos documentos e das obrigações que assignára em boa fé, suppondo-os recebidos de aluguel de uma casa, e de escravos, como o irmão lhe dizia.

E é claro que Lucindo da Luz protestou contra todos aquelles titulos de dividas; mas por um lado carrega com a esposa desamada que é coxa, surda, e feia, e por outro metteu-se em pleito judicial, que sem duvida lhe arrasará os restos da magrissima bolsa.

A credula e misera dona Brites já não crê no estylo biblico, e, coitada, sem os gozos da lua de mel, em poucos dias de casada, se reconhece mais infeliz com o marido do que o era com o proprio irmão avaro...

Alma fechada envolvido pela primeira vez em *demanda*, dá-se aos diabos pelas despesas que faz com o advogodo, e com o escrivão, e meirinho.

E já não janta bem, como jantava d'antes, porque Mathilde vive triste e chora muitas vezes...

A pobre mae!...

Alma fechada amaldiçoara a filha casada com Claudio Ribeiro...

E a maldição fora recurso para não dar-lhe dote...

Avareza sempre!...

Mas os noivos precisavão viver...

E um dia...

— Horrivel desgraça e opprobio eterno da familia!... exclamara *Alma fechada*.

As folhas diarias da capital annunciarão a estrea de uma nova e esperançosa artista dramatica no theatro de...

Deolinda Ribeiro estreava no papel de *Marco* das *Mulheres de Marmore*.

Alma fechada poz fumo no chapéo...

Tinha-lhe morrido a filha...

Caso de hypothese...

Se Deolinda Ribeiro fizer fortuna no theatro, é de crêr que *Alma fechada* abrace a filha resuscitada...

Mas em todas as hypotheses de todos os casos — resuscitada sem dote...

O avarento é um animal que véla só pelo dinheiro, e que, dormindo, sonha só com o dinheiro...

Animal que hade morrer, o avarento nunca sonha com a morte...

O avarento é a careta mais feia do diabo.

FIM DOS QUATRO PONTOS CARDEAES

A MYSTERIOSA

A MYSTERIOSA

Á MODO DE PROLOGO

Fileno não é o nome, é o pseudonymo de um joven de vinte e dous annos, que ha poucos dias lembrou-se de procurar-me para me pedir que escrevesse um romance de certo caso que por ultimo lhe tinha acontecido.

Por ultimo, dizia, porque não era o primeiro, nem o segundo do mesmo genero, de que elle estaria prompto a fazer-me confissão sem reservas, se eu o exigisse.

Sorri-me, considerando o joven que tão francamente manifestava desejos de ser heroe de romance; elle porem, embora um pouco vexado, insistio.

Disse que queria a publicação do *seu cazo* sob a

forma de romance por penitencia que se imposera, e para experimentar se, com a exposição da sua ultima aventura amorosa, sua sensibilidade e imaginação facilmente inflammaveis o arrojarião menos aos accidentes imprevistos e aos perigos do romanesco e do maravilhoso.

Adoptara o pseudonymo de *Fileno*, porque este nome pastoril das eglogas antigas, era o que melhor cabia ao typo que representava, confessando entretanto que tambem o tomara por malicia; pois que, sendo muitos os jovens *Filenos*, como elle, na cidade do Rio de Janeiro, cada um desses se julgaria daguerreotypado no protogonitas do romance, o que lhe aproveitaria ao disfarce.

Acabando de dar-me com voz abalada estas explicações que eu não provocara, immediatamente, e sem esperar a minha resposta, levantou-se, deixando sobre a cadeira um maço de papel escripto, e sahio cheio de confusão e como á fugir, e apenas, quando já estava na porta, voltou-se para cortejar-me, e dizendo-me por despedida *que não o poupasse*.

O enleio e a turbação do joven e o seu pedido feito á porta excitarão naturalmente a minha curiosidade.

Li o manuscripto que trazia o titulo modesto de *Apontamentos*, e acabada a leitura acudio-me logo a idéa de satisfazer o empenho do joven não escrevendo eu o romance, como elle pretendia, mas dando publicidade ao seu manuscrito tal qual me fora confiado, e somente pondo-lhe o titulo que mais apropriado me pareceu.

Deste modo o senhor *Fileno* fica com toda a responsabilidade, não só dos seus feitos, como da narração delles.

E como ainda dos mais simples *cazos* pode-se recolher lição, e, como segundo diz e assevera o joven, ha muitos outros *Filenos* na cidade do Rio de Janeiro, e sem contestação abundão hoje tambem nella certas *romanescas e maravilhosas creaturas*, — aviso aos *Filenos*.

E tem a palavra um delles.

I

Quero ser chamado *Filenio*. Não é este o meu nome de baptismo, mas pouco importa que o não seja.

O *Souza* diante de quem fui bater bandeiras, animando-me, e excitando-me á empenhar-me por ser perpetuado em romance dado ao prélo, o seu... o nosso *caso* extraordinario e maravilhoso, jurou que respeitaria o meu incognito.

Ella, se me conhece, como assegurou-me, tem boas ou pessimas *razões finaes* para não fallar: e alem *della* o *Souza* é o unico que poderia atraiçoar-me; tenho porem o seu juramento de discrição e segredo.

D'aqui á pouco direi quem é o Souza.

Agora cumpre-me dizer primeiro quem sou eu.

Sou bem nascido, rico, e creio ser generoso; a consciencia só me accusa de dous defeitos

predominantes: pecco por sensivel de mais, e por frio de menos, isto é, tenho coração de cera e imaginação de fogo, e por consequencia uma derrete promptamente o outro.

Dos vinte annos alem até não sei quando, ao menos isso é logico.

Estudei; fiz meu curso de humanidades, e não cuidei em ser doutor nisto ou naquillo, porque meu pae morreu antes disso...

Emancipei-me á um anno por sentença, e já estava emancipado á quatro por maternal tolerancia.

Minha mãe conveio em que eu desprezasse as ambições de borla e capello.

Mas não deixei de estudar. Tenho e zélo minhas horas vagas que consagro de preferencia no estudo da philosophia, e na philosophia de preferencia invencivel e dominadora á logica, porque a logica é a luz da razão.

A logica é a experiencia racional antes da observação dos factos; é a lucidez do espirito antes do ensino da experiencia positiva.

Eu estou persuadido de que os meus raciocinios nunca me falharião, nem darião em falso, senão fosse a cauza principal dos erros humanos.

É ahi que está o meu calcanhar de Achilles.

Sou sensivel como a sensitiva... com a differença de que a sensação do bello em vez de me fechar, abre-me o coração...

Amo... apaixono-me com um transporte que me assombra pela facilidade e pela multiplicidade!...

Mas se ha tantas moças bonitas e formosas!...

Sobretudo depois da imigração franco-alcaçarina ha mesmo um abysmo de perdições successivas, e uma fonte de contagio de combustões expontaneas...

Ora o amor prejudica á logica; porque é inimigo da philosophia.

D'ahi as minhas hallucinações por falta de logica.

Exemplo: o *cazo* que agora vou referir com toda a verdade.

Principia aqui a historia da minha ultima aventura amorosa.

Direi tudo... tudo...

Debaixo do ponto de vista da litteratura o *cazo* póde tanto pertencer á escola classica, como á romantica, e á realista.

Ha de tudo nelle, e principalmente o romanesco, e o maravilhoso...

É indispensavel marcar o tempo, o mez, para que não se julgue que foi em algum dos dias do carnaval que se passou a historia. Foi no mez de abril, no mez formoso, e logo depois da semana sancta; e por tanto em dias de obrigação de bom senso, ou ao menos de senso commum.

É igualmente necessario, essencial, determinar a hora, ou as horas da acção, para que não se supponha que tudo correu de principio a fim á sombra da noute ou á distancia e á luz equivoca do gaz; não! o romanesco e maravilhoso *cazo* começou com o sol fóra, embora acabasse com o sol dentro. Ainda neste ponto ha de tudo nelle, luz do dia, gaz á noute, penumbra e sombra... e por consequencia a escola classica aos raios do sol, a romantica á luz do gaz, e a realista no escuro...

Foi á quinze dias... a 13 de Abril... não me lembrou então a fatal influencia do numero —13!!!

Ah!... se eu não pude cogitar em couza alguma fóra do meu inspirado encantamento!...

Foi pois á 13 de Abril de 1871, (fique registrado), durante duas horas ou pouco menos aos raios do sol, e por signal sem nuvens, — uma

tarde magnifica!... — erão cinco horas da tarde, quando rompeu a acção... marco o lugar, rua do *Ouvidor*... o ponto em breve indicarei...

D'ahi em diante o romanesco e o maravilhoso... a acção á desenvolver-se em confeitatarias... em passeios... em torno da estatua equestre da Praça da Constituição... e a noute... e o mysterio... e um carro de aluguel... e as contradicções da logica... e a imaginação... e os preludios... e o desconhecido... e o véo... e o mais... e o menos...

Oh!...

Outros em meu lugar!...

Foi um verdadeiro romance na vida real... Não; romance não, foi comedia... tambem não foi comedia; nem uma couza, nem outra; foi o diabo!... eis ahi a verdade.

Foi o diabo.

Mas faço de conta que é romance; quero ser protogonista.

A acção do romance se estenderá, pois que effectivamente se estendeu, desde as cinco horas da tarde do dia 13 de Abril até depois da meia noute...

Depois da meia noute veio a hora da catastro-

phe... não marquei essa... juro que não marquei-a...

Personagens do romance: — Ella, eu, e o *Souza* — fóra os comparsas.

II

O romance começou na *rua do Ouvidor*.

De então para cá tomei ogeriza á *rua do Ouvidor*. Sempre é rua de quem não tem que fazer do tempo que é ouro! uma rua onde o homem vê-se obrigado á estacar de dez em dez passos para responder á maçantissima e implacavel pergunta: — Então?.. que ha de novo?...

Quem tem pressa, ou contas á dar de si, não passa pela *rua do Ouvidor;* faz caminho ou pela do Rozario, onde já ninguem reza, ou pela rua de Sete de Setembro, denominação lyrica que não faz mal nem bem á pessoa alguma.

A *rua do Ouvidor* não é de transito: é de passeio, de estação, de encontro ajustado, de *gazetilha* incessante, canal de mentiras, fabrica de crises ministeriaes, muzeu de teteas, torre de Ba-

bel de modas, Paris meio-caricato na sonhada *Henri-ville*, jardim das senhoras, purgatorio dos paes e dos maridos, e espaço atmospherico onde fazem verão andorinhas mais ou menos enfeitadas, mas todas em odienta fraternidade de pescaria do continente pelo conteudo, da casca pelo miolo, do paletot pelo bolso.

Eu tenho a honra de propôr que a Illustrissima Camara Municipal mude o nome da *rua do Ouvidor*, fasendo-a chamar d'óra ávante — rua da *Dissipação*; porquelle nella o que mais e constantemente se faz, é *dissipar* tempo, dinheiro, e não poucas vezes thesouros ainda mais preciosos.

Se parecer má, ou demasiado severa a lembrança do nome de — rua da *Dissipação* — não vejo inconvenientes em acceitar por emenda a denominação de — *rua da Illustrissima Camara Municipal*, que por fim de contas é synonymo de *Dissipação; idem est.*

Vejo agora que desnorteei-me...

Divagação desastrada, perdoavel em quem nunca escreveu romances...

Vou atar o fio do discurso...

Supponhão que estas reflexões sobre a *dissipadora rua do Ouvidor* são linhas escriptas á modo de introducção do romance.

Salva a modestia — portico do monumento.

III

Eu estava *dissipando.*

O verbo *dissipar* deve ser admittido e receber carta de naturalisação na republica da *rua do Ouvidor.*

É filho legitimo da natureza especial d'aquella rua.

Eu estava pois *dissipando:* hora — cinco da tarde. Lugar — rua do *Ouvidor*, esquina da de *Gonçalves Dias*, que fôra rua dos *Latoeiros:* ainda bem!... o nome que symbolisa harmonia angelica, substituindo o nome que lembra ruido infernal.

O sitio é pitoresco: alli parão e d'alli partem os carros americanos que o povo chamou *bonds*... uma denominação que parece zombaria...

Ha cousas neste mundo!... mas eu não caio em divagar outra vez... fiquem os carros ameri-

canos com o seu nome de *bonds*, cuja *raiz financeira* posso agora dizer qual foi.

Ás cinco horas da tarde parou um *bond:* o mosaico deu á luz.

Quando pára um bond, e principalmente depois da questão das *plata-formas*, ha sempre um *sae-e-entra* que faz gosto ver!... é a democracia em quadro vivo de embigadas e apertões pelo direito de prioridade individual.

Mas em ultimo logar e mais á seu commodo eu vi pouzar, firmar-se no degrão do carro, uma pequenina botina de salto de polegada e meia, enfeitada de lacinhos côr de Bismark e subindo ao tornozelo, que era indefectivel promessa de soberba perna...

A dona desse pézinho que estava na botina, desse tornozelo, que se mostrara á meus olhos, e dessa perna que a minha imaginação completava, saltou ligeira, como uma sylphide, e encaminhou-se logo pela *rua do Ouvidor* ácima com rapidos e miudos passos.

Evidentemente, pelo mimo e enfeites da botina e pela ligeireza e graça dos movimentos ella se denunciava agil, de facil mobilidade e por consequencia joven.

Eu tenho o maior interesse em provar que, ao menos ás vezes, raciocino e sou logico.

Naturalmente o meu coração ou a minha curiosidade masculina devia dar um salto da baze para o apice daquelle delicado monumento deslisante. E deu-o.

A Sylphide trazia á cabeça, pela frente, a quarta parte de um chapelinho azul claro do qual vinhão quasi beijar-lhe a fronte meia duzia de margaridas, tão pendentes que pareciño estar dizendo «colhei-nos ou cahimos!» — e por detraz, uma enchente de aneis de ouro, uma cauda de fios de ouro encaracolados que lhe desciño pelas espaduas brancas a fazer lembrar pó de arroz.

O que eu não posso descrever é o *toilette*: tenho-o impresso na imaginação á perseguir-me como fantasma sinistro; mas não me é possivel explicar de modo claro aquelle labyrintho ornamentoso, em que me perdi; sei que havia vestido de cachemira duplo, e cada qual de sua côr, e tunica ainda de outra côr, primeira saia com folhos e franzidos de canutos, segunda saia de apanhados com cordões e borlas, e alem disso viezes aqui, franjas alli, cabeças de passamanes acolá, o azul, o encarnado, o preto á misturarem-se... e um maldito corpinho afogado e as

mangas compridas a me esconderem o que eu desejava ver,..

Remate do *toilette:* cinto de fita grossa com fivela grande de aço.

O *toilette*, confessal-o-hei com franqueza, era um pouco suspeitoso de communismo revolucionario; mas eu não duvido fazer-me communista, desde que não se tratar da minha propriedade, e para mim é facto averiguado que todos os communistas baseão o seu systema exclusivamente sobre a propriedade alheia.

Eu pois começava já á olhar com olhos de communista para aquella propriedade de dono ausente.

Com effeito, depois do encanto do pezinho abotinado, as margaridas a dizerem — colhei-nos! — os apanhados da segunda saia a amarrarem os sentidos do proximo nos cordões com borlas, e os caixos de ouro a despertarem desejos de ser ourives, *dissipavão-me* o juizo alli na rua do Ouvidor.

Sobre tudo a cintura da Sylphide era maravilhosamente fina; suscitou-me a idéa mais estravagante: tive enveja do cinto e da fivela!.. ah!... pensei então, se eu fosse a fivela do cinto daquella deidade, não sei mesmo até onde lhe apertaria o dente.

IV

Não ha gostos perfeitos. Uma nuvem encobria o meu sol.

Era um véo que lhe cahia da cabeça até á altura dos seios; mas um véo amplo, escuro, e denso, véo de máo gosto, pois que por entre as dobras que formava, apenas permittia adevinhar muito indistinctamente a alvura do rosto que escondia.

Que era esse véo?... disfarce de infeliz semblante ou recurso que envolvia na sombra algum mysterioso segredo?...

Jouvin tivera a gloria de fazer luvas côr de Bismark para as mãozinhas da Sylphide: luvas letra *A*, por não se encontrarem mais pequenas nas lojas da *Dissipação*. Eu creio que a mysteriosa joven teria podido calçar luvas uma ou duas letras abaixo de zero.

Não sube mais de mim: a curiosidade, e já o magnetismo da sympathia e o arrebatamento dos sentidos me alvoroçavão no contemplar a gentil e engraçada incognita.

Tudo isto que eu digo, vel-a, admiral-a, e sentir-me em começo de incendio, foi obra de rapidos momentos.

Oh! não ha bombeiros para acudir aos incendios do coração!... em taes casos a bomba da razão, a unica que podia ser proficua, nunca tem agoa, ou no mesmo instante se desconcerta!

Eu hia seguin lo a Sylphide, quando no canto da rua de Uruguayana estremeci, vendo fitar-se nas botinas da minha incognita um *pince-nez* ameaçador.

O *pince-nez* era o *Souza*. (Figura de rhetorica: — a parte pelo todo.)

V

O Souza é um monstro, um perverso da minha idade, e não sei porque fatal coincidencia, meu rival em algumas das paixões amorosas que tenho tido, e sempre vencedor no certamen da rivalidade.

É o meu Cabrion em amor.

A ultima dessas minhas paixões malaventuradas nascera no *theatro lyrico francez;* o seu berço de fogo fôra nos olhos azues de uma passara daquelle bosque. Fiz a minha declaração de amor em um *bouquet* que atirei, e que foi espetar-se na ponta do pé alçado da loura Terpsichore — ella era dansarina — no momento em que executava uma piruota ameaçadora de luxação do femur.

A Terpsichore repetio a piruota, atirando ao ar o *bouquet*, que apanhou, como quem apanha uma petéca.

O meu amor começava em petéca; era máo signal. Mas hoje estou convencido que alli, no famoso alcazar, todos os amores e todos os amantes principião e acabão, sendo sempre petécas daquellas Dianas caçadoras, que fingindo querer caçar corações, errão sempre a pista, e em vez de procural-os nos seios, perdem-se submergindo-se até o fundo das algibeiras.

Mas tambem alli como são miraculosamente faceis as conquistas de amor!... quando terminou o espectaculo fui esperar á porta da sahida a Terpsichore, que apparecendo-me com o *bouquet* preso ao lado esquerdo do peito, disse-me—« Ceci tuera cela!... » — e apontou para o coração.

Logo depois, fallando-me sempre em francez, pronunciou estas palavras sublimes:

— Amo-o, e desde muitas semanas que o vejo, o distingo, e me perco á envenenar-me, olhando-o!... hoje o seu *bouquet* me perfumou a alma!.. amo-o... e para sempre!... sou desgraçada; mas o seu amor me regenera!... oh!... que commoção!... sinto-me doente... vá ver-me... quero tres dias para reflectir... só d'aqui á tres dias...

Rendez-vous marcado, hora e lugar ajustado, e a minha esperança á mudar-se em positiva certeza...

Tres dias de penitencia! no primeiro mandei-lhe o meu retrato photographado, no segundo um relogio de ouro com os ponteiros parados na hora esperançosa do prazo dado; um bilhetinho incandescente explicava-lhe a eloquencia dos ponteiros do relogio de ouro.

Ah!... sem a menor duvida a Terpsichore não fez caso da eloquencia dos ponteiros, occupando-se em calcular o valor do ouro do relogio!...

Não tenho de que me queixar; deve-se ter em conta os habitos do officio.

Mas no terceiro dia voei nas azas de amor ao hotel de..., onde se alojava aquella andorinha de Paris.

Cheguei á porta marcada com o numero que ella me indicára; era o seu aposento... como me tremia a mão! mas se eu estava apaixonado pelo diabo da franceza!... Animei-me... bati...

— Quem é? perguntou a Terpsichore.

— Sou aquelle que espera! respondi ternamente.

A chave voltou-se na fechadura...

A porta abrio-se até o meio...

Oh!... o Souza appareceu-me no lumiar, e exclamou á rir:

— On ne passe pas!...

Nesse momento, e em resposta á traição da Terpsichore e ao insulto á queima roupa que me era irrogado pelo Souza, eu teria lançado a minha luva á face do malvado e feliz rival, se este, que provavelmente tinha pressa e mais que fazer, não me houvesse trancado a porta na cara.

Tive impetos de colera e de vingança; reconheci porem que se eu quizesse deitar a porta abaixo, o ruido provocaria escandalo...

Sahi do hotel sem o amor da Terpsichore, e deixando lhe o relogio de ouro para marcar as horas que passava á conversar com o Souza.

Quem quizer tire a moralidade da fabula; o que eu afirmo por dolorosa experiencia, é que no verão, com as taes andorinhas, os relogios de ouro marcão ainda menos as horas daquelles que os dão, do que as do Souza, que se riem dos tolos.

Mas, desde esse dia de sinistra e cruel mystificação, cortei todas as minhas relações com o meu predestinado rival.

E o malvado á continuar a fazer-me sombra!

Demonio!... desde que eu entro em scena com alguma bonita moça e o Souza se mostra ao bastidor, ha logo caso de eclypse!

VI

E todavia o Souza é feio e de formas rudes e asselvajadas, e, modestia para o lado, eu sou bonito, e delicado de corpo e de maneiras!...

Elle é quasi analphabeto, apenas lê o *Jornal do Commercio* para informar-se das variações do *cambio;* e eu, se não faço versos, ao menos sei de cór muitos cantos dos melhores poetas.

Elle é todo materialismo e grosseria sensual; e eu todo embevecimento poetico, e arrebatadora imaginação...

Elle falla á mulher de quem gosta, como senhor que ordena; e eu me prosto diante da mulher por quem me apaixono, como escravo que se glorifica pela obediencia.

Elle é um mancebo gigantesco e brutal; e eu um joven elegante e mimoso.

E todavia onde ha uma mulher e nós dous nos

apresentamos, caso julgado, o Souza marcha adiante e eu fico á ver navios!...

É este um ponto de physiologia de amor que ainda não pude bem comprehender.

Mas a logica dos factos, ainda que pareça absurda, é a logica implacavel da realidade.

Foi por estes antecedentes e estas razões que eu estremeci, vendo no canto da rua de *Uruguayana* o *pince-nez* do Souza fixado nas botinas da minha incognita.

VII

O Souza com o *pince-nez* firmado no nariz contemplava as botinas da Sylphide.

Era de regra.

Hoje em dia, ou depois que principiou a moda dos vestidos de duas saias, sendo a segunda meio arregaçada, a paixão no homem começa a acender-se nas botinas da mulher [1].

Não digo que seja isso muito lisonjeiro para o bello sexo; mas a culpa não é do homem, é das senhoras, ou da moda que as senhorea.

O peixe cahe, onde acha o engodo.

É a moda que expõe actualmente a mulher em mundo ás avéssas, e a agradar pelos pés e

1 Este pequeno romance foi escripto em 1871: é pois de então a *moda* dos vestidos, de que nelle se falla.

pelas botinas, como á medo de merecer menos pelas cabeças e pelo juizo.

Consequencia dos vestidos de saia arregaçada.

Ainda um resultado da escola philosophica do sensualismo que se acha mais á gosto nos apanhados da saia á fazer imaginar nudez, do que na expressão physionomica á perturbar a vida sensual com indicios de reflexão, e com recatos de pudor.

O véo no rosto e as pernas á mostra sómente até o tornozelo são ainda incompleta victoria da philosophia sensualista, que firmará o seu triumpho absoluto, quando as senhoras, obedecendo ao imperio de nova moda, se mostrarem com o rosto sem véo, e as pernas á mostra ao menos até a altura dos joelhos.

E que mal poderá haver em que as senhoras andem com os joelhos a luz do dia?...

Todos sabem que as senhoras teem joelhos.

Mas, ah diabo!... a logica é como o rio, que vae correndo até o mar, que é o arremedo do infinito...

Ferias á logica; prosigo com o absurdo que é a minha lamentavel historia.

O Souza fez como eu; depois de contemplar por instantes as botinas da Sylphide, seguio-a

tambem, e vio-a, como eu a vi, entrar na confeitaria, casa numero 138 da *rua do Ouvidor*.

Apos ella entramos nós, quasi logo, e já a encontramos comendo *croquets*.

Mas o sol comia *croquets* por baixo da nuvem: o véo escuro movia-se ao movimento dado pelo facil trabalho da mastigação; um pouco de materialismo animal naquella visão poetica... sim! era um anjo que comia *croquets*, ao menos porem comia-os mysteriosamente...

Não conseguimos nem vislumbrar o rosto da Sylphide, que por fim foi á um canto da confeitaria e bebeu um calix de vinho do Rheno.

Quando immediatamente depois a gentil incognita tirava a bolsa para pagar a despeza feita, o caixeiro lhe disse:

— Já está paga.

Ella guardou a bolsa, e sem fazer a mais leve observação, sahiu indifferente.

O Souza e eu a seguimos, e portanto achamos-nos hombro á hombro á porta unica daquella confeitaria.

O Souza olhou-me de revez e com resentimento provocador...

Era eu quem tinha pago os *croquets* e o vinho do Rheno.

VIII

A Syiphide foi indo até o fim da rua da *Dissipação*; mas evidentemente sobrava-lhe tempo á dissipar, pois que passou em volta da praça de S. Francisco de Paula, olhou tres ou quatro vezes para o relogio da torre, e finalmente entrou no botequim da Estação dos carros de S. Christovão e Andarahy.

O Souza atirou-se por uma porta, e eu enfiei por outra...

A incognita sentára-se a uma mesa, e dava ordens á um caixeiro já meu conhecido e freguez á quem pisquei um olho e fiz signal de intelligencia.

Questão de pasteis e cerveja...

Nova victoria...

O Souza adiantou-se para fallar ao moço que

hia servir á deidade mysteriosa; teve porem de voltar desapontado.

Ficamos á olhar... eu sómente para *ella*, e o Souza para *ella* á fazer cutes de razão, e para mim á despedir colericos raios...

A Sylphide comeu tres pasteis e bebeu um copo de cerveja sem mostrar nem ao menos a pontinha do queixo.

Em seguida tirou a bolsa; mas o moço que a servira disse-lhe:

— Já foi tudo pago.

Ella não questionou; levantou-se e sahiu com a mesma fria indifferença, com que sahira da confeitaria n. 138 da rua do Ouvidor.

E eu e o Souza á pista.

1 aquelle só existe na imaginação

IX

A incognita estava atormentando o meu espirito no vaivem de tres conjecturas contradictorias.

Á que sociedade pertenceria ella?... 1 á das honestas, 2 á das equivocas, ou 3 á das communistas?...

O passeio á sós, a indifferença com que tolerava que lhe pagassem os *croquets* e os pasteis, o vinho do Rheno e a cerveja, punhão em duvidas gravissimas o seu recato. 3

O véo escuro que trazia, o silencio obstinado que guardava, o desdem com que até então tratára tanto á mim como ao Souza a absolvião da suspeita de communismo. 3

Restava-me a conjectura da vida equivoca que por este raciocinio me ficava como consequencia obrigada. 2

Se ella pois era equivoca, o que aliás eu ainda não tinha por seguro, com que fim andava por confeitarias, e á passear tão mysteriosa?...

Não sei que juizos estaria da sua parte fazendo o Souza, cujo rosto expandia-se com expressão de intentos maliciosos

Mas, chegando ao meio da praça, parou um momento, olhou para o relogio da torre de S. Francisco de Paula, insensivelmente talvez levou a mão ao peito, respirou como se suspirasse, voltou sobre seus passos, e sem fazer caso nem do Souza nem de mim que a seguiramos, adiantou-se rapida pela rua da Lampadosa.

Senti uma ponta de ciume atravessar-me o coração.

Affigurou-se-me que a Sylphide tinha dado ou esperava uma hora de encontro, que evidentemente não seria equivoco para o ditoso mortal da sua escolha.

O meu dever de cavalleiro generoso era deixar em liberdade a gentil incognita; o Souza porém já avançava, acompanhando-a...

Es ava escrito: voei atraz do anjo de cabellos de ouro que, ou por presentir-nos em seu encalço, ou porque ainda não houvesse chegado a hora do *rendez-vous* que eu suspeitava, contorneiou a

Escola Central, voltou pela rua do theatro, e com surpreza minha e talvez do Souza, penetrou alli na confeitaria, casa n.° 35.

O Souza tinha ficado estatico; eu aproveitei-me da sua estupefacção para precedel-o na confeitaria.

Era inverosimil que a Sylphide não procurasse ver qual de nós dous teimava em pagar-lhe os regalos.

Ella comia camarões recheados, sobre os quaes bebeu um calix de Sauterne; isso apenas me fez admirar o seu appetite que indicava optima saude; tive porem alguns momentos de furia, que por pouco me hia perdendo!

O Souza entrára por sua vez na confeitaria, e sem tir-te nem guar-te, e com a mais incrivel impudencia, dirigira-se á mesa onde estava a Sylphide, e comera dous camarões, e bebera seu calix de Sauterne!!!

E á minha custa!...

Eu quiz atirar-me sobre o descarado; mas reparei que me achava por detraz delle, e eu não sou homem que ataque outro pelas costas.

Creio que foi por essa razão que escapei de precipitar-me...

Entretanto a joven mysteriosa levantára-se

muda e imperturbavel, e sahindo ligeira, foi indo seu caminho.

E o Souza em seguimento...

Eu... idem.

X

Acabavão de causar-me impressão dous phenomenos: primeiro, na questão do pagamento eu conseguira pela segunda vez deixar logrado o Souza que é o mais sagaz e espertalhão dos conquistadores; segundo, a Sylphide nessa terceira confeitaria não pensára mais em tirar a bolsa para pagar os camarões e o Sauterne, nem em perguntar quanto devia!

Este segundo phenomeno foi de suave consolação para mim; acreditei que a bella incognita já contava comigo.

Mas o taque-taque dos saltos das mais lindas botinas perturbavão as minhas reflexões, fazendo-me palpitar o coração áquelle compasso.

Uma doce esperança mitigava a dôr da minha ponta de ciume...

Nós, eu e sempre o Souza, acompanhavamos

a incognita respirando ondas de perfumes suavissimos, que o volver de seu vestido espalhava em torno... Era uma atmosphera de violetas em que nos achavamos mergulhados!

Oh!... custava-me á tolerar que o Souza respirasse aquelle ar embalsamado pela passagem da mulher encantadora que me arrebatava a imaginação e os sentidos.

Mas, ao dobrar pela frente do theatro de S. Pedro de Alcantara, vimos cahir diante de nós o lencinho branco da Sylphide; eu saltei, o Souza saltou tambem, de modo que ambos ao mesmo tempo apresentamos o lenço, segurando-o cada um de nós por uma ponta.

A incognita recebeu o lenço, agradecendo-nos com um simples movimento de cabeça; eu recuei um passo, cumprimentando-a respeitosamente, e o insolentissimo Souza deo-lhe um beliscão em um dedo, dizendo:

— Que ladrão de moça!...

Ella voltou-lhe as costas e continuou á andar apressada.

Não sei como o Souza não cahio fulminado ao olhar de flammejante ameaça que lhe lancei!...

Eu estava decidido a ir ás ultimas nessa tarde; no meu aspecto já devia haver provocação; mas

o Souza levava a petulancia e o sarcasmo em um sorrir indecente, que dobradamente me irritava.

E fomos andando assim...

XI

Oh!... que designio, que pensamento, que preoccupação senhoreava a bella e mysteriosa mulher?...

Havia encontro ajustado?... procurava ella distrahir-se para esquecer paixão infeliz que a torturava?... a desconfiança ou o ciume a empellião em procura do ingrato e quem calculava surprehender em flagrante delicto de inconstancia e de perfidia?...

Eu vacillava e tremia, vendo, observando essa joven esbelta, gentil, faceira, de movimenmentos ligeiros e graciosos, tornar-se, desde que entrára na praça da Constituição, menos rapida em sua marcha, mais hesitante e como anciosa em seus modos.

Por mais de uma vez ella voltou-se, como á perscrutar ou se era seguida, ou se deixára de

aperceber no espaço que havia vencido o segredo terrivel que talvez procurava. Minha imaginação, ou a lucidez do meu raciocinio, via já nessa mulher uma esposa, anjo de amor e santa peccadora de ciumes, á procurar com sublime raiva o marido amado e infiel !...

Oh !... como eu amei aquelle coração cheio de amor delirante !... como adevinhei formosissimo o rosto completador daquelle corpo delicado e rico de harmonia de formas e de mimosa voluptuosidade !...

Era Venus angustiada em busca de Adonis suspeito...

Ella correu em volta toda a quadra do jardim, invadindo-o e examinando-o com os olhos, mas sem entrar nelle, e emfim tornando ao lado do theatro, e parecendo ir outra vez renovar o passeio, de repente afastou-se do jardim, e indireitou para a casa n. 32, onde por instantes desappareceu á meus olhos...

Ainda uma confeitaria !... era a quarta !... o facto só se explicava por desespero : era ou tentativa de suicidio por indigestão, ou disfarce de furor de ciume em descommunal e phrenetico appetite !...

Eu tinha corrido sobre os passos da mysteriosa.

Ella acabava de pedir bolo inglez, amendoas e champagne

O Souza não podia tardar; apressei-me a ir pôr de prevenção o caixeiro que oppoz algumas duvidas a receber de mim o pagamento da despeza, por tratar-se de uma senhora que me era estranha; finalmente porem cedeu ás minhas instancias.

Em quanto argumentava com o caixeiro, maravilhava-me de não ver á meu lado o Souza; mas apenas me voltei... oh!...

O Souza estava comendo bolo inglez e amendoas e bebendo champagne, tendo-se collocado em pé junto da meza e defronte da Sylphide, a quem fazia indiscreta e insultuosa companhia, dirigindo-lhe palavras de cumprimento demasiadamente livre e audacioso.

Indignei-me; dominando-me porem, observei o procedimento da incognita: ella estremecia ás vezes — sem duvida de colera —; mas continha-se logo, e se fingia alheia ao que se passava, como indicando soberano desprezo, e nem parecia ouvir o que o Souza impertinentemente lhe dizia.

O silencio é com effeito a resposta mais digna de uma senhora ás importunações de um homem sem educação e sem cortezia.

Quiz dar uma lição ao Souza, e dirigindo-me á bella mysteriosa; murmurei com voz tremula e commovida:

— Minha senhora! salvo o mais profundo acatamento, que aliás não exclue a mais irresistivel sympathia, V. Ex. quererá dignar-se por angelica bondade, distinguir me com uma innocente amendoa dada pela sua mão mimosa?...

Quem me mandou adiantar-me tanto!... a Sylphide fez com a sua cadeira pequeno movimento de rotação, de modo que ficou um pouco de costas para mim.

Desapontei. Ella não tratava assim o Souza.

Este malvado se puzera á rir da minha confusão, e logo, dobrando-se para a meza ao tempo que a Sylphide tomára entre os dedos uma amendoa, elle com rapida acção avançou a cabeça e tirou-lh'a... ah! .. tirou-lh'a com os labios!...

A incognita soltou um gritozinho abafado...

Eu levantei o braço para castigar o imprudente...

Mas... ouvi uma fraca risada mal contida e propria de quem tinha achado graça na tomada da amendoa. Oh!... era a Sylphide que se tinha rido!...

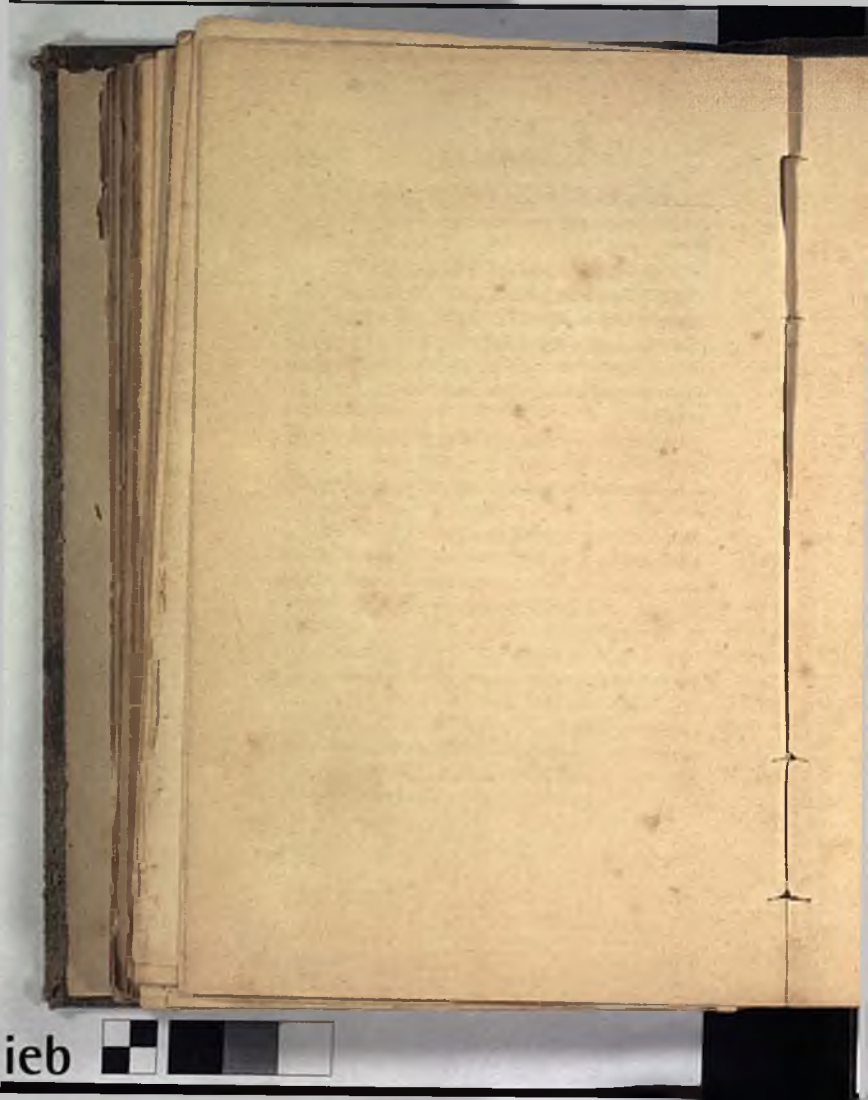
O meu braço vingativo cahio inerte; semelhante dama não merecia ter-me por seu cavalleiro.

Dessa vez foi o que valeu ao Souza.

Mas a Sylphide levantou-se, e repellindo com um certo ar de dignidade a mão que o Souza lhe offerecia para conduzil-a, dirigio-se gravemente para o fundo da confeitaria, onde me pareceu que se demorava, escutando explicações do caxeiro.

No entanto o Souza ainda voltou á comer bolo inglez e a beber champagne.

Imaginem alli uma estatua de pedra: era eu.



XII

A estatua de pedra tornou-se logo em homem que em immobilidade prudente reflectia sobre os factos inconsequentes que acabavão de passar-se para com a flamma da logica acender a luz da verdade.

Todas as apparencias denunciavão na mysteriosa incognita ou uma mulher decahida e aventureira, ou uma senhora desatinada por violenta paixão, e mostrando no desatino exteriores que a compromettião, fazendo-se tomar pelo que não era.

A tolerancia do Souza á meza não podia ser um disfarce de sua elevada posição?... se ella fosse caçadora de amantes, desde que não repellio as impertinencias do Souza, aliás o mais conhecido entre os ricos libertinos da cidade, não se prestaria á attender-lhe ás lisonjas licenciosas?...

Ella voltára as costas, ouvindo o meu respeitoso pedido da amendoa; mas, eu o reconheço, nesse pedido que não poderia offender uma dama equivoca, havia offensa inegavel para a delicada susceptibilidade de uma senhora honesta.

Ora a incognita que em favor de sua dissimulação deixava de resentir-se dos impudicos elogios do Souza, talvez por consideral-os impossiveis na sua sociedade e por tanto convenientes então ao seu disfarce, não se teria atraiçoado pungida pelo meu pedido que pela propria cortezia com que o enfeitei era audacia facil de observar-se nos proprios salões da aristocracia?...

É certo que o furto da amendoa tinha sido um insulto, e em tal cazo a subsequente rizadinha da insultada fôra indicio de caracter desbrioso.

Mas vamos e venhamos; custa-me a dizel-o e todavia é forçoso: furtar com os labios a amendoa que está entre os dedos de uma bella joven é atrevimento de bom gosto: perdoa-se o attentado pela graça, e a graça faz rir.

Não ha quem de repente se contenha, quando se é atacado pelo impeto do rizo.

E logo depois, a dignidade com que a Sylphide regeitou a mão do Souza!...

Não se concebem tantas reservas, véo tão denso, rosto tão obstinada e tão cuidadosamente escondido, e mudez tão teimosa em mulher caçadora de amantes, que é seguida por dous mancebos visivelmente ricos ou pelo menos alardeando exterioridades de riqueza.

Além disso ha signaes de raça, e a incognita os reune todos; a altura que se adevinha em seu semblante e em seu collo dão testemunho do occio aristocratico e de pureza de linhagem; as mãos são de um mimo maravilhoso; é positivo que seus dedos nunca enfiarão uma agulha; seus pés tão pequeninos que os demonios das lindas botinas servirião á imperatriz da China; juro em consciencia que a dona daquelles pés tem fórma especial, excepcional, e de encommenda na officina de Melliès.

Ora combinando estes signaes de raça com as inconsequencias de procedimento, e com o mysterio guardado pela Sylphide, eu ainda mais me convenci, e devia logicamente convencer-me, de que eu e o Souza nos achavamos intrigados com uma senhora de alta classe, á quem atrapalhavamos e perseguiamos desapiedadamente.

Todavia, epara que negal-o?... eu a adorava, estava, sem saber como e porque, doudamente

apaixonado por essa mulher, de quem ainda não tinha visto o rosto...

Quanto mais se chegasse a vel-o!... ch, meu Deus!... eu almejava e temia o momento em que se levantasse o seu véo! imaginava-me fulminado pelo assombro de sua formosura!...

Chegava á esta ultima consequencia dos meus raciocinios, quando estremeci á um choque electrico; era o tique-taque das botinas da Sylphide que deixava a confeitaria...

Vi o Souza em marcha implacavel á escoltal-a...

Não pude, protesto e juro que pensei em abandonal-a á seu destino; mas não pude... adorava-a... hia após ella...

Mas... o caixeiro da confeitaria acudio, apresentando-me a conta...

A demora era horrivel, e a conta da despeza exagerada... não tive tempo de fazer questão, e nem me lembraria de fazel-a; tirei do bolso a carteira...

O caixeiro tinha por tanto surprehendido em meu rosto a admiração do excesso da despeza, e disse, defendendo-se:

— O senhor esquece que alem da senhora

houve aquelle outro senhor que comeu bolo inglez e bebeu champagne por quatro!...

— Que o fizesse por quarenta! disse eu, dando-lhe um bilhete de vinte mil reis.

Ah!... o Souza comera bolo inglez e bebera champagne á minha custa!!! isso me desnorteava!...

Eu tinha e tenho odio ao Souza.

Mas eis outra vez o caixeiro á chamar-me!... que demonio!...

— Pois devo ainda?... perguntei, voltando-me da porta.

— Ao contrario; é o troco...

— Dê o troco ao diabo, isto é, guarde-o para si.

E voltei para a rua.

Ouvi o caixeiro da confeitaria exclamar á rir.

— Parece um urbano atrás de um capoeira!...

Estrondou geral gargalhada no ambito da confeitaria cheia de gente vadia.

Ah!... que triste papel estava eu fazendo!...

Oh, Filenos!... mirai-vos neste espelho!...

XIII

No primeiro momento em que me achei na rua, não vi nem o Souza, nem a incognita e quasi que me escapou um grito de dôr...

Mas ainda bem que á luz do gaz, pois que anoitecera, reconheci os dous, entrando no jardim da Praça; apanhei-os em breve, pondo-me á *marche-marche*.

Quando estava a emparelhar com elles, pizei de manso, e fui pé por pé, observando-os.

O Souza fallava á Sylphide atrevidamente, conforme o seu costume.

Ouvi suas ultimas palavras:

— Levanta esse maldito véo, pavão da noute!... levanta-o só até a ponta do nariz; quero ver se a tua boca é tão engraçada como o teo corpo é gentil!...

A bella incognita fez meia volta; o Souza

porem executou volta e meia, passando do lado esquerdo para o lado direito da infeliz senhora.

Ella parou hesitando, e como fortemente contrariada; vendo porem que o Souza não a deixava, para elle se voltou, e moveu o leque em signal negativo, ou pedindo que a não acompanhasse, ou querendo indicar que ella não era o que o Souza pensava.

— Entendo perfeitamente! disse este; diz que não quer que eu me vá embora!

Era indignidade!...

Mas, quem o diria?... a Sylphide deixou ouvir outra rizadinha e foi, andando.

Eu — logica no cazo — raciocinei.

Quem ri, gosta;

A Sylphide ri;

Logo a Sylphide gosta.

Era achar graça de mais em homem impertinente e mal educado, como o Souza.

Mudei de opinião sobre a Sylphide, e assentei de pedra e cal que em vez de desnorteada senhora de alta classe, ella era positivamente mulher *equivoca*, isto é, o peccado com mascara de santidade.

A pezar meu e de novo enfurecido verifiquei a segurança mathematica do meu raciocinio; por-

que á poucos passos vi o Souza na volta de uma das ruas do jardim tomar a mão direita da Sylphide e apertal-a; é verdade que notei um certo esforço para libertar a mãozinha, mas foi sem duvida esforço de pudor fingido, porque o petulante Souza nem largou a preza, nem teve que vencer insistente resistencia.

Ah!... hião assim ambos!... a mão della na mão delle!...

Senti correr-me o corpo todo um calafrio terrivel!... cheiguei a suppôr que fosse principio de accesso febril, porque logo depois do calafrio veio-me um calor do inferno.

Mas não foi febre; era ciume.

Oh!... ainda uma vez o Souza me venceu em um pleito de amor!

XIV

Felizmente conservo sempre certa seguridade de animo que me permite conter as explosões da colera, em quanto recorro á logica.

Raciocinei, como costumo fazer nas circumstancias mais graves.

Se a Sylphide fosse uma senhora de boa sociedade, a sua tolerancia de tantas ouzadias do Souza seria prova de culposa e manifesta fraqueza, ante a qual a minha prompta e immediata retirada fôra alem do dever de generosidade, o unico recurso de quem nada mais tinha que esperar.

O caso tiria sido de nova e positiva victoria do Souza sobre mim: e que fazer?... ter paciencia.

Mas a minha logica infallivel já me havia demonstrado até á evidencia que a tal incognita não passava de — elegante *equivoca*; ora em

uma *equivoca* a condescendencia em ouvir palavras doudas ou menos bem pensadas, e em consentir que lhe tomem e lhe apertem a mão, não assegura, nem promette couza alguma, embora tudo pareça prometter.

As *equivocas* teem isto de bom comsigo: com ellas ninguem sabe quem ganha ao jogo, senão no fim da partida.

Por consequencia tocar a retirada, abandonando a incognita ao intrometido Souza fôra inexcusavel cobardia em quem já estava á perto de duas horas em rivalidade com elle, accrescendo que eu tinha pago os regalos em quatro confeitarias, o que não valia a pena lembrar em relação á despeza, mas subia de importancia pelo ridiculo á que eu me exposera, e que o meu perverso rival não se esqueceria de tornar publico.

Á força e procedencia inquestionavel destes argumentos ajuntava-se o que não devo, nem posso disfarçar. Eu estava cada vez mais allucinado por aquella mulher: tinha-a seguido, estudado, considerado attentamente durante cerca de duas horas, e redobrára de paixão por ella; a graça do seu andar, a magnificencia de suas espaduas, o entono de seus seios, a delgadeza de

sua cintura, a suave harmonia de suas formas erão de encanto voluptuoso que arrebatava. Eu pagaria á preço de ouro a dita de descalçar-lhe as botinas para ver-lhe os pés, e a de tirar-lhe as luvas de *Jouvin* para beijar-lhe as mãos.

Eu chegava á ter enveja da areia que gemia sob suas botinas, e do leque de madreperola que sua mão meneava.

Talvez alguem reputo inverosimil que se ame tão perdidamente uma mulher, cujo rosto ainda não se conseguiu ver.

Eis o que se chama com razão falta de logica.

Como eu amo desatinado e inflammadamente é sem duvida como pode amar aquelle que ainda não vio o semblante da mulher que o arrebata pela sua maravilhosa gentileza.

Em taes cazos a imaginação é quem regula o fogo, creando por sua conta e risco um rosto para aquelle corpo, e por tanto um rosto que deixa na sombra o da Venus de Medicis.

A regra é tanto para o homem como para a mulher: a phisiologia não muda, é a mesma para um e outro.

O véo ou a distancia sublimão a belleza da pessoa amada: é só depois que se vê á vontade o seu rosto, que sempre se encontra nelle alguma

couza de mais ou de menos, ou na côr, ou no angulo facial, ou no nariz ou nos olhos.

Dez realidades não valem uma imaginação.

É por isso que sou romantico.

XV

Feitas estas reflexões que apenas me tomarão dous ou tres minutos, desprendi a colera que fervia em meu seio, e que poude então prorompper bem dirigida.

— Ah!... disse comigo; devéras a mulher se fatiga do delicado cavalleiro que a ama com poeticos e respeitosos enlevos e prefere o audacioso culto do homem material que lhe falla aos sentidos?... devéras ella quer antes o atrevido que não a poupa nas lutas obrigadas com o pudor, do que o honesto e candido amante que a adora em sua innocencia e virtude para conserval-a nesse altar, em que ella se eleva ácima da terra?

Já tenho visto rir destas ideas: reclamo que se tenhão em conta os meus vinte annos de idade, se por acaso estou em erro.

E em honra do proveito immediato da minha experiencia e a acção, saibão todos como demonstrei ser *gente*.

Fitei o Souza e ella que caminhavão diante de mim de mãos dadas, e exclamei:

— Ah!... é assim?... pois vou cantar na mesma clave!...

E sem calcular as consequencias, resolvido a affrontar todos os riscos de uma provocação, dei um pulo de acrobata, e pondo-me ao lado esquerdo da Sylphide, segurei-lhe na mão esquerda que era a que estava em disponibilidade, e disse:

— Esta é minha!

A joven *equivoca* exhalou um ai! menos de dor que de sorpresa, e olhando-me e sem duvida reconhecendo-me, deixou logo de disputar-me a leve mãosinha, como instinctivamente fizera no primeiro instante e, se não me enganei, creio que apertou-me os dedos, logo que reparou em mim.

O Souza encarou-me, enrugando a fronte, e com sarcastico riso nos labios, disse-me:

— Fileno!... acabas de magoar a mão esquerda desta mimosa creatura!...

— Penso que a mão direita da senhora não está menos apertada!...

— De accordo, mas por isso mesmo; se eu tenho a mão direita que é a que se dá em casamento, segue-se que não admitto em ceder-te a mão esquerda. Entendes?.. não admitto.

Respondi dominado por dous pensamentos: primeiro, que a Sylphide era *equivoca*; segundo, que o homem que se abate e fraquea perde tudo no conceito da mulher.

Respondi pois immediatamente:

— Tenho a mão esquerda que é a do coração, e alem disso tambem ha casamento de mão esquerda. Entendes?... não cedo.

O Souza tornou, dizendo:

— Por consequencia ou rasgaremos a moça pelo meio ou, para que ella fique inteira para um de nós, tiral-a-emos por sorte entre duas pistollas, uma carregada, e a outra não...

Confesso; reconheci-me heroe, dominando certo tremor que á pezar meu me vinha do coração...

— Pois sim!... murmurei.

A incognita fez um supremo e subito esforço, e arrancando as mãos que tinhamos prezas, recuou dous passos e balbuciou baixinho:

— Não quero... prohibo ..

Sua voz tremia... mas que voz suavissima !... chegou-me ao coração.

Juro que em attenção áquella voz melodiosa que acabava de deixar-se ouvir, não haveria força humana que me obrigasse á acceitar o duello...

O Souza ria-se sarcasticamente, o demonio, e olhava para mim !!!

Eu estava... realmente eu estava um pouco ou mesmo muito atrapalhado... a atrapalhação não podia ser de medo. . não era... não podia ser ;... mas eu estava atrapalhado...

E tudo isto á luz de um lampeão !... a luz do lampeão era o que mais me atrapalhava...

Todavia tenho consciencia de que eu guardava nobre e altiva attitude; pelo menos fazia para isso indiziveis esforços...

Felizmente a bella incognita livrou-me da luz do lampeão; retirando-se apressada, mas não podendo resistir á commoção, foi a pouca distancia cahir sentada em um banco de pedra.

O Souza, o scelerato Souza, sem doer-se da situação dolorosa da pobre moça, tomou logo e impudentemente logar ao lado direito della.

Resignar-me á ceder fôra a ultima das vergonhas humanas...

Fiz voto de coragem...

Eu *idem* ao lado esquerdo.

XVI

O Souza ainda sarcastico no tom, como eu o tinha visto sarcastico no riso perverso, disse:

— Tranquilisa-te, formosa peregrina! por amor dos teus pés pequenos, e da fivella do teu cinto, concedo a resurreição á Fileno, que já se chorava defuncto!...

Era uma insolencia o que elle dizia!...

— Esta senhora me encadeia no respeito e submissão que lhe devo... aliás eu teria exigido as consequencias do desafio!... mas... não faltão protextos...

O Souza desatou a rir como doudo...

Convenho em que eu acabava de incorrer em exageração de ousadia... e que as risadas do Souza deviño *logicamente* levar-me ádiante...

Reconheço-o; a logica tem ás vezes inconvenientes muito consideraveis, que resultão do

direito que assiste aos outros de tirar as consequencias dos principios que cada um estabelece.

Ainda bem que a bella incognita sophismou-me os arreganhos de cavalleiro com o mais doce e inopinado favor; mercê da sombra ella me impoz silencio espalmando sua mão sobre a minha boca.

Grudei meus labios em sua luva macia.

A Sylphide pareceu respirar suavemente abalada, e pouco depois, retirando a mão que eu beijava, dirigiu-a com tanto acerto, que logo encontrou outra que alias a procurava, a minha, cujos dedos apertou, e manteve deliciosamente encadeiados nos seus.

Embora este modo de proceder confirmasse o juizo que eu havia feito, exultei com o signal de preferencia que me conferia a jovem *equivóca*.

O diabo leve o Souza!...

Se este perpetuo e implacavel rival não estivesse ali, do outro lado da Sylphide, eu teria cahido de joelhos.

Oh!... mil vezes mais feliz que o Souza, eu não prendera então á força a mimosa mão da incognita, e era ella que de propria vontade me apertava os dedos.

Renasceu-me a esperança, e com a esperança, a alegria.

Accendeu-se em minha alma um desejo ternissimo e innocente; ousei ensaiar satisfazel-o, e encorajado pela tolerancia, consegui descalçar-lhe a luva... ah!... que mão de setim!... que mão finissima tive por momentos concedida ao gozo inefavel de meus labios!...

Mas a feiticeira moça retirou a mão, e immediatamente deu-me a luva, que lhe calcei de novo, afagando-lhe os dedos...

O Souza principiava a afigurar-se-me tolo.

XVII

Todavia causava-me estranheza o silencio do Souza que é garrulo e sempre impertinente e brutal com as senhoras; mas eis que de subito elle perguntou com pretencioso tom de superioridade:

— Onde moras, pequena?...

A moça não respondeu; eu porem estremeci de raiva. O nosso gentil *objectivo* era em verdade *equivoco*; mas eu estava á seu lado, acabava de receber signaes clarissimos de sua preferencia, e nelles esperançosa promessa de opportuno rendimento de amor, e portanto a pergunta descortez o selvagem do Souza feriu-me o coração.

Mas no raivoso estremecimento que me agitou, a incognita presentio catastrophe proxima, e

estrem ecendo tambem, levou minha mão á seu peito e ahi a comprimiu com força.

Ainda uma vez ella me ordenava paciencia.

Experimentei naquelles momentos de interna luta, que ha duas coragens diversas e ambas de subido merecimento: a coragem da desaffronta que aliás não maravilha, porque é natural e frequente, e a coragem da paciencia que chega á ser heroica, quando ha revolta do pundonor, e é santa porque é evangelica.

Desvaneço-me de haver dado provas dessa segunda coragem alli naquelle banco de pedra do jardim da Praça da Constituição.

E posso desvanecer-me, porque o mais que vou referir me autorisava a matar o Souza, apoiando-me nas circunstancias attenuantes do codigo criminal.

O palpitar do coração da Sylphide sob a face palmar de minha mão tinha-me restituido o socego pelo encantamento; como porem os namorados e os amantes são insaciaveis desses furtivos gozos de favores sem consequencia mas que preludião donoso futuro, eu que já havia beijado a mão sem luva, almejei ter o pé magoado e pizado pelas botinas, que tinhão sido o primeiro invite á minha paixão.

Almejado e executado: adiantei o meu pé direito na direcção do lado esquerdo... nada!... avancei mais duas pollegadas... vacuo!... ainda mais quasi meio palmo... oh!.. encontrei o sapatão do Souza, e fugi com o pé, para que o assalvajado não m'o esmagasse.

Invadia-me o animo a mais negra suspeita, quando me acudio a reflexão que felizmente nunca me desampara.

Comprehendi que o meu pé tinha errado o caminho...

Se é de lei universal qué as cabeças dos namorados desgovernem, que de passos falsos não darão seus pés!...

Os namorados não tem pés nem cabeça; tem somente coração.

Creio que não pequei por offensa da logica.

Todos estão vendo que a minha infelicidade não proveio de falta de raciocinio.

Mas o desastre não me desanimou: imaginei e ambicionei gozo muito mais precioso, o de abraçar a — *equivoca* — que acabava de soltar a minha mão; alonguei o braço timida e cuidadosamente sem tocal-a... fui contorneando sua cintura para apertal-a no fim do semi-circulo que meu braço hia formando... fui indo.. fui

avançando... mas, ah!... ao completar o semicirculo minha mão deu com a mão do Souza entrelaçada com a da Sylphide!!!

Retirei horrorisado o meu braço.

Oh!... a Sylphide fazia á direita o que estava fazendo á esquerda!... andava á dous carrinhos!... enganava o Souza e a mim!...

Eu hia exclamar, quando o Souza perguntou:

— Que rato andou aqui?...

Fiz um movimento para levantar-me; a incognita porem segurou-me convulsivamente pelo braço, e logo depois cruzou seu dedo indicador sobre os meus labios, e com elle tocou-me em seguida no logar do coração, como á pedir-me silencio e á pedir-me amor.

Depois do desastre do pé o desastre da mão accendera em meu animo luz de verdade infernal!...

Não me submetti, como até então, á vontade absoluta da Sylphide; mas ainda inflammado de paixão, ergui-me e disse ao Souza:

— Fois que somos dous, ha um demais!...

Ás vezes o homem tem repentes inconsiderados com elle, não sabe em que se mette!

O Souza foi mais prudente do que eu; levou o caso a rir e respondeu-me:

— Concordo na demazia; ergo poem-te ao fresco, pelo menos até que eu decifre esta charada!

— Acabemos com isto!...

— Sim, acabemos: eu digo o que disse o Lopes do Paraguay: *Il faut finir pour commencer;* traducção livre: tu acabas e eu continuo.

Tornei-me profundamente grave para prevenir um choque imminente e ameaçador de consequencias lugubres, disse:

— É noute; esta senhora não pode expor-se, retirando-se só, e menos perseguida por dous importunos...

— Perfeitamente!... é isso o que penso...

— Que ella escolha pois entre nós dous o cavalleiro que a deve acompanhar...

— Convenho nisso; mas sob uma condição *sine qua non.*

— Qual?...

— Que o cavalleiro escolhido seja eu!...

— Provocas-me?... queres obrigar-me á seguir-te?..

Declaro em consciencia que eu já não pensava no que dizia.

— A seguir-te?... exclamou o Souza; menos essa! eu fico aqui...

E tornou a sentar-se ao lado da Sylphide que se conservara immovel.

Eu não tive consciencia do que fiz; machinalmente porem sentei-me ao lado esquerdo da Sylphide.

O Souza disse, como se commanda na escola dos recrutas do exercito:

— Ultima forma!

XVIII

Quando dei por mim sentado no mesmo posto, donde pouco antes tinha-me levantado com o desprezo que me inspirara a mulher indecorosa e duplamente mystificadora, comprehendi que alguma vertigem ou passageira alteração me havia atirado ao banco de pedra.

Que desillusão !... que falso raciocinio me lançara no mais triste erro !...

A Sylphide que eu, com segurança mathematica, reconhecera por — *equivoca* — era positivamente — *communista*.

Sylphide é denominação que não tornarei a dar-lhe; d'ora avante heide chamal-a — *andeja* — e simplesmente *andeja*, porque nunca prescindo do pudor da palavra recommendado por *Lamartine*.

Mas eu não posso queixar-me da minha logica:

tirei consequencia legitima dos principios unicos que o procedimento daquella mulher permittia estabelecer; até então ella fôra *equivoca*; a logica não mentio.

Agora já tenho outras premissas: tenho uma mulher que prefere para sentar-se um banco de pedra apartado dos lampiões, e meio encoberto pelos ramos de arvores; — que tolera sentado á sua esquerda um terno e respeitoso namorado, e á sua direita o mais arrogante e desfaçado conquistador; — que em quanto me permitte descalçar-lhe a luva e beijar-lhe a mão nua, deixa o outro atropellar-lhe as lindas botinas com um çapatão de carcamano; — e que emfim ao mesmo tempo dava ao Souza a mão direita, e a mim a esquerda, para de igual modo illudir-me. Por consequencia é *andeja*.

Agora pois o raciocinio é inabalavel, e o erro tornou-se impossivel. A minha logica já rebaixou tanto essa mulher, que não pode fazel-a descer mais.

Eu sentia-me tão arrependido do tempo e das ternuras que gastára com essa desgraçada e vil creatura, tão aborrecido da sua companhia e da sua escandalosa duplicidade, que somente pelo maligno desejo de incommodar o Souza, e de

estorvar o interesseiro e impudico designio da *andeja*, determinei não arredar-me d'alli e vingar-me de um e de outra, impondo-lhes a minha presença inexoravel.

Devo confessar que com o impulso vingativo desta resolução se misturavão lembranças das suaves proporções das botinas, das fórmas e contornos do corpo, e da mão de setim da tentadora *andeja*; mas era tão real e profundo o meu resentimento e o meu desprezo que ella debalde já por vezes procurára abrandar-me a colera com afagos mimosos, que alias não indiciavão ousada immodestia de mulher degradada.

Ora sua mão buscava a minha, que logo lhe fugia; ora o seu véo roçava pelas minhas faces, ora a sua botina tocava como por acazo a minha, e depois de um momento se retirava para voltar de novo á repetir o invite.

Tudo isso podia indicar amor sem fazer suspeitar impudicicia; eu porem, forte pelo raciocinio, combinava o presente com o passado e não cahia no ardil.

Entretanto... — verdade sempre — eu hia recomeçando á gostar... gostava!...

E como não gostar?... a *andeja* era arrebatadora, e os seus indicios de pendor para o lado

esquerdo devião estar atormentando o lado direito.

A *andeja* moveu-se de leve, e, chegando-se mais para mim, sua cabeça inclinou-se bastante para que resvalasse o rosto pelo meu hombro...

Andeja embora, o conchego era perigoso...

Ainda pude manter a frieza do desdem!... apenas deixei de afastar o hombro; porque... sim... evidentemente seria incivilidade fazel-o.

Mas o Souza exclamou:

— Peior vae a graça!... pequena! tu vás escorregando para a sinistra, e todavia a dextra ainda está para dar-te o primeiro beliscão!...

A *andeja* não respondeo, e suspirando aproximou-se ainda mais de mim...

Que intento era o della?... queria tentar-me ao doce contacto de seu corpo, ou emfim temerosa do Souza reclamava protecção?...

Uma *andeja*!... era falta de logica admittir a segunda hypothese; o meu desdem me aproveitava; por consequencia gelo no caso.

O Souza tornou.

— Ah?... é assim?... annuncio crize entre o lado direito e o lado esquerdo!

E, apertando do seu lado a *andeja*, acrescentou:

— *In medio posita virtus!* pequena! vê que milagre! tu és a virtude!

Ou resentida do meo nobre e heroico despreso, ou revoltada pelas insolencias do Souza, a *andeja* levantou-se com impulso arrebatado, e ao terceiro passo voltou-se para traz, e ostentando na attitude soberana dignidade senhoril, que fóra do salão aristocratico só se veria igual em sublime scena dramatica de theatro, ergueo um pouco o braço direito, e com a mão que segurava o leque ordenou-nos em eloquente mimica que ficassemos onde estavamos.

A luz de um lampeão a illuminava no ponto onde ella parára. A *andeja* afigurou-se-me um anjo fulminador do peccado.

E todavia era *andeja!!!* oh!... as *communistas* sabem fingir tudo!...

Dada porem a ordem de immobilidade, a *andeja* dirigio-se á passos grados e imponentes de dignidade para o centro do jardim.

O Souza e eu tinhamos ficado já de pé, mas como em suspensão de sentidos.

— Diabo!... murmurou o Souza, eu heide adevinhar este enigma!...

E á passo accelerado foi, pela regra do *uti-possidetis*, pôr-se ao lado direito da *andeja*.

Cedi-lhe a prioridade da desobediencia e da indiscrição; mas, immediatamente depois do seu flagrante delicto, eu á esquerda.

Continuação da crize.

XIX

Notei que o Souza me olhava com ciume e ira inflammada á medida que hiamos andando aos dous lados da *andeja*.

Não posso negar que algumas apprehenções muito desagradaveis me pertubavão a determinação imprescindivel de teimar naquella disputa de rivalidade, em que eu fôra o provocado; erão porem apprehenções justificaveis, que não amesquinhavão a minha coragem.

Eu calculava as inconveniencias moraes, e o máo juizo publico que resultarião para mim, mancebo de boa familia e de educação esmerada, se se desse um conflicto material, duello ou pugilato, do Souza comigo, por causa de uma *andeja*.

Já se vê que ainda nas minhas apprehenções

eu sem peccar por medo resplendia pelo vigor da logica.

Mas a *andeja* simulava não reparar nem em mim, nem no Souza, e hia indo...

Entretanto pareceo-me que ella mais de uma vez voltava de leve a cabeça para o lado esquerdo...

O lado esquerdo era eu...

Ora, de cada vez que ella voltava a cabeça, o meo coração tirava uma consequencia...

E continuavamos á caminhar á passos grados, como ella...

Eu levava os olhos em vaivem incessante della para o Souza, e do Souza para ella...

Pareceo-me que o Souza cogitava... arreceiei-me: quando elle cogita, ha sempre em resultado algum malificio...

Observei que o Souza se sorria, porque vi-o fazer uma careta; é assim que elle ri, quando imagina perversidades.

Chegavamos nesse momento ao lugar onde levantando brilha á noute um dos grandes lampeões que cercão a estatua equestre; é o ponto de mais viva luz, e eis que o Souza com desageitado movimento do braço atira ao chão o leque da *andeja*.

Que selvagem!...

E logo ao mesmo tempo ella e elle se curvão para apanhar o leque. O Souza foi o primeiro á levantal-o, e, oh habilicissimo tratante! servindo-se do leque, ergueo em rapido e revoltante meneio o veo de *andeja*, e á luz do lampeão vio-lhe de relance, mas bem de perto, o rosto...

O veo traiçoeiramente levantado cahio de novo e com o soccorro convulsivo e rapido das mãos da *andeja* sobre o semblante que até então nos fôra obstinadamente negado.

A *andeja* exhalou um gemido pungente, um ai! de mizera victima.

O Souza recuou dous passos...

No primeiro instante pareceo-me que se confundia desapontado; logo depois porem o seo aspecto indicou arrependimento ou confusão...

A *andeja* estendendo para elle as mãos, como á pedir segredo e compaixão...

A physionomia do Souza passou de expressão de sarcasmo á tributo obrigado do mais requintado respeito.

Eu o julguei enleiado, sem saber á quantas andava, e arrependido do que fizera...

Finalmente, entregando o leque com a mais

reverente cortezia, o Souza disse á *andeja*, tremendo-lhe á voz, e nella accentuando respeito profundo.

— Será possivel que V. Ex. chegue á perdoar ao indiscreto ?...

A *andeja* recebeo o leque com a mão esquerda, e em signal de indulgencia, mas de modo nobre, decoroso e um pouco altivo, deu a mão direita ao Souza que, curvando se humilde, beijou com as pontas dos labios a luva, e continuou, fallando em voz baixa :

— Se V. Ex. precisa de um pagem, ficarei á servil-a ; se tem ordens á dar-me, serei prompto em executal-as, ou emfim... seguirei já meu caminho... almejo sómente merecer pela obediencia mais absoluta o esquecimento de offensas involuntarias, pois que eu jamais as houvera feito se pudesse suppôr...

Um movimento da *andeja* cortou a palavra ao Souza, que logo depois, inclinando-se ainda mais reverente, perguntou :

— Devo cumprir alguma ordem ?...

A *andeja* reflectio breves momentos, e chegando-se ao Souza, disse-lhe ao ouvido, mas sem levantar o véo, a ordem que lhe dava.

A ordem resumio-se em uma unica palavra que consegui ouvir; foi esta:

— Um carro.

O Souza sahio apressado.

Eu fiquei só com a *andeja*.

XX

Não posso continuar a chama-la *andeja*.

Ainda uma vez eu tinha raciocinado em falso.

Reconheço que havia compromettido a precisão habitual da minha logica pela precipitação dos meus raciocinios na tarde e noute desse dia.

Eu chegaria á acreditar que os namorados são todos mais ou menos absurdos e portanto incompativeis com a logica, se não militassem a meu favor tantas apparencias enganadoras, fontes de meus lamentaveis erros.

Mas tenho ao menos para mim que dei provas da certeza do meu ponto de vista, da admiravel evidencia do meu juizo, pois que o primeiro pensamento em que me firmei depois de prudente hesitação, foi que a incognita era senhora de alta classe desvairada pelo ciume ou pelo amor.

E eis ahi!... está verificado o que eu pensava!...

O Souza tão atrevido e brutal com a incognita, conseguira rudemente levantar-lhe o veo; mas, ao ver-lhe o rosto, recuou confundido, e, mudando de tom e modos, fallou-lhe curvo e com ostentação de cortezia, pedindo perdão de seus condemnaveis excessos, e pondo-se ao seu serviço como creado obediente.

Por conseguinte a incognita é senhora aristocrata, ou pelo menos da alta classe social.

Desta vez isso é evidente, é mathematico.

Mas, sendo ella quem é, como á tanto se viera expôr, sujeitando-se á passar por hypotheses que o Souza e tambem eu exagerámos um pouco pela ignorancia da condição do nosso objectivo?...

Ah!... é que tambem não faltam na sociedade elegante e soberba peccados do coração, e tentações do amor que obrigam loucuras disfarçadas sob os véos, que em taes casos são mascaras.

Todavia que intrepidez a dessas nobres cabecinhas de vento!!! á quanto se arrojam em seus desatinos de algumas horas!...

Exemplo: — esta sorprehendente incognita!

Além do insultoso tratamento que recebeu do Souza, eu mesmo já a considerei —*equivoca* —, já rebaixei-a até *communista*, e somente agora reconhecia-a por —*honesta*:

Honesta?... sim: o disfarce e o inconsiderado procedimento da incognita bem podem ser determinados por ciume phrenetico de esposa trahida...

Ha muito disso nos salões dourados... e tambem paixões volcanicas que produzem eclypses do sol e da lua...

Mas de que maneira heide eu explicar a doce condescendencia que me deixou descalçar aquella luva e beijar aquella mão?... e os ternos signaes de affecto que incontestavelmente me forão dados no banco de pedra?...

As duvidas sobre a explicação cederão ao gozo da suave lembrança dos innocentes favores que me concedêra uma senhora joven, graciosa, seductora e de elevada condição.

Imaginei-me ternamente aristocratisado; esta idéa desculpa tudo...

Entretanto não era admissivel que eu continuasse a chamar, mesmo só entre mim, a feiticeira incognita com o nome —*andeja*:

Nem com o de *Sylphide*.

Um — *Andeja* — tinha laivos de menoscabo, o outro — *Sylphide* — era pouco respeitoso.

Chamal-a-hei agora e sempre em minha alma: — *Bella mysteriosa*.

Creio que é poetico.

Um pouco ou muito descortesmente abstracto fazia eu com a celeridade electrica do pensamento estas reflexões, quando estremeci ainda electricamente, ouvindo um suspiro mal abafado.

Era a *bella mysteriosa* que acabava de suspirar ao pé de mim.

XXI

A minha abstração fôra imperdoavel.

Eu ficára só ao lado de uma senhora encantadora, e por acaso, em difficil situação, de noute e em um jardim publico, e me abandonára a vans e inopportunas reflexões em vez de apressar-me a assegurar-lhe minha dedicação de cavalheiro acatador e submisso.

Inclinei-me diante della e murmurei commovido:

— Mil vezes perdão, minha senhora !... aos pés de V. Exc. peço, requeiro o perdão de insolitas liberdades, que em mudo recolhimento acabo de calcular affrontosas !... oh !... confesso !... a gentileza, o esplendor deslumbrárão-me... não cuidei da condição que não me era possivel adivinhar !...

A *bella mysteriosa* deu um passo para mim.

Eu accrescentei:

— Até ha pouco fui impertinente e incivil... agora sou escravo. V. Exc. perdoa-me?...

Ella tomou-me o braço e disse-me baixinho:

— Obrigada!... não me offendeu.

Obrigada?... que me agradecia ella?... ah!... o contacto do seu braço fez-me palpitar fortemente o coração.

A *bella mysteriosa* continuou logo, dizendo-me:

— Não me offendeu... ao contrario... sua presença foi escudo providencial... ah!... soffri muito... mas... o senhor... nem um só instante me desrespeitou...

Comprehendi o que ella queria explicar; o Souza tinha-a menospresado e atropellado cruelmente, em quanto eu, embora terno e apaixonado soubera não, ultrapassar as reservas da delicadeza de cavalheiro.

Lição moral: é sempre conveniente, generoso e digno guardar attenções e respeito para com as senhoras incognitas.

Protestei conservar as minhas vantagens, apurando o melindre dos meus extremos.

— Pois que V. Exc. é tão indulgente comigo, permitta que eu me consagre á cega obediencia

de toda a sua vontade, sepultando no olvido as expansões leaes, mas indiscreta e abusivamente manifestas de um sentimento que ainda será feliz recebido como v eneração...

— Mas porque o olvido?... apraz-me guardar a lembrança...

Eu estremeci outra vez... palavra de honra que estremeci da cabeça até os pés!...

E ella para acabar de desorientar-me, para pôr-me doudo, apertou-me de leve o braço á seo peito, e murmurou commovida:

— Não se é nu nca em vão nobre, generoso, e delicadamente apaixonado...

— Minha senhora...

— Quanto fez por meu decoro, nem pensa!... quanto me penhorou, não calcula!...

— Meu Deos!...

— Quer saber?... eu creio que ha destinos escriptos no ceo!... estava escripto!... não fui eu .. não foi o senhor...

— Que quer dizer?.. oh!... acabe!... que quer dizer, minha senhora?...

— Que estava escripto!...

E não sei como foi; mas as mãos que tinhamos livres, se aproximárão, e se apertárão de commum accordo, e a minha pelo menos em

movimento de inspiração independente da consciencia, que estava positivamente de garantias suspensas!...

Affirmo debaixo de minha palavra de honra que, nesse momento de indizivel enlevo dos sentidos, eu me achava cem legoas longe de todos os preceitos da logica, e exclusivamente entregue ao despotismo do coração: exclamei:

— E o que estava escripto?... diga!...

A *bella mysteriosa* perturbou-se... abaixou o rosto, a que por santo pudor não bastava o véo, e abalada, terna, sublime, balbuciou a tremer:

— Amor!...

Eu hia cahir de joelhos aos pés da bella mysteriosa...

Mas nesse instante chegou-se a nós o Souza, e disse com a mais attenciosa gravidade á *bella mysteriosa*:

— O carro está á disposição de V. Exc.

XXII

O carro!...

O carro significava separação.

Ah! depois do que acabava de ouvir-lhe, separar-nos assim, talvez para sempre, sem que eu soubesse ao menos seu nome de baptismo, e o céo onde morava esse anjo!...

Mas não fui eu só a soffrer... não fui eu só!...

O momento foi de terna e dolorosa commoção para nós ambos!

Ella respirava anciosa...

O importuno Souza perguntou:

— V. Exc. se digna ordenar-me que eu tenha a honra de conduzil-a?...

— Onde está o carro?...

— Á entrada do jardim defronte do *Hotel des Princes*.

— Agradecida á sua bondade, disse a *bella mysteriosa* com um tom que só o Souza não comprehenderia que fosse de despedida.

O impertinente insistio:

— Quando V. Exc. quizer, me exaltarei com a graça de acompanhal-a...

A *bella mysteriosa* como que se impacientou, e disse:

— Quero já; vamos...

O tolo do Souza fez uma reverencia e offereceu o braço...

— Perdão! observou-lhe a joven senhora, está vendo que eu já tinha acceitado o braço deste senhor...

— Ah!... murmurou o meu infeliz rival, recuando perturbado.

— É um amigo da confiança e intimidade de minha familia, accrescentou ella.

O Souza ficou mudo, immovel e olhando-me com odio feroz.

A *bella mysteriosa* tinha sem duvida tomado á peito atormentar o insolente que tanto a menoscabára antes de a reconhecer.

— Quer ter a complacencia de ir mostrar-nos o carro?...

O Souza não respondeu; mas encaminhou-se logo para o lugar que indicára.

Nós seguimol-o.

Eu balbuciei em segredo ao ouvido da *bella mysteriosa:*

— Devo pois morrer sem ao menos saber por quem?...

Por unica resposta ella me apertou o braço.

Oh!... isso era muito; mas que importava, se hiamos separar-nos?...

Chegamos. O carro estava á espera.

O pobre Souza abrio a portinhola, e beijou a mão que a *bella mysteriosa* lhe offereceu em despedida, dizendo-lhe:

— Assegurando-lhe o esquecimento das inconveniencias com que me maltratou, supponho-me garantida da sua discrição.

Depois voltou-se para mim e disse:

— Peço-lhe o favor de acompanhar-me; quero que me leve apadrinhada...

E entrou ligeira no carro.

Eu creio que nem puz o pé no estribo! acheime de um salto ou de um vôo ao lado da *bella mysteriosa.*

O Souza, coitado, bateu com a portinhola e retirou-se accelerado e sem duvida furioso.

XXIII

Não estava ainda em mim, mas era indispensavel estar, porque o cocheiro sem voltar a cabeça, perguntou :

— Para onde ?...

Repeti a pergunta á *bella mysteriosa*.

Ella me respondeu depois de breve hesitação.

— Nem sei... ah ! por ora para toda parte e para nenhuma parte...

Não sei como não morri de alegria !...

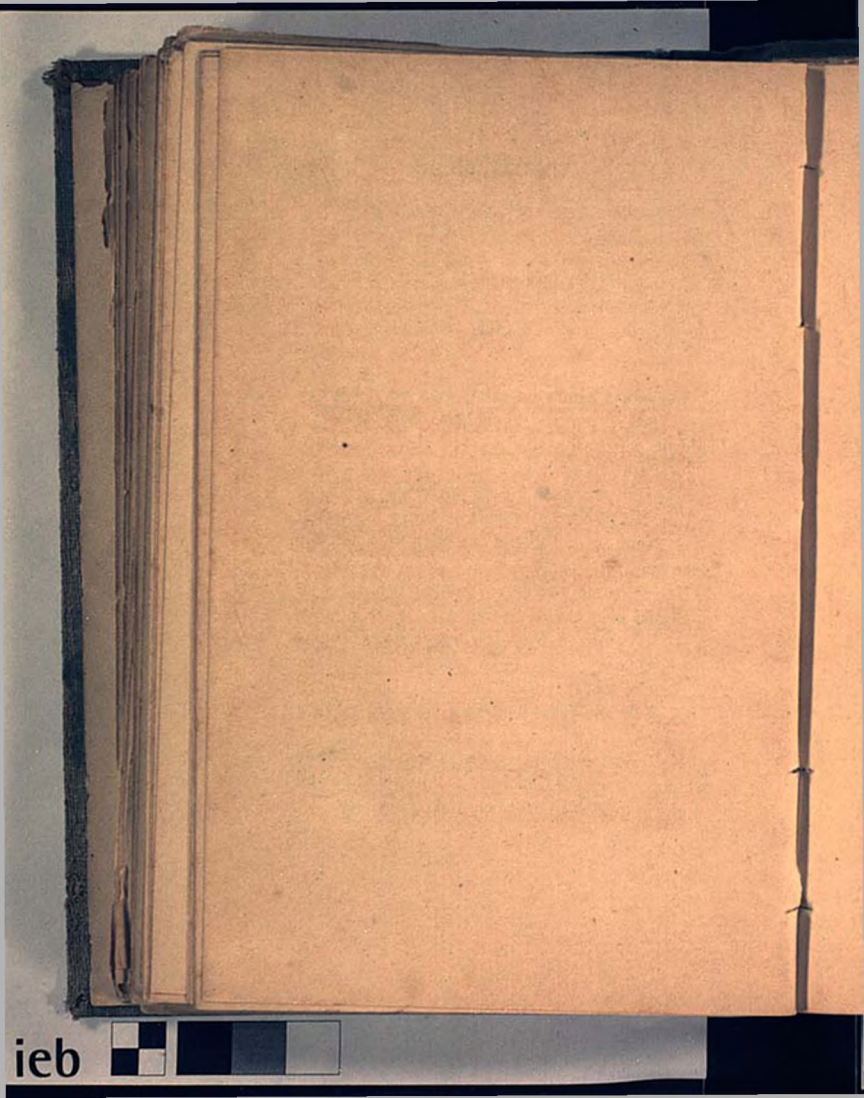
Bradei ao cocheiro :

— Leva-nos á *Gloria* e segue depois até o *Bota-fogo*.

O carro partio.

A *bella mysteriosa* rira-se ; tinha-me comprehendido.

Na ordem que déra, eu havia traduzido minhas ardentes sensações, porque me julgava elevado á *gloria* que *botava fogo* em todo o meu ser.



XXIV

A *bella mysteriosa* ao sentir que o carro largára; estremeceu vivamente, e afastou-se um pouco de mim, como instinctivamente medrosa do perigo á que na verdade com inconsideração acabava de expôr-se.

Era meu primeiro dever tranquillizal-a; ella porem interrompeu-me logo as palavras que lhe hia dirigindo.

— Não me falle ainda, disse-me balbuciante; deixe-me socegar... preciso... ah!... que louca!...

— Minha senhora...

— Não me falle!... repetio-me; rogo-lh'o.

Obedeci.

Durante alguns minutos de silencio e de concentração de que eu tambem necessitava muito, coordenei minhas idéas e observações.

A *bella mysteriosa* era, sem mais duvida possivel, senhora de elevada jerarchia e habituada á mandar, ainda mesmo zombando de quem lhe cumpria o mando; prova: o pobre Souza que nos batera a portinhola.

Era leviana, ouzada, e caprichosa, e imprudentemente aventurosa; prova: a minha feliz situação e o seu arriscadissimo abandono aos transportes provaveis do meu amor.

Era ainda assim objecto de consideração respeitosa e de profundo acatamento; prova: a attitude e modo que tomára para com ella o Souza, desde que a reconhecera.

Quem poderia ser a *bella mysteriosa* ?...

Decididamente não era brazileira; havia no seu fallar evidente sotaque estrangeiro, que denunciava provavelmente senhora franceza familiarisada com o idioma portuguez; custava-me a creditar que ella pudesse fingir-se estrangeira com tanta verosimilhança.

Em todo caso a sua audacia era tão estupenda como a sua sensibilidade inflammavel.

Admirára-a ouvindo-a dizer com voz segura que eu era amigo de confiança e da intimidade de sua familia...

E quem sabe se eu o era realmente ou não ?...

Ella negava-me ainda a dita de adorar-lhe o rosto... amava-me; é positivo que amava-me!... desde quando?... desde essa tarde?... desde uma hora?... era quasi inacreditavel essa minha felicidade instantanea e milagrosamente realisada.

Ainda mais: a *bella mysteriosa* em tudo seductora, maravilhosamente bem feita e engraçada, delicada no talhe e nas maneiras, mostrava ter voz pouco agradavel pelo tremor e pela inflexão um pouco nazal; era uma voz como que artificial, dissimulada, que não se harmonisava perfeitamente com o seu todo tão encantador e angelico; voz toleravel em qualquer outra, mas reparavel no meio dos prodigios de gentileza e mimo de creatura tão encantadora.

Essa voz era por força fingimento, ainda o véo no som da voz, como o véo na formusura do rosto.

Entretanto o essencial é que — estava escrito! — eu me sentia perdido de amor, e de paixão violentissima pela *bella mysteriosa*, e ella amava-me!...

Mas onde iria eu com semelhante amor volcanico por semelhante joven, senhora aristocratica, tão audaz, imperiosa, e arrebatada?...

A gloria começava á atormentar-me; experi-

mentei que a altura do Capitolio causa vertigens...

Pensei na rocha Tarpea... devia haver Tarpeas na familia daquella senhora !...

Não me tenho por medroso ; mas o homem prudente cogita e mede as consequencias.

Até então eu só me havia achado envolvido em entrigas escarpadas com *equivocas* e *communistas*, e por tanto sem responsabilidade perante a lei et cœtera...

Mas a hypothese que estava passando á facto, era de natureza muito mais ponderavel e apprehensiva...

Todavia, eu tinha-me adiantado tanto !... ah !... a paixão me bradava : *redire sit nefas !...*

Fechei os olhos para raciocinar melhor...

Inspiração perfeitamente logica !...

Por consequencia eu devia fechar os olhos, e proseguir.

XXV

Eu acabava apenas de fechar os olhos, e de deduzir a consequencia do meu abandono cego á fortuna que tambem é cega, quando a *bella mysteriosa* me poz em exaltação e alarma a vizão e todos os sentidos, dizendo-me:

— Julgo que posso em fim fallar-lhe e ouvil-o; começo por dizer-lhe o que já sabe: tenho horas de loucura... sou douda...

— E faz endoudecer... eu lh'o juro, minha senhora.

— Sou porem somente douda de amor... não o fui nunca... corrijo-me... hoje o sou pela primeira vez... acredita-o?...

— Eu só tenho consciencia de uma santa loucura... da minha... que é tambem de amor!...

— Então foi contagio, mas contagio fatal; porque... infelizmente... sou casada...

— Contagiado morrerei impenitente, abençoando o meu peccado!

— Não sou culpada por ter-lhe escondido até agora o meu rosto; ainda é tempo! imagine-me feia e horrenda...

—Imagino-a tal qual é, formosa, como Venus!...

— Admitto a comparação, porque meu marido é côxo como Vulcano.

— Ah, minha senhora! não se deve desejar mal ao proximo; eu porem tornei-me hoje tão apaixonadamente perverso, que não me commoveria se o marido de V. Exc. quebrasse a perna de que não coxêa.

Eu fallava á *bella mysteriosa* no tom que ella havia marcado, mas devo declarar que me sentia desafinado.

Havia no dialogo ligeireza e liberdade de mais para uma senhora casada e de boa sociedade.

Ella me respondeu immediatamente.

— Não desejo esse mal desnecessario á meu marido; elle nunca me segue; sou eu que as vezes desorientada o sigo... trocamos os papeis na vida conjugal!

— A confissão me mortifica!... dóe-me que

Venus tenha ciumes de Vulcano; não ha ciumes sem amor...

— Ha.

— Como?...

— A vaidade tem ciumes. Não se é bella sem vaidade... e a vaidade tem ciumes... ah!... eu os tive hoje e horriveis!... agradeça-lh'os!... devo á elles ter encontrado Venus desencaminhada...

— Desencaminhada!... eu protesto!...

— Vulcano despedio-se da espusa na manhã de hoje, pretextando urgencia e necessidade de ir passar dous dias em Petropolis...

— Boa viagem!... que fique perpetuamente no alto da serra!...

— E Venus, desconfiada e ciumenta, sahio incognita em procura do marido, á quem reputára traidor... foi por isso que Marte a encontrou aventurosa e só, e a perseguio, tentou-a... e allucinou-a!...

A minha desafinação cedeo ao tom maior e absoluto da franca declaração de rendimento da fascinadora e *bella mysteriosa*; com as minhas mãos procurei as della, achei-as, tomei-as, levei-as aos meus labios, e hia devoral-as á beijos fervidos e lascivos, quando a voluptuosa, mas contradictoria e soberba senhora, m'as arrancou

do fervoroso enlace, e com voz altiva, e de tom inopinadamente mudado, perguntou-me anciosa, porem senhorilmente:

— Que pensa então de mim?...

Não sube que responder-lhe.

— Que idéa faz de mim?... ordeno-lhe que o diga!... que idéa faz?...

O movimento de soberba e de alvoroço, e a expressão de desconfiança, de menospreço com que a *bella mysteriosa* me interrogava quasi irada, atarantárão-me por alguns instantes.

— Diga-o!... repetio ella:

— Tenho somente uma idéa, respondi.

— E qual?...

— A do meu amor; como quer que eu tenha a liberdade de pensar e raciocinar, estando á seu lado?

A *bella mysteriosa*, denunciando-se irreflectida e precipitadamente mudavel de pensamento e de acção, entregou-me as mãos, que pouco antes havia arrancado das minhas, e ajudando-me com um leve impulso á leval-as até os meus labios, disse docemente:

— Creio que era aqui que ellas estavão, quando em revolta injusta lh'as tirei.

Respondi com os meus labios em suas mãos, e sem fallar.

XXVI

Que mulher ardente, caprichosa, insensata e adoravel!...

Já me havia fallado com leviandade inexcusavel em senhora de sua classe e educação, referindo-se á seu marido.

Passára desse extremo, menos digno della, á inesperado assanho de orgulho e de resentimento, por suspeitar-me talvez menos convencido da elevação do seu merecimento, e dos seus direitos á minha submissão de simples escravo nobilitado pela graça do seu amor, ou do seu capricho.

E logo e immediatamente eil-a cahida das alturas de escabroso orgulho no seio suave e brando da mais terna sensibilidade!

— Ha predestinações, disse ella em tom de meiga queixa; oh, ha predestinações!... porque sahi endoudecida de minha casa?... porque

havia de encontral-o?... porque o senhor havia de seguir-me?... não foi destino?... foi!... eu devia amal-o.

— Ama-me?... oh! ama-me?... perguntei.

— Ainda o duvida?...

— Ainda.

— Aqui?... sentado junto a mim, a sós comigo... neste carro?...

— Ainda assim.

— E porque?...

— Porque continua a occultar-me o seu rosto.

— Se fosse horrivel... se lhe fizesse medo?...

— Impossivel!...

— E se me reconhecesse?...

— Mil vezes maior felicidade!

— Para o senhor, eu creio; que egoista!... mas para mim?...

— Oh!... e diz que ama-me!

— Tem razão!... exclamou a *bella mysteriosa* com ardor.

E rapida sempre em pensamento e acção levou as mãos ao véo, e levantava-o, quando estremeceu, e deixou-o cahir, dizendo:

— Não... não!...

— Minha senhora!...

— O meu véo esconde não um rosto, mas um um nome que eu tenho obrigação de não marear.

É claro que eu não podia atacar de frente aquelle sophisma de virtude conjugal, ou de honra do nome do marido, cuja defesa se reduzia a um véo, que escondia o rosto da mais formosa peccadora.

Mas eu estava seguro, certissimo de ver-me livre daquelle véo importuno e cruel.

Insisti no mesmo expediente que estivera já a ponto de dar-me a victoria.

— Não ama-me, disse, fingindo-me triste.

— Não o amo?...

— Não.

— Que homem fatal!...

Percebi que ella hesitava...

Repeti :

— Não ama-me.

A bella mysteriosa agitou-se, como em intima luta ; logo depois disse :

— Espere...

Voltou-se um pouco para mim, com os dedos de uma de suas mãos fechou e comprimiu-me os olhos brandamente, mas bastante para que eu nada pudesse ver...

Um instante mais, e sua boca veio collar-se

na minha, e um longo e fervido beijo me fez vontade de ficar cego assim todo o resto da minha vida.

— Amo-o?... perguntou ella emfim, retirando a mão que me cegára.

Abri os olhos.

Ah!... o veo tinha já cahido sobre o rosto da *bella mysteriosa*.

XXVII

O beijo fôra incendiario...

Eu absolutamente abandonado pela logica, ou ao contrario, perfeitamente logico nas flammas concludentissimas em que ardião os meos sentidos, tornára-me fervoroso, exigente de mais incendio...

A *bella mysteriosa* abalada, trémula de commoção, porem menos exaltada do que eu, e talvez por educação e habito de dominar-se, mais senhora de suas paixões, pousou sua mão no meu hombro e disse-me:

— É preciso que nos serenemos; dei-lhe a prova material do meo amor, unica que lhe posso conceder...

— Unica?...

— Das materiaes, a extrema...

— Ah!...

— Do amor do coração e da alma... do amor que sonhando, véla no somno, e sonha sempre durante a vigilia... do amor, meo pensamento, e meo cuidado unico... do amor espiritual e poetico... oh!... dar-lhe-hei o infinito!... quer amar-me assim?...

Eu sentia fogo nas entranhas e respondi desorientado e um pouco descortez:

— Eu quero amal-a de todos os modos!...

Ella rio-se e não deo-se por offendida.

D'ahi a pouco perguntou, quasi gemendo queixosa:

— Diz que ama-me e quer-me indigna?...

— Oh!... mas o seu amor e a sua belleza encantão-me e transportão-me!..,

— E eu não o amo?... pensa que não soffro?...

— Mas, apaga-me, mata-me toda a esperança!...

— A esperança nunca se apaga, nem morre; não tem ella o futuro para dar-lhe luz e vida?...

— Ah!... permitta ao menos que eu espere...

— Eu não prometto cousa alguma... mas que eu lhe permitta esperar, não é preciso... esperar no futuro... é seo direito... a esperança não vive sempre do futuro?...

Eu sentia-me embrulhado em rozas e espinhos, em luzes e nuvens de esperança e de futuro.

Ainda muito commovido, murmurei, como á pedir esmola vergonhosa:

— Minha senhora... dê-me um raio de luz!...

Ella respondeu-me impacientada:

— Que crueldade!... jurou fazer-me corar?...

— Oh!... não!... não!... respondi inundado de felicidade.

Em breve a *bella mysteriosa* que conseguira ameigar-me e domar-me com a condescendencia da esperança, disse-me:

— Amo-o; sou porem casada, e devo ao nome nobre de meu marido, e á sociedade, em cujo seio vivo, reservas e cautelas, que serão crueis para nós ambos...

— Como?...

— O senhor me conhece; já temos estado juntos nos mesmos salões... o senhor... talvez seja vaidade minha; mas... creio... que o senhor já em mais de uma noute de reunião e de baile esqueceu seus olhos perdidos em meu rosto... já me distinguiu... e sabe o meu nome...

— Ah!...

— Já uma vez me dirigiu lisongeiras palavras que fingi não comprehender...

— Ah!...

— Mas já então...eu o escutára de mais!... nem sabe o mal que tem-me feito!... então era uma ancia e uma duvida em mil nevoas escuras de temor de illusões, e de receios do coração de esposa honesta...

— Oh!... mas V. Ex. me martyrisa!...

— Porque então não adevinha quem sou?... bem vê que a martyr agora sou eu!...

E era; porque realmente eu hesitava entre mais de vinte bellas e elegantes senhoras da melhor sociedade, a quem eu fazia a côrte por passa tempo e por gosto de galanteria.

A *bella mysteriosa* proseguio, dizendo:

— Perdoo-lhe a incerteza propria, de quem namora a todas... perdoo-lhe hoje; mas amanhã, desde amanhã serei leôa embravecida, e não respondo por mim...

— Em tal caso devo ver-lhe o rosto para saber de quem sou escravo...

— Mais tarde o verá; o senhor ou ama-me ou me engana. Quando eu me convencer de que o seu amor não é zombaria ou capricho passageiro, quando eu puder contar com o seu amor e com a sua discrição, mostrar-lhe-hei o meu rosto; por óra dar-lhe-hei apenas o direito de

adevinhar-me entre dez, ou quem sabe, se entre cem!...

E ella dizia isso com acrimonia de ciume.

— E imagina despedir-me, a apartar-se de mim em tão barbaras duvidas, em que me embaralha?...

— Não; fiz hoje voto de loucura e heide leval-o ao fim. Sahi de casa ciumenta, suppondo meu marido réo de perfidia; procurei-o, onde imaginava achal-o em encontro annunciador de adultera traição: enganei-me... e o peior foi que perdi-me!... creio deveras que perdi-me!... mas... meu marido está em Petropolis e não póde voltar hoje; comecei loucamente a tarde, acabarei loucamente a noute... a culpa é do senhor!..

— Agradeço a honra e a gloria da responsabilidade, que tomo todo orgulhoso sobre mim!...

— O senhor ganhou por generoso, ou por estupendamente astuto..

— Como?... não comprehendo..

— O seu companheiro e amigo...

— Nem amigo, nem companheiro; protésto, minha senhora; o Souza é meu nimigo, e perpetuamente intruso...

— Como quer que seja: elle foi comigo desconhecida insolente e injuriador... e ao mesmo tempo e nas mesmas circumstancias o senhor honrou o meu sexo, mostrando-se generoso e delicado; amoroso, mas cheio de comedimento e respeitador para com a desconhecida...

— Era dever de cavalheiro...

— Que me tocou o coração já ferido...

— Ah!... levante esse véo!...

— Pois sim; submetto-me; mas sob uma condição...

— Qual?...

— O senhor se apeiará do carro immediatamente... e para sempre separados...

— Ah, não!... isso não!...

— Ainda bem!...

— Mas a compensação de não vêr-lhe o rosto, e de não reconhecel-a?...

— Meu marido está em Petropolis; dou-lhe toda esta noute, comtanto que a passemos amando-nos innocentemente, como até agora.

— Acceito!... acceito!... passemos pois juntos suave e innocentemente esta noute ditosa!...

A *bella mysteriosa* apertou-me as mãos e disse:

— Amemo-nos muito, mas como irmãos!...

Eu preferiria certamente que nos amassemos como primos, e não sei mesmo o que hia dizer ou propôr, quando nesse momento o cocheiro perguntou:

-- Onde heide parar?

Ah!... sem o sentir tinhamos passado pela *Gloria* e chegado á *Bota-fogo*.

Affigurou-se-me que eu passeava com uma fada em um carro encantado...

ieb

XXVIII

O cocheiro esperava nossas ordens.

— Onde iremos agora?... V. Ex. quer...

— Não quero que me dê esse tratamento: para que me lembra quem sou?... ó crueldade ou erro.

Ella tinha razão.

— Onde iremos?... perguntei de novo.

A bella mysteriosa respondeu-me, com doçura e ardor:

— Que me importa?... vae, e arrebata-me!... que este carro dê mil voltas!... que não pare!... eu amo e aspiro o infinito.. no espaço...

— Volta, cocheiro! exclamei; pelo mesmo caminho ou por outro, volta! mas não ha necessidade de correr.

— Ao contrario, disse-me a romanesca se-

nhora, mudando de tom; devia mandal-o ir á desfilada, que é mais proprio da loucura...

— Mas... nenhum de nós é louco...

— Eu sou, ou estou hoje louca: quero dar-lhe já ainda mais uma prova disso.

— E como?...

— Faço-lhe uma proposição: quer levar-me ao theatro?...

Com effeito era prova que não admittia contestação!...

Eu hesitei e disse:

— Nessa proposição ha gloria immensa para mim; mas tambem grande risco para quem não póde estar segura do seu incognito...

— E o meu véo?...

— E o seu talhe e a sua graça, que não tem rivaes, nem semelhantes?...

— E todavia o senhor ainda não me reconheceu!... disse ella com tristeza.

Mas immediatamente accrescentou com ardor:

— Leve-me ao theatro.

— Qual delles prefere?...

— O *Lyrico francez*.

— O *Alcazar*?...

— Pois não é o mais doudo?...

Não havia que objectar; indiquei ao cocheiro o ponto a que lhe cumpria dirigir-se.

— Eu nunca pude ir ao *Alcazar*, senão em noutes de representação particular: ora... dizem-me tantas cousas!...

— Talvez não tenhão exagerado...

— Melhor!... o meu amor não lhe merece a satisfação da minha curiosidade?...

— O seu amor é tão usurario!... ah!... porque não se lembra de que tambem sou curioso, e que ardo por vêr-lhe o semblante?...

Minha voz solicitante era repassada de ternura, e o meu respeitoso comedimento não podia disfarçar a commoção que me exaltava.

A bella mysteriosa suspirou: seu joelho unido ao meu tremia ao contacto e denunciava ardores iguaes ao meus.

A nossa convencionada fraternidade parecia ameaçada de imminente e apaixonado desmentido.

Senti que a bella mysteriosa se denunciava, quasi a render-se enternecida em repetidos movimentos convulsivos que rapidos passavão.

Mas de improviso ella me tomou ambas as mãos, prendeu-as com força entre as suas e murmurou-me docemente:

— Não falle, não me acorde, quero dormir e sonhar.

E encostando sua graciosa cabeça no meu hombro, ficou em silencio e como adormecida.

XXIX

Ainda uma vez que mulher inconcebivel!...

Audaz até o compromettimento, imprudente até o desvario, provocadora até o abandono de sua pessoa, voluptuosa até a impudicicia, era imperiosa no estouvamento, inabalavel no momento em que devia abater-se, e sempre forte para refrear a paixão na maior violencia da tempestade.

Leviana, caprichosa, arrebatada, impudica e orgulhosa, lasciva e logo contida, phrenetica e logo ajuizada, offerecendo-se e negando-se, mulher suspeita de fraqueza nos modos, nos invites, na petulancia das acções, e na inconsideração da palavra, e ao tocar ao extremo da vertigem erguendo-se admiravel pela sua fortaleza na dominação dos sentidos...

Eu me perdia em cogitações vans no empenho

de comprehendel-a; suppuz tel-a adivinhado, considerando-a uma senhora nobre e bem educada, mas romanesca, de imaginação volcanica, sonhando e desejando aventuras, arriscando-se delo gozo de commoções ardentes e febricitantes, como o apaixonado jogador, amando por sensibilidade exaltada e pelo gosto do abalo das paixões; mas, sob o ponto de vista material do sensualismo, impeccavel, sobranceira e forte ou por orgulho ou por consciencia de dever.

Era talvez na sociedade em que vivia, victima de explicaveis calumnias, esposa que por vaidade de formosa e por arroubos de imaginação romanesca se prestava á conjecturas degradantes, não tendo nunca descido ao abysmo da degradação suspeitada.

Que se poderia julgar dessa senhora que á noute e em um carro de aluguel passeiava a sós comigo, fallando-me de amor, confessando-se amante, indo comigo incognita ao theatro, e offerecendo-me uma noute inteira de favores arriscados, e de terna affeição, embora ajustadamente fraternal?...

E todavia afóra enlace de nossas mãos, e os meus beijos em seus dedos, e afóra aquelle beijo nos meus labios a bella mysteriosa soubera

conter nossos mutuos transportes, e eu nem podia desvanecer-me da menor condescendencia a mais adiantada.

Eu estava abrasado de paixão, mas um pouco receioso da bella mysteriosa.

Até onde me arrastaria o capricho, e a imaginação dessa douda allucinadora que então me inflammava e me envenenava o sangue, prendendo-me em doce e estreita prisão as mãos, e com a cabeça pousada no meu hombro, sonhando romances de que ella era heroina obrigada em longo embebecimento que me fazia experimentar o mais voluptuoso e barbaro martyrio?...

Emfim a bella mysteriosa soltou minhas mãos, arredou a cabeça do meu hombro, e disse:

— Vivi no céo!...

— Mas eu...

— Não falles ainda; oh!... o amor da alma o amor dos enlevos poeticos é o amor dos anjos!... oh!... ama-me assim!...

E logo passando o braço em torno do meu pescoço e aproximando o seu rosto do meu, perguntou-me:

— Já lêste o *Raphael* de Lamartine?... já lêste, quero que ames-me esta noute, como

naquella noute passada no mar, o ao fragor da tempestade Raphael amou Graziela.

Não raspondi; ardia em fogo, e essa allusão poetica me exasperava.

— E tu... meu irmão! meu amante!... meu senhor!... queres tu assim?...

Sua voz era pela meiguice e ternura a mais irresistivel tentação de peccado.

— Queres tu assim?... repetiu-me ella.

O que eu quiz ao menos foi dar-lhe um beijo...

E dei-lh'o, embora atravez do véo.

Ella me empurrou de máo modo, dizendo:

— Sensual!... material!... porque não és Raphael?...

XXX

O carro parára nesse momento de desillusão, de poesia e de pobre beijo no tecido de um véo.

Apeiamo-nos.

Paguei, despedi o cocheiro, entrei no theatro lyrico francez, e por felicidade, ainda pude achar um camarote, onde menos exposto me fosse possivel conservar-me com a minha imprudente amada.

O espectaculo já havia principiado.

A bella mysteriosa ostentou-se á frente do camarote, no logar que lhe competia, com arrojada segurança.

— Não se arrecêia?... perguntei-lhe.

— O medo é denunciante, disse ella; e expandiu-se jubilosa.

Quem tinha medo era eu.

Se a pezar e a despeito do seu véo alguem

reconhece-se a minha companheira do camarote?

A apprehensão de um duello de morte com o marido da romanesca senhora me enchia de nuvens negras o espirito amotinado.

Eu adorava essa mulher joven, sem duvida formosa e feiticeiramente deslumbradora; mas porque ella e eu haviamos de exibir em publico o nosso amor e os nossos desvarios?...

A bella mysteriosa applaudia com evidente fervor os movimentos e passos lascivos das dançarinas, e o tom malicioso e deshonesto com que os actores e actrizes exprimião as phrases dubias da opera *equivoca*...

Passei uma hora em tormentos de medo explicavel e justificavel, e ella em gozos de scenas e de dialogos sensuaes.

Eu tinha quasi vergonha das minhas apprehenções, observando o desplante e a seguridade da joven esposa apenas disfarçada pelo véo.

No fim dessa hora de receiosos trances, lobriguei um recurso duvidoso... um recurso que bem fundadamente reputei improficuo, e condemnado á positiva regeição...

Pensei em propôr á bella mysteriosa que deixasse o theatro e fosse ceiar comigo em algum hotel.

Ella porem tinha para senhora delicada que era, comido *croquets*, pasteis, camarões recheiados, amendoas e bolo inglez por tres dias; provavelmente regeitaria a ceia; era inverosimil que pudesse ceiar...

Mas no meu convite a gula servia de pretexto ao amor.

Encoragei-me e propuz.

— Tenho ciumes de todos os olhos!... disse-lhe; aborreço este espectaculo!... córo das indecencias, ao lado da senhora mais pura!... ah!... vamos respirar, viver, amar-nos á sós e longe de todos!... vamos... para isolar-nos do mundo... para ver-nos só um ao outro... vamos ceiar... ou fazer de conta que ceiamos... em solitaria sala de um hotel discreto e protector?...

— Meia hora ainda!... respondeo-me ella.

— Os hoteis estarão fechados e...

A bella mysteriosa não me deixou acabar, levantou-se e disse:

— Entendo; contrario-te aqui: vamos pois ceiar em hotel; convem-me; é precizo que a noute continue e acabe como começou: delirio até o fim.

E tomando o meu braço, apressou-se em sahir dizendo-me ao ouvido com requinte de ternura:

— Vê bem, onde me levas!... louca de amor, mas pura como tua irmã!...

E cumprimio-me o braço á seu peito de modo que lhe senti o contacto do seio e o palpitar do coração.

XXXI

A minha boa fortuna fez que á breve distancia me apparecesse um carro de aluguel que passeava desoccupado.

Tomei-o; embarcamo-nos, e indiquei ao cocheiro o hotel de..., onde me conhecem pelo muito que facilmente nelle despendo.

Até chegarmos ao hotel — viagem bem curta — a bella mysteriosa cedendo á meos empenhos, que se tornavão exigentes, prendeo-me duas vezes as mãos, e duas vezes me cerrou os olhos, para beijar-me e beijar-nos com abrasado fervor.

Mas depois dos beijos sem duvida lacivos encadeiava com mais força as mãos, e dizia-me tremula e brandamente queixosa do meus transportes:

— Meu irmão!... meu irmão!...

Chegamos ao hotel: asylamo-nos em uma sala particular; pedi quanto houvesse de melhor.

Havia ruido... ceia... orgia em outra sala visinha...

Ainda um excitante de mais!...

E nem assim!... em quanto nos punhão a meza; consegui apenas ficar cego ainda algumas vezes, e sentar-me bem junto da phantastica senhora prendendo entre as minhas as suas mãos.

— E além... nada mais, disse-me ella ou levanto o véo diante dos creados, e castigo-o assim deshonrando-me e perdendo-me!...

Contive-me, torturei-me porém, inflamando-me, debalde, admirando as maravilhosas proporções daquelle corpo enriquecido pela mais prodiga natureza.

E sempre audaz e inconcebivel em seu impudor e em sua resistencia briosa ella deixava suas mãos entre as minhas, e com sua face quasi encostada á meu hombro diante dos creados que entravão e sahião, sorrindo maliciosos, ao trazer-me a ceia.

Uma vez, a primeira, quiz arredar-me della ouvindo passos e foi ella que se oppoz ao meu impulso.

Quando então sahiu o creado que entrára, a bella mysteriosa disse-me a rir :

— Que me importa?... não me conhecem, e devem julgar-me mulher perdida e, tanto melhor! disfarço-me completamente.

E conversavamos á trocar finezas e meiguices.

Ella brilhava pelo espirito subtil, e fallava-me de Shakespeare, de Victor Hugo, de Scribe, como senhora conhecedora de poetas dramaturgos physiologistas de amor.

A voluptuosidade, a admiração e o encanto da mysteriosa me desatinárão.

Uma vez pedi-lhe que me dissesse ao menos seu nome de baptismo.

— Eu me chamo *amor*, respondeo-me ella.

E accrescentou no meio de terna caricia :

— Se este nome não te basta, és máo!...

Outra vez ensaiei doce violencia para leventar-lheo véo.

— Se insistes, mostro-te meu rosto; mas eu te previno!... perder-me-has... e talvez que te percas tambem!...

— Então... sempre o véo?...

— Hoje sempre o véo; se o mereceres... se eu

acreditar que sou amada... — porque tu me conheces, perfido!...

— Eu?...

— Se me convenceres de que realmente amas-me, quando me fazes a côrte, e me namoras sem véo... oh!... então!... então!...

E ella me tomou fervorosamente uma das mãos e a levou á seu seio palpitante.

Era uma mulher volcanica; moralmente envenenadora, um anjo cahido do céo da nobreza nas vertigens dos abysmos do amor criminoso e adultero!...

Eu estava assombrado dessa paixão que sem consciencia havia accendido!...

A minha felicidade me enredava em um dedalo de encantamento e de curiosidade.

Deram-nos para ceia um pequeno banquete, seis cobertas pelo menos...

Sentamo-nos á meza.

A bella mysteriosa, por prevenção talvez, disse-me em tom brincão:

— Sou uma santa com dous peccados; o de amor hoje, o da gula sempre.

E foi dando provas do segundo muito mais positivas do que me havia concedido do primeiro.

Espantei-me devéras!...

Aquella delicada, suave, vaporosa e romantica joven comeu de tudo e bem!... depois dos regalos em quatro confeitarias ceiou como se estivera em jejum desde tres dias!... E bebeu ainda melhor, palavra de honra!.. bebeu somente um calix, mas um calix de Sauterne, outro do Rheno, outro de Madeira, outro de Chambertin, outro de Syracusa, outro de Champagne, não, de Champagne gelado dous por excepção, e emfim ainda um de Lacryma-Christi!...

Eu tive medo de vel-a beber assim; ella porem como se adivinhasse nos meus olhos o temeroso pensamento, observou-me alegremente:

— Nasci no norte da Europa... isto é innocente... de ordinario bebo assim!...

E com effeito, depois de tantas libações estava fresca e senhora de si, e no seu estado normal, como antes da ceia!...

E, sobre tudo, o que mais me surprehendeo, foi o imperturbavel cuidado, com que soube manter sem atr aiçoar pelo mais ligeiro descuido o incognito que guardava, mercê do seu espesso e amplo véo. Ella comeu com habilidade rara e guloza presteza, movendo o garfo por baixo do maldito sendal, e apenas se voltava um

pouco, e dava-me as costas, quando tinha de beber.

Em verdade a bella mysteriosa perdia um pouco do seu prestigio poetico, bebendo e comendo assim; não ha porem bonito sem senão, e alem disso cumpria-me respeitar aquella natureza extraordinaria e priviligiada que reunia em si as qualidades mais contradictorias e estupendas.

O que me affligio durante a ceia foi o maldito véo que me contrariava desde a rua do Ouvidor.

Era um véo denso, escuro pela côr, e ainda mais escuro e impenetravel pelas numerosas prégas que se multiplicavão; atravez delle apenas se podia indiciar que o rosto encoberto devia ser alvo.

O collo e as espadoas da bella mysteriosa menos occultos, mas ainda resguardados por não sei quantos enfeites de gaze, rendas e maravilhas de phantastica *toilette* arco-iris, denunciavão-se admiraveis á imaginação sem satisfazer bastante o empenho verificador dos meus olhos.

Emfim o disfarce hia até as mãos, que nem durante a ceia se mostrárão sem luvas.

Tudo isso me demonstrava quam alta devia

ser a posição social da encantadora joven, que imprudentemente se expunha a tanto.

Deixo-nos café; eu o tinha pedido por cautelosa provenção...

Prevenção desnecessaria... o vinho não se manifestava perturbador dos sentidos da minha romanesca apaixonada..

Conversamos á tomar café.

— Onde iremos agora?... perguntei.

— Que horas são?...

Consultei o relogio e disse:

— Meia noute; quatro horas ao menos me pertencem ainda... tenho de memoria a sua promessa; deo-me esta noute toda...

— Mas eu tenho somno... desejára dormir, murmurou ella docemente.

Eu abalancei-me á responder-lhe:

— Durmamos pois...

Ella tornou-me logo:

— Eu fallei no singular... ordeno-lhe que não o esqueça outra vez; adoro-o; mas hoje somos irmãos,..

E pareceu-me que ficára á reflectir.

A logica da bella mysteriosa produzia sempre consequencias absurdas; não era precisa e mathematica como a minha.

Guardei silencio á espera de algum contrasenso que me aproveitasse.

E não esperei muito.

O lindo demonio tentador voltou-se todo para mim, e cingindo-me o pescoço com seo braço magnifico, e aproximando do meu o seu rosto encoberto, perguntou-me com indizivel ternura:

— Raphael!... és capaz de velar algumas horas, duas ou tres horas, junto de Grazziela adormecida, como o anjo da pureza á cabeceira de uma virgem?...

É claro que respondi affirmativamente.

— Raphael!... amas tanto á Grazziela, que possas tel-a dormindo ao pé de ti, e respeital-a, como irmã e santa?...

— Oh!... sim!... sim!...

— Oh!... exclamou ella, beijando-me nos labios atravéz de seu véu; oh!... a prova extrema!... o amor sublime pela abnegação do dominio!... és tu capaz?... és capaz?...

Eu estava imaginando mil horriveis perjurios, e balbuciei diabolicamente hypocrita:

— Anjo do céo!... tu me beatificarás pelo martyrio indizivel dos meus sentidos materiaes!...

— És capaz de tanto heroismo?... repetio ella com enlevo e paixão.

— Estarei de joelhos á teus pés, oh fada encantadora!...

— Quero experimentar, disse ella, levantando-se.

E accrescentou:

— Tenho somno e quero dormir!... pensa bem: será a prova do céo ou do inferno!... vem!...

Ergui-me para sahir prompto e obediente á sua voz.

Foi ella que animosamente me tomou a mão, dizendo-me.

— Vê bem!... confiança illimitada no somno desta noute... vê bem!...

— E amanhã?..

— Amanhã é o futuro, todo o futuro que ficará em tuas mãos...

— Ah!... e como?...

— Hoje... neste resto de noute serei tua irmã... só tua irmã...

— E amanhã?...

— Já t'o disse: amanhã é o futuro, e no futuro o amor em abandono, sem limites!...

Sahimos quasi abraçados, e na escada do

hotel felizmente mal esclarecida beijamo-nos ainda...

O carro nos esperava á porta do hotel; a bella mysteriosa disse-me baixinho:

— Á rua de...

— Á rua de!..., bradei eu ao cocheiro.

O carro partiu.

XXXII

A bella mysteriosa disse-me, apenas o carro começou á rodar:

— Devo prevenir-te de uma nova phantasia á que por tua causa e por meu amor me arreméço...

— Qual?..

— Não móro na rua de...

— Ah!...

— Quem ali móra em pobre e misero tecto é uma velha, que me considera sua providencia na terra. Era claro que eu não podia á estas horas entrar comtigo em minha casa, abandonando o segredo do nosso amor aos meus criados.

— Mas...

— A boa velha não saberia negar-se á sacrificio algum por mim...

— E então?...

— Eu terei leito para descansar e dormir tranquilla e feliz duas horas; ás tres da madrugada tu me despertarás, dando-me um beijo na fronte...

— Não me será ao menos permettido dar-lhe, em vez de um, dez beijos?...

— Não gracejes no momento em que chega a solemne experiencia á que obrigo o teu amor e a tua virtude.

— Eu não gracejava... não!...

— Ficarás sentado á dous passos do meu leito e me verás adormecer na mais perfeita confiança.

— Sim .. sim...

— E respeitarás o meu somno, como se zelasses a honra de tua irmã...

— Oh!... por certo.

— E nem por um instante levantarás o meu véo para ver-me o rosto...

— E muito!... é exageração de crueldade; mas submetto-me...

— Jura-o!...

Jurei tudo quanto ella quiz.

Logo depois bateu-me duas vezes com o leque no hombro, e disse:

— Eu sou princeza encantada...

— É.

— E tenho um privilegio magico...

— Algum que eu ainda não saiba?...

— O da visão, dormindo.

— Mas... se por acaso... sem impulso meu... o véo se levantar em algum movimento ou volta de seu formoso corpo?...

— Heide atar o véo ao meu pescoço antes de adormecer...

— Ah!... em tal caso respondo pela abnegação dos meus olhos...

— E se ousasses querer desrespeitar-me... se ousasses apenas descobrir-me o semblante...

— Oh!.. não!...

— Separação eterna, e odienta vingança além da confusão vergonhosa pela perfidia baldada!...

— Serei digno da sua confiança... e todavia... porque tão tormentosa experiencia?... porque impôr-me esse martyrio de Tantalo?...

— Porque desejo ser, durante uma noute, Grazziela amada pura e santamente pelo seu bello Raphael!...

E acaricia-me terna e apaixonada...

Mas de subito afastou-se de mim, e murmurou como á custo:

— Não me toques... soceguemos... preciso... quero... socegar.

Obedeci.

Notei um não sei que de *mal estar*, de anciedade, e de viva alteração na bella mysteriosa...

Dulcissimo prognostico...

Era a sua rendição e a minha gloria a preannunciar-se.

Logica no caso.

Mas... obedeci á ordem.

XXXIII

Dessa vez a minha obediencia foi determinada por calculo, de quem era forçado a tornar-se hypocrita.

Eu tinha jurado a mim mesmo ser perjuro.

Devia sel-o; era imprescindivel.

A ultima imposição da vontade extravagante da bella mysteriosa carecia de senso commum.

Grazziela ou era douda, ou queria render-se de olhos fechados.

Raphael não podia querer glorias de tolo.

Ora!... que diria de mim o Souza, se viesse á saber que eu tinha sido junto da mais bella das jovens adormecida quasi á meu seio, um Raphael pateta em pasmaceira gelada?...

Eu estava certissimo de que a bella mysteriosa dormiria para sonhar com o meu perjurio, e que sómente não perdoaria o crime da

fidelidade ao insensato e ridiculo juramento que eu lhe prestára.

Isto éra logico.

Ella, essa mulher phantastica, delirante e voluptuosa, achando-se *cahida*, imaginára expediente destinado, como era o seu genio, para desculpar-se da *quéda*.

Prometto e asseguro que tomarei sobre mim toda a responsabilidade da sua fraqueza, reconhecendo-a innocente victima de revoltante abuso do perfido Raphael.

Em quanto eu assim pensava, a bella mysteriosa se submergia em silencio longo e teimoso.

Cheguei a suppôr que ella tivesse adormecido; mas quasi logo pareceu-me ouvir-lhe um gemido suffocado...

Afigurou-se-me que intima commoção a agitava... com certeza eu percebi sua respiração suspirosa e anhelante...

Oh!... tambem era logico!... evidentemente logico!... ella hia ter somno, e dormiria para sonhar com o meu perjurio.

Decidido; eu devia ser reprovado em exame de logica, se não soubesse tirar a consequencia de premissas tão claras.

Ah !... chegavamos emfim !...

Chegavamos; porque a bella mysteriosa fez um esforço, que não me escapou, para dominar os alvoroços do seu pudor, e balbuciou, quasi estorcendo-se:

— É aqui !... é aqui !...

O carro parou á minha voz.

A romanesca e apaixonada joven atraiçoou sem querer sua angelica perturbação e seu profundo abalo, deixando-se por algum tempo muda, mas constrangida, e respirando afflictivamente com as mãos á apertar os seios.

Era logico ou não era ?...

O que eu vi, todos verião no meu caso; vi o extremo combate da paixão contra a pudicicia.

Mas em vez de dobrar-me á piedade, senti correr-me pelas veias o sangue em ondas de fogo.

Entretanto eu ostentava generosa reserva, e requintado respeito...

Hypocrisia em acção...

Tambem era logico.

A crize devia emfim terminar....

A minha bella mysteriosa fez um, dous, tres movimentos para sahir do carro; mas como

tolhida por alguma dôr, ficou sempre sentada e em afflição, que debalde queria disfarçar.

Eu comprehendi toda aquella violencia do pudor á tentar vencer os impetos do amor criminoso.

Era de minha obrigação auxiliar o sentimento que o pudor combatia...

Ainda uma vez tentei tomar um beijo através do véo; a bella mysteriosa porem fugio com o rosto, e disse-me á tremer:

— Não! não! Espere-me; devo entrar primeiro para entender-me com a velha.

E fazendo grande esforço, que me pareceu doloroso, ergueu-se e saltou do carro, apoiando-se na minha mão.

Eu a vi bater mais de vinte vezes á porta que á custo se abriu.

O meu anjo internou-se no céo da humildade.

O céo da humildade era uma casa terrea de porta e janella, cheirando á pobreza, e á vida de privações.

Imaginei que o pauperrimo azilo era um alcazar de encantadora fada.

Faço aqui um parenthesis.

Afóra o ultimo tentado e não conseguido, os beijos que dei e recebi no carro e no hotel

sobem á um numero elevado, e a noticia delles bem podia em honra e respeito á decencia ser omittida; mas eu me condemnei á servir de lição á todos os Filenos, e de propósito dei a conta dos beijos, para que pela somma delles se calculem as proporções da ruminação memorial dessa gloria e dessa felicidade dos meus labios.

Fecho aqui o parenthesis.

Eu tinha ficado na rua, e á espera.

Em quanto esperava, tomei precauções, lembrando-me que a bella mysteriosa não podia retirar-se a pé, quando *despertasse* ás tres horas da madrugada.

Com a eloquencia do ouro convenci o cocheiro de que era de seu dever esperar-me illimitadamente...

O dinheiro é Cicero.

O cocheiro estendeu-se dentro do carro para dormir até que eu o chamasse...

O drama chegava ao seu desfecho, e no desfecho dous protogonistas — eu e a *bella mysteriosa* — e um comparça — o cocheiro, afóra a velha da pobre casa, comparça ainda para mim invizivel, e não desejada vizivel.

Imaginei que dos tres só o comparça dormiria até as tres horas da madrugada.

E que eu... ah!

E o Souza !...

Coitado do Souza!... eu tinha a perversa malignidade de rir-me, lembrando-me do Souza!...

XXXIV

Incontestavelmente eu chegava á conquista não mais disputada dos mais completos louros de gloriosissima victoria.

Amor e vaidade, rendimento de uma joven senhora elegante e da melhor sociedade, triumpho sobre o jactancioso e presumido Souza, hião elevar-me ao septimo céo.

Eu me prelibava o mais feliz, o mais duplamente feliz dos homens, e ebrio de amor, de vaidade esperava sem impaciencia alguns momentos e com impaciencia logo depois á porta meia-aberta e meio-cerrada da pobre casinha terrea.

Dez minutos talvez se passárão assim...

E a porta entre-abrio-se mais...

E a bella mysteriosa appareceu-me e disse:

— Entre... venha!... a minha boa velha nos protege e azila...

Creio que voei...

Fui recebido nos braços de Grazziela!...

E ainda um beijo... esse, atravez do véo; mas em todo caso remettido para ser sommado com os outros...

E a porta da rua trancada..

Era sempre logico.

Achei-me em uma pequenina sala allumiada por lampeão de kerozene...

Quatro cadeiras de páo... um sophá de assento de palha, e uma mesa redonda de vinhatico.

Ao fundo da sala a porta de uma alcova com cortinas de chita... um pouco velhas... isto é, muito usadas.

O romanesco na pobreza, e a porta da alcova indicando a entrada do paraizo...

A minha imaginação enriquecendo e sublimando toda essa pobreza franciscana da casa de uma triste velha...

A bella mysteriosa cada vez mais commovida, tremula e anciosa, disse-me:

— Espere-me ainda... tudo consegui.., tenho leito amigo, e terei confiança e somno... alguns minutos mais... e o chamarei d'ali... quando já estiver deitada...

E apontando para a alcova, correo apressadamente e como em afflictivo alvoroço para o interior da pobre casa...

E o afflictivo alvoroço indiciava-se no meu prudente e reflectido conceito, como natural e explendidamente logico.

Ficando só, esperei com o coração á palpitar-me na boca entre aberta, e com os olhos pregados na porta da alcova.

XXXV

A bella mysteriosa tinha sahido da sala, encaminhando-se accelerada pelo corredor; eu porém comprehendi que ella não voltaria pelo mesmo lado.

A alcova certamente se communicava com aposentos interiores.

Passárão alguns minutos...

Que anciedade a minha!...

E que mulher ou que senhora, que anjo ou que demonio me allucinava nessa noute?...

Que idéa, que designios, que sentimentos realmente nutria ella á meu respeito?...

Eu não estava perfeitamente tranquillo; confesso-o...

Mas adiantára-me tanto... deixára-me levar tam longe...

Minha imaginação sonhava perigos... che-

guei á lembrar a hypothese de traição, e de violencia para roubarem-me...

Eu havia aberto desde a tarde tantas vezes a minha carteira, e a trazia imprudentemente tam cheia!...

Essa casa terrea, velha e de apparencias tam pobres, não podia ser covil de alguns ladrões?...

Mas... a joven tam gentil, delicada, espirituosa... e até mettida á litterata?...

E o Souza que a reconhecêra, e que a tratára com tanto respeito e veneração?...

Oh!... minha suspeita era um crime.

Tive vergonha da excitação nervosa que me inspirára aquelle pensamento sacrilego!... Eu digo excitação nervosa, porque não admitto que fosse medo...

Medo era impossivel; porque a paixão pela bella mysteriosa me absorvia e me assenhoreava todo...

Ah!... estremeci á um choque electrico!...

Atravez das cortinas de chita vi expandir-se a luz no seio da alcova.

Que momento de commoção!...

XXXVI

Ouvi o leve ruido dos passos dados pelos pés mais mimosos...

Apurei o ouvido...

A bella mysteriosa preparava talvez seu ninho... atava talvez seu véo... e andava de um para outro lado...

Como é que ás vezes o sublime se mistura com o ridiculo?...

No meio da sublimidade de minhas sensações, senti impulsos de ir espiar pelo buraco da fechadura!...

Mas, contendo-me, voltei ao sublime... sim, ao sublime!... concebi a idéa e cheguei á resolução de respeitar o somno do anjo, de ser puro e poetico Raphael junto de Grazziela adormecida!...

Eu a amava a formosissima joven; porque não a adoraria santa?...

Não haveria tambem celeste fulgor em minha virtude á poetisar e santificar o meu amor?...

Nesse instante ouvi o baque de uma botina; e logo o baque da outra que se deixavão cahir no assoalho.

Ah!... porque ao menos não seria eu quem descalçasse as botinas daquelles pés ligeiros, graciosos e pequeninos!...

Os dous baques das botinas tinhão acordado a minha ardente paixão!...

Eu já hesitava entre Raphael romantico e perjuro realista...

Mas... sobresaltei-me..

Julguei ouvir doloroso gemido...

Não foi illusão... percebi segundo... terceiro gemido... e erão de afflição!...

Que fazer?...

A bella mysteriosa me ordenára que eu esperasse o seu chamado para entrar na alcova ..

Ella porem evidentemente soffria...

Que horrivel embaraço!...

Lembrei-me do marido... oh!...

Mas ao terceiro gemido senti que alguem tomára a vela... e hia levando-a...

E logo, e immediatamente...

Que tristissima, desagradavel, prosaica e mesquinha contrariedade!...

Mas era absolutamente logico!

Ouvi o som do castiçal que em precipitação se largára no chão... e em seguida, e de mistura com ais anciosos os signaes retumbantes do mais cruel e inopportuno castigo da gula...

Era caso de irresistivel e não mais dissimulavel indigestão!...

Ah!.. se a bella mysteriosa tinha comido e bebido tanto!...

O episodio era muito natural e ainda perfeitamente dramatico segundo as regras magistraes da escola realista.

A princeza mais formosa, elegante, e phantastica é susceptivel de soffrer uma indigestão.

Entretanto a poesia do meu amor...

Ah!... porque havia de ter abuzado tão excessivamente dos gozos da meza aquella encantadora creatura, aquella joven engraçada, vaporosa, e bella?..

Mas que barbaras e estupidas reflexões!...

Era preciso acudir ao anjo de formosura que se denunciava humana em ais pungentes,

em... é preciso dizer toda a verdade, em contorsões e vomitos horriveis...

Caso de força maior...

Oh perverso egoismo do homem!... ainda mais do que a compaixão apoderou-se de mim a idéa de aproveitar a desordem e a violencia da indigestão para ver descoberto e patente o rosto da minha tentadora...

Á um novo, pungentissimo, e afflictissimo gemido, que parecia sahir das entranhas da misera senhora, precipitei-me para a alcova, exclamando:

— Perdão!... eu devo soccorrel-a!...

Abri com violento impulso as portas da alcova...

Entrei...

A bella mysteriosa contorsia-se prostrada no assoalho...

Levantei o castiçal... cheguei a luz... e vi... e vi...

Oh!... oh!... oh!...

Antes não tivesse visto!!!

Pelo contrario!... palavra de honra!... abençoada indigestão que me fez ver a tempo!...

Oh!...

EPILOGO

Não sei como me anime á dizer, mas é forçoso que o diga...

A minha *bella mysteriosa* era uma franceza velha e de horrivel aspecto que eu conhecia desde a minha infancia, como professora de francez em casas de pouco mais ou menos á quinhentos reis por lição!...

Os estudantes a chamavão por isso: Mlle *Cinq-cents.*

Setenta annos ou quasi!... tinha vindo já madura engajada para papeis de segunda ordem na primeira companhia dramatica franceza de *vaudevilles*, que, me dizião, haver trabalhado no antigo theatro de S. Januario!!!...

Oh!... a minha bella mysteriosa já estava reformada e fóra da milicia amorosa, quando eu ainda brincava com bonecos!...

Que olhos encovados! que nariz feio, e que torto queixo!... mas sobre tudo, ai de mim!... que boca e que beiços!...

E a indigestão?... e as contorsões?... e os tormentos?...

Que a levasse o diabo!!!

Eu pensava com horror nos mil beijos lascivos que dera e recebera!!!

Ah!... misericordia!!!

Mas o Souza!... o Souza!.. o demonio do Souza!!!

Entretanto, agora que penso friamente, vejo, e reconheço que tudo isto foi logico.

Mas por isso mesmo... aviso aos *Filenos*.

FIM

INDICE

Os Quatro Pontos Cardeaes 5

A Mysteriosa 181

FIM DO INDICE

Obras que se achão á venda na mesma Livraria:

J. de Alencar

Til, romance brasileiro, 4 v. in-16, br. 4$000, enc. 6$000
Iracema, lenda do Ceara, 2ª edição. 2 v. br. 2$000, enc. 3$600
Viuvinha e os Cinco Minutos, 2ª edição. 1 vol. broch. 2$000
enc. ..... 3$000
O Guarany, 3ª edição, 2 v. in-4º, encadernados..... 10$000
As Minas de Prata, romance historico, complemento do precedente. 6 v. in-8, br. 12$000, encadernado ..... 16$000
O Demonio Familiar, comedia em 4 actos, 2ª edição. 1 v. 1$50,
As Azas de um Anjo, comedia em 1 prologo, 4 actos e 1 epilogo 2ª edição. 1 v..... 2$000
A Mai, drama em 4 actos, 2ª edição. 1 v..... 2$000
Verso e Reverso, comedia em 2 actos, 2ª edição. 1 v. 1$000

Senio

O Gaucho, romance brasileiro. 2 v. in-8 br. 4$, eno.. 6$000
Pata de Gazella, romance brasileiro. 1 v. in-8 br. 2$000,
enc. ..... 3$000
O Tronco do Ipê, romance brasileiro. 2 v. in-8 br. 4$000,
enc. ..... 6$000
Sonhos d'ouro, romance brasileiro. 2 v. in-8º. enc. 6$000
br ..... 4$000

G. M.

Diva, *perfil de mulher*. 2ª edição. 1 v. enc..... 3$000
Luciola, *perfil de mulher*. 2ª edição. 1 v. enc..... 7$000

L. Guimarães Junior

Historia para gente alegre. 2 v. in-8º enc 5$, br.. 4$000
Curvas e Zig-zags. *Caprichos humoristicos*. 1 v. in-8º
br. 2$000, enc..... 3$000
Contos sem Pretenção. A Alma do outro Mundo, o Ultimo
Concerto, o Homem e o Cão. 1 v. in-8º enc. 3$000, br. 2$000
Carlos Gomes, Perfil biographico. 1 v. in-4º br..... 1$000
Filagranas. 1 v. in-8º, enc. 2$000, br..... 2$000

Moreira de Azevedo

Mosaico Brasileiro, ou collecção de ditos, respostas, pensamentos, epigrammas, poesias, anedoctas, curiosidades e factos historicos de brasileiros illustres. 1 v. in-8º enc..... 3$000
Criminosos Celebres. Pedro Hespanhol, Vasco de Moraes, Os Salteadores da Caqueirada. Episodios historicos. 1 v. in-8º
enc. 3$000, br..... 2$000
Os Francezes no Rio de Janeiro, romance historico. 1 v.
in-8º br ..... 2$000
Lourenço de Mendonça, romance historico. 1 v. br.. 2$000

J. Norberto de Souza e Silva

Romances e novellas. 1 v. br. 3$000, enc..... 4$000
Brasileiras celebres. 1 v. in-8º enc..... 2$000
Flores entre espinhos. 1 v. in-8º enc..... 2$000

A. E. Zaluar

Contos da Roça. 2 v. br..... 2$000
Revelações. 1 v. in-4º enc..... 5$000
Peregrinações pela provincia de S. Paulo. 1 v. in-4º enc. 6$000

A. Dumas Filho

O Homem-Mulher. 1 v. in-16 enc. 1$500, br..... 1$000

Silvio Dinarte

A Mocidade de Trajano. 2 v. enc. 6$000, br..... 4$000

Eugenio Sue

A Inveja. 1 v. in-8º br. 2$000, enc..... 3$000
A Ira. 1 v. in-8º br. 2$000, enc..... 3$000
A Sobrebra. 1 v. in-8º br. 6$000, enc..... 8$000

Victor Hugo

Os Homens do Mar. 3 v. in-4º br..... 3$000

V. Valmont

O Espião Prussiano, romance historico inglez, resumindo os principaes acontecimentos da guerra Franco-Prussiana, traduzida por V. Colonna. 1 v. in-8º br. 2$000, enc... 3$000

E. Gaborian

Desmoronamento, romance historico. 4 v. in-8º, enc. 12$000
br..... 10$000

C. Paulo de Kock

A Noiva de Fontenay-das-Rosas. 1 v. in 8º br. 2$, enc. 3$000
Carotin. 3 v. in-8 br..... 3$000
Galucho. 4 v. br. 4$000, enc..... 6$000
Paulo e seu cão. 8 v. br..... 4$000

Octavio Feuillet

Julia, romance. 1 v. in-16 br..... 1$000

J. M. Pereira da Silva

Historia da Fundação do Imperio Brasileiro. 7 volumes encadernados..... 37$000
Os Varões Illustres do Brasil durante os tempos coloniaes; 3ª edição. 2 v. enc..... 8$000

Typ Franco-Americana, rua da Ajuda n. 18.

4$000
2$000
2$000

2$000
5$000
6$000

1$000

4$000

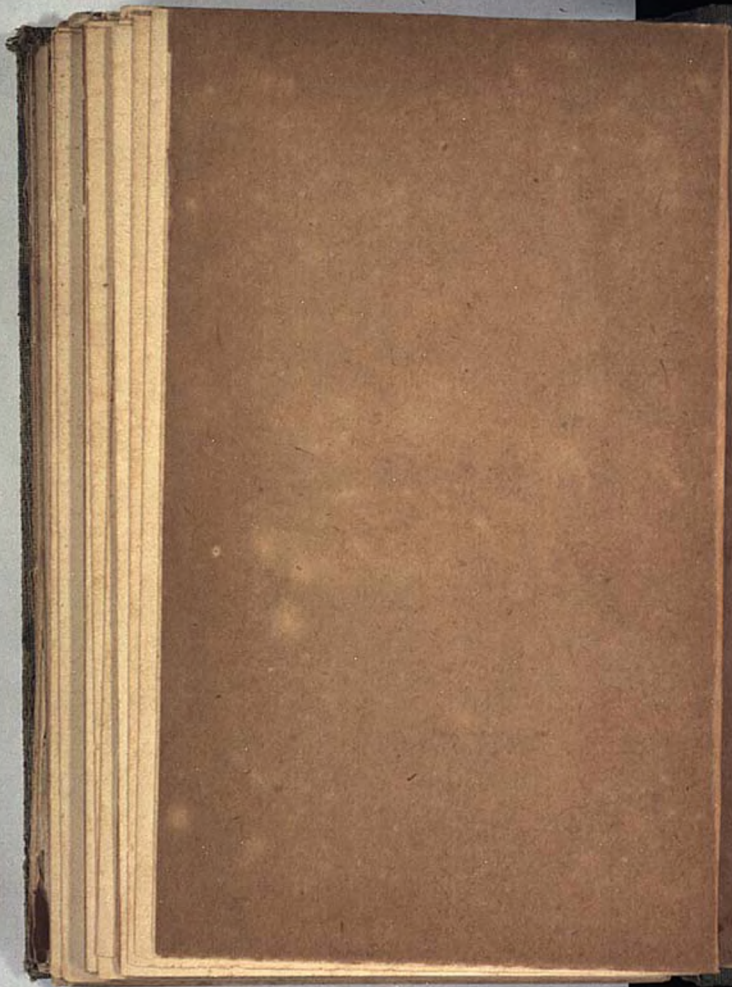
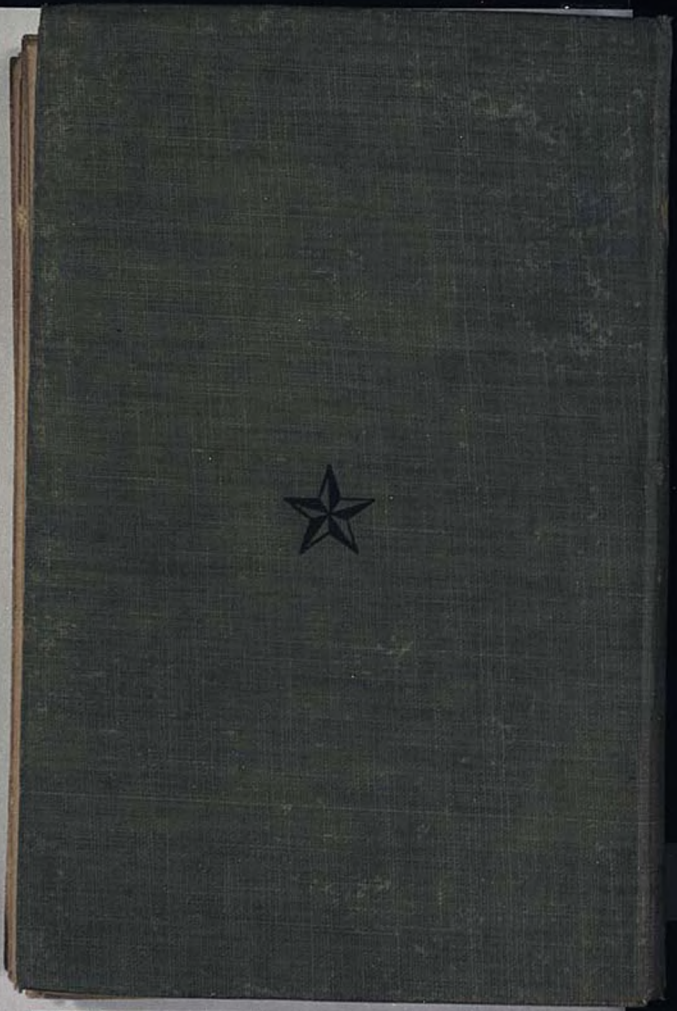
3$000
3$000
8$000

3$000

ndo os
a, tra-
3$000

12$000
10$000

3$000
3$000
6$000
4$000

1$000

volumes
37$000
s colo-
8$000